

MICHELE SCHUSTER BORBA

**PROFESSORES QUE UTILIZAM TECNOLOGIAS EM SUAS AULAS:
COMO EXPRESSAM SITUAÇÕES PEDAGÓGICAS DE SUAS
PRÁTICAS?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dra. Beatriz Maria B. Atrib Zanchet

Pelotas, 2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Dados de catalogação na fonte:
Kênia Moreira Bernini CRB - 10/920

B726p Borba, Michele Schuster.
Professores que utilizam tecnologias em suas aulas :
como expressam situações pedagógicas de suas práticas? /
Michele Schuster Borba ; Orientador: Beatriz Maria Boéssio
Atrib Zanchet. – Pelotas, 2010.
142f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de
Educação. Universidade Federal de Pelotas.

1. Educação. 2. Prática pedagógica. 3. Recursos
tecnológicos. 4. Ensino. 5. Mídias. I. Zanchet, Beatriz
Maria Boéssio, orient. II. Título.

CDD 371.33

Banca Examinadora

Profª Dra. Beatriz Maria B. Atrib Zanchet (orientadora)

Profª Dra. Maria Isabel Cunha – Unisinos

Profª Dra. Maria da Graça Pinto – UFPel

Pelotas, 2010

Ao meu pequeno Artur, que dentro de alguns anos
conhecerá a escola, na esperança que encontre uma realidade melhor.

AGRADECIMENTOS

A Deus que todos os dias me concede a graça de acordar e perceber o quanto sou feliz. A quem tenho mais o que agradecer do que a pedir.

À minha família que sempre me apóia e incentiva, que nesta trajetória soube abrir mão de mim em momentos importantes para que eu conseguisse chegar até aqui, sem a qual eu não conseguiria viver. Em especial ao meu marido, meu filho, minha mãe e minha irmã.

A todos os professores que fizeram, fazem e farão parte de minha vida escolar e acadêmica pelos bons e não tão bons exemplos deixados, que foram, com certeza, extremamente importantes para que eu me tornasse quem sou.

À Bia, que mais do que me orientar soube carinhosamente me incentivar, compreender e acreditou que eu conseguiria chegar até aqui, vencendo todos os obstáculos.

A todos os meus amigos, que compartilharam comigo os momentos de dificuldade e alegria vividos durante esta trajetória.

Ensino errado (Gabriel O Pensador)

Eu tô aqui Pra quê? Será que é pra aprender?
Ou será que é pra aceitar, me acomodar e obedecer?
Tô tentando passar de ano pro meu pai não me bater
Sem recreio de saco cheio porque eu não fiz o dever
A professora já tá de marcação porque sempre me pega
Disfarçando espiando colando toda prova dos colegas
E ela esfrega na minha cara um zero bem redondo
E quando chega o boletim lá em casa eu me escondo
Eu quero jogar botão, vídeo-game, bola de gude
Mas meus pais só querem que eu "vá pra aula!" e "estude!"
Então dessa vez eu vou estudar até decorar cumpádi
Pra me dar bem e minha mãe deixar ficar acordado até mais tarde
Ou quem sabe aumentar minha mesada
Pra eu comprar mais revistinha (do Cascão?). Não. De mulher pelada
A diversão é limitada e o meu pai não tem tempo pra nada
E a entrada no cinema é censurada (vai pra casa pirralhada!)
A rua é perigosa então eu vejo televisão (Tá lá mais um corpo estendido no chão)
Na hora do jornal eu desligo porque eu nem sei nem o que é inflação
- Ué não te ensinaram? - Não. A maioria das matérias que eles dão eu acho inútil
Em vão, pouco interessantes, eu fico pu.. Tô cansado de estudar, de madrugar, que sacrilégio
Então eu fui relendo tudo até a prova começar Voltei louco pra contar:
Manhê! Tirei um dez na prova Me dei bem tirei um cem e eu quero ver quem me reprova
Decorei toda lição Não errei nenhuma questão Não aprendi nada de bom Mas tirei dez (boa filhão!)
Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi
Decoreba: esse é o método de ensino, eles me tratam como ameba e assim eu num raciocino
Não aprendo as causas e conseqüências só decoro os fatos
Desse jeito até história fica chato Mas os velhos me disseram que o "porque" é o segredo
Então quando eu num entendo nada, eu levanto o dedo
Porque eu quero usar a mente pra ficar inteligente
Eu sei que ainda num sou gente grande, mas eu já sou gente. E sei que o estudo é uma coisa boa
O problema é que sem motivação a gente enjoa. O sistema bota um monte de abobrinha no
programa. Mas pra aprender a ser um ingonorante (...)
Ah, um ignorante, por mim eu nem saía da minha cama (Ah, deixa eu dormir)
Eu gosto dos professores e eu preciso de um mestre. Mas eu prefiro que eles me ensinem alguma
coisa que preste: - O que é corrupção? Pra que serve um deputado?
Não me diga que o Brasil foi descoberto por acaso!
Ou que a minhoca é hermafrodita, ou sobre a tênia solitária.
Não me faça decorar as capitânicas hereditárias!! (...) Vamos fugir dessa jaula!
"Hoje eu tô feliz" (matou o presidente?) Não. A aula, matei a aula porque num dava
Eu não agüentava mais e fui escutar o Pensador escondido dos meus pais
Mas se eles fossem da minha idade eles entenderiam (Esse num é o valor que um aluno merecia!)
Íííh... Sujô (Hein?): O inspetor! (Acabou a farra, já pra sala do coordenador!)
Achei que ia ser suspenso mas era só pra conversar E me disseram que a escola era meu segundo
lar. E é verdade, eu aprendo muita coisa realmente
Faço amigos, conheço gente, mas não quero estudar pra sempre! Então eu vou passar de ano,
Não tenho outra saída, mas o ideal é que a escola me prepare pra vida.
Discutindo e ensinando os problemas atuais e não me dando as mesmas aulas que eles deram pros
meus pais. Com matérias das quais eles não lembram mais nada(...)
Encarem as crianças com mais seriedade Pois na escola é onde formamos nossa personalidade
Vocês tratam a educação como um negócio (...) Quem devia lucrar só é prejudicado. Assim cês vão
criar uma geração de revoltados. Tá tudo errado e eu já tou de saco cheio
Agora me dá minha bola e deixa eu ir embora pro recreio..
Juquinha você tá falando demais assim eu vou ter que lhe deixar sem recreio!
Mas é só a verdade professora! Eu sei, mas colabora se não eu perco o meu emprego.

RESUMO

A organização da sociedade vem sofrendo diversas mudanças ao longo do tempo. Nas últimas décadas o avanço dos meios de comunicação e informação foi muito grande, não só em termos de difusão, mas também do surgimento de novas tecnologias que geram uma mudança significativa nos conceitos até então existentes a respeito da comunicação e na forma de compreender o espaço e a sociedade. Os meios de comunicação passam a fazer parte do cotidiano das pessoas, cercando-as por todos os lados, gerando diversas alterações em seus estilos de vida. Entretanto, um público em especial está bem mais familiarizado com as novidades tecnológicas: os jovens. Conectados ao mundo através de diversos canais, os jovens estão inseridos no mundo de uma forma diferente daquela registrada há alguns anos. Com a mudança da realidade individual, há também mudança na realidade coletiva, nos mais diversos setores da sociedade, incluindo a escola. Na tentativa de acompanhar o novo cenário, transformado pelos avanços tecnológicos, que impõem novos ritmos e dimensões à tarefa de ensinar e aprender, algumas escolas apostam na incorporação de tecnologias como fenômeno significativo de mudança. Assim, este estudo procura descrever o atual cenário educacional e as expectativas que existem em torno das questões a ele relacionadas, que incluem desde a organização curricular até a atuação do professor em sala de aula. A pesquisa foi realizada em duas escolas do município de Pelotas e a amostra contou com cinco professores do ensino médio que utilizam recursos tecnológicos em suas aulas. Procuramos então, através de observações e entrevistas semi estruturadas com os professores, melhor compreender como eles expressam suas práticas em relação aos aspectos pedagógicos quando utilizam recursos tecnológicos em suas aulas.

Palavras-chaves: prática pedagógica - recursos tecnológicos - ensino e mídias

ABSTRACT

The society organization has been suffering several changes all of the time. At the last decade the advance of means of communication and information was great a lot, not only on diffusion terms, but even at appearing of new technologies that produce a significant change on concepts that yet exist concerning communication and the manner of to understand the space and the society. The means of communication get through a part of daily people, surrounding them for all the sides, producing several alterations in their lifestyle. However, a special public is more familiar with new technologies: the young people. Connected at the world by various channels, the young people are inserted in world by a different form of that registered many years ago. With changed of individual reality, there is a collective reality change, in many different sections of society, including the school. In an attempt to attend the new setting, transformed by technological advances, that impose new rhythm and dimensions to task of learn and teach, some schools bet at incorporation of technologies as a significant phenomenon of change. So, this study search to describe the actual educational setting and expectations that exist around questions connected to it, that include since the course organization until the teacher's actuation in classroom. The research was been realized in two municipal schools of Pelotas town and the sample have counted with five high school teachers that use technological resources in their classes. We search through these observations and semi structured interviews with teachers, to understand much better how they express their practices in relation to the pedagogical aspects when they use technological resources in their classes.

Keywords: pedagogical practice - technological resources - education and media

SUMÁRIO

1. Introdução	9
2. Nas lembranças, o encontro da origem do estudo	11
3. Percurso metodológico.....	16
3.1. As escolas que participaram da pesquisa	16
3.2. A amostra, procedimentos e instrumentos adotados para a coleta de dados	20
4. A sociedade da informação	23
4.1. Jovens: como são/estão frente ao cenário da sociedade da informação	27
4.2. O jovem e sua “relação” com as mídias	30
5. A escola de hoje: desafios, expectativas e possibilidades	35
6. Professores e alunos em sala de aula: como vemos a convivência entre sujeitos oriundos de “mundos diferentes”	46
6.1. Professores: caminhando à luz de velas em meio à tempestade.....	49
7. Analisando os dados obtidos: um olhar sobre as expressões dos entrevistados..	54
8. Conclusão	69
Referências	72
Anexos	78

1. INTRODUÇÃO

Estamos vivendo uma época de inúmeras mudanças, grande parte, senão a maioria delas, resultado dos crescentes avanços da tecnologia nos mais diversos setores da sociedade. Entretanto, um aspecto que chama nossa atenção é o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, as chamadas TIC's, que nos últimos anos têm ampliado o nosso acesso à informação e facilitado a comunicação entre as pessoas através da criação de novos canais de acesso. Desta forma vão ganhando espaço e chegam até a escola, onde passam a fazer “companhia” aos tradicionais quadro e giz e se incorporam à prática de muitos professores durante as aulas. Assim, surge a pergunta que dá sentido a este trabalho: **professores que utilizam tecnologias em suas aulas: como expressam situações pedagógicas de suas práticas?**

Em busca de possíveis respostas a questão que nos instigou a pesquisa, percorremos um caminho abordando aspectos que poderiam nos ajudar a melhor compreender a situação vivida pelos jovens, por professores e escolas em uma sociedade que atualmente vive num mundo rodeado por TIC's.

No primeiro capítulo, faremos uma retomada da trajetória da pesquisadora, salientando fatores importantes sobre suas escolhas ao longo da vida escolar, acadêmica e profissional que a trouxeram até o curso de pós graduação em educação e, principalmente, que despertaram o interesse da mesma em realizar este trabalho.

O segundo capítulo será dedicado às questões metodológicas pertinentes a esta pesquisa, esclarecendo as opções realizadas, bem como traçando um perfil das escolas onde fizemos o trabalho. Ainda abordaremos aspectos relevantes sobre a amostra, procedimentos e instrumentos escolhidos para a coleta dos dados.

No terceiro capítulo, teremos uma breve análise sobre a sociedade da informação, salientando as principais mudanças ocorridas em nosso estilo de vida em função do contato com as mídias.

No quarto capítulo, trataremos de um público especial com o qual trabalham diretamente os professores sujeitos deste nosso trabalho: os jovens. A fim de compreender melhor a juventude, num primeiro momento, fizemos algumas considerações gerais sobre esta fase da vida pela qual todos passamos e

posteriormente, abordamos aspectos relacionados aos jovens e sua relação com as mídias.

No quinto capítulo, refletiremos sobre algumas questões relativas à atual situação das escolas, trazendo algumas considerações que pretendem nos ajudar a compreender melhor as dificuldades encontradas por esta importante instituição, bem como apontar caminhos que possam ajudá-la a vencer os desafios.

No sexto capítulo, iremos tratar de questões relacionadas aos sujeitos deste trabalho: os professores. Primeiramente, fazendo referência à forma como percebemos a convivência entre este e seus alunos e abordando aspectos que, por vezes, torna a relação ainda mais complexa e desafiadora. Depois, em um segundo momento, destacaremos brevemente algumas questões relacionadas a formação dos professores e os reflexos desta na forma como os docentes desempenham seu papel.

No sétimo capítulo, à luz da teoria, faremos uma análise dos dados obtidos através da realização das entrevistas e observações realizadas no decorrer deste trabalho.

Por fim, ousamos escrever uma conclusão, mesmo que provisória, já que no mundo das TIC's qualquer conclusão poderá estar ultrapassada no momento que a escrevemos.

2. NAS LEMBRANÇAS, O ENCONTRO DA ORIGEM DO ESTUDO

Na tentativa de encontrar a resposta ao questionamento “o que me trouxe até aqui?”, faço uma viagem ao estilo “túnel do tempo” e volto à primeira experiência vivida na escola, ao meu primeiro jardim da infância, na Escola Ministro Fernando Osório. Digo primeiro, pois, ao contrário da maioria das crianças da minha época, freqüentei o jardim da infância durante três anos, porque na época não existiam as escolinhas maternas. Guardo com muito carinho as recordações do tempo do jardim e da professora Sueli, pessoa extremamente dócil, atenciosa e dedicada que me acolheu amorosamente na turma. O fato de ser menor do que o restante dos alunos, já que tinha três anos e meus colegas cerca de cinco anos, me dava certas “vantagens” como não precisar assistir toda a aula. Assim, quase que diariamente deixava a sala de aula e rumava para o audiovisual da escola, onde minha avó trabalhava. Ali, envolta por sons e imagens, mergulhava em um mundo encantado, do qual saía somente ao final da tarde.

Nos anos seguintes, as visitas foram se tornando menos frequentes, pois o compromisso de estar presente em aula ia aumentando. Ainda assim, sempre que possível, lá estava eu, sentada em frente à parede, esperando ansiosamente a imagem se fazer presente frente aos meus olhos. Lembro muito bem do som emitido pelo projetor de “slides”. Os “cliques” soavam como música, prestes a revelar uma nova imagem.

O fim da etapa do jardim da infância trouxe inúmeras mudanças, entre elas, a ida para uma outra escola. O início da adaptação não foi fácil. Professora, colegas, salas diferentes e a falta da sala de audiovisual. Com o passar do tempo, fui me adaptando e mais rápido do que se poderia imaginar, já estava totalmente ambientada. Ingressei na 1ª série já alfabetizada, o que por vezes tornava as atividades de pintura das folhas da “cartilha” o único atrativo da aula.

Os demais anos transcorreram normalmente, até que a quarta série trouxe consigo, novamente, outra mudança de escola. Uma longa greve foi motivo para que fosse transferida para uma escola particular. Desta vez, além de colegas e professores, também a grade curricular era diferente. Até o final do ensino fundamental ocorreram outras duas transferências de escola, mas a mudança mais significativa a qual exigia mais atenção era a escolha do caminho a seguir no ensino médio.

Como ainda é costume, no último ano do ensino fundamental, as escolas promovem uma visita às instituições que oferecem cursos técnicos, a fim de que os alunos possam conhecer melhor as opções existentes. Acompanhando meus colegas, fui a uma destas “incursões desbravadoras”, realizada na Escola Técnica Federal de Pelotas, hoje IF Sul. A visita já se encaminhava para o final e nenhum dos cursos apresentados até então havia chamado minha atenção, quando o guia da visita abriu a porta de um laboratório do curso de Telecomunicações. Uma sala repleta com os mais modernos computadores surgiu em minha frente e naquele exato momento fiz minha escolha: iria cursar Telecomunicações. Aprovada no processo seletivo, ingressei na então Escola Técnica Federal de Pelotas -.ETFPel.

O primeiro ano era comum a todos os alunos, independente da escolha do curso e foi durante esse ano que descobri que o curso escolhido não era bem o que esperava. A tão sonhada sala de computadores só seria visitada no último semestre. O curso tinha como base a manutenção em aparelhos telefônicos e o aluno passava a maior parte do tempo construindo circuitos eletrônicos. Desapontada, procurei entre os demais cursos algum que pudesse substituir minha primeira opção, pois naquela época ensino médio e técnico eram integrados. A escolha foi pelo curso de Química Industrial. Durante os três anos do curso fui descobrindo habilidades que até então não imaginava possuir e a idéia de dedicar meu futuro ao trabalho com a química deixou de ser algo remoto, assumindo lugar de especial destaque. Chegada a hora do vestibular fiz minha opção: Química de Alimentos, curso que teria início naquele ano.

Contrariando minha própria expectativa, uma vez que não fiz cursinho pré-vestibular, fui aprovada e assim, em 1997, tornei-me aluna da UFPel.

O início das aulas gerou grande ansiedade, pois passava a fazer parte de um ambiente totalmente novo, a Universidade. No entanto, com o passar do tempo a expectativa foi cedendo lugar ao desapontamento. Laboratórios mal equipados, “reagentes que não reagem”, disciplinas com conteúdos repetitivos e pouco atrativos, balanças que não eram precisas, aulas sobre “como preparar geléias”. Ao fim de um ano e meio, decidi fazer um estágio em uma indústria de alimentos. A experiência reafirmou algo que eu vinha percebendo: aquele não era o futuro profissional que eu desejava. Tranquei a matrícula e fui em busca daquilo que, na época do ingresso na UFPel, talvez não tivesse clareza suficiente para perceber ser o que realmente gostaria de fazer: trabalhar na área da comunicação.

Assim, no ano de 1999, iniciei o curso de Publicidade e Propaganda, ingressando na Universidade Católica de Pelotas. A magia que envolve os processos de comunicação sempre me interessou. Ao contrário de muitos, que aproveitam o horário do intervalo para “zapear” por outros canais, eu assistia aos comerciais com muita atenção.

Durante a trajetória do curso, pude perceber que a influência da mídia na vida das pessoas vai além do que podemos imaginar. São os meios de comunicação que ditam as modas, criam tendências, determinam o que é “certo e errado”, o que devemos ou não comprar. Aprendi que existem técnicas específicas, cores e palavras certas a serem usadas para atingir o objetivo desejado.

Estas descobertas aumentaram ainda mais o interesse em estudar as modificações que os meios de comunicação causam na sociedade e o poder que eles detêm.

Através daquele estudo, um fenômeno chamou minha atenção: a globalização. A partir de então, passei a pesquisar sobre o tema a fim de dissertar sobre o mesmo em meu trabalho de conclusão de curso, cujo foco foi “A influência do processo de globalização na comunicação das empresas”.

Desde então, os assuntos relacionados às tecnologias utilizadas nos processos de comunicação e os avanços verificados nos mesmos vêm sendo objeto de meu interesse e alvo de leituras e pesquisas. Recentemente, minha preocupação voltou-se, também, para a utilização das tecnologias nas escolas.

No ano de 2001, ingressei no mercado de trabalho, assumindo o cargo de Coordenadora da Assessoria de Comunicação do SANEP – Serviço Autônomo de Saneamento de Pelotas. Durante estes anos, tenho desenvolvido diversos trabalhos inerentes à área da comunicação. No entanto, aqueles aos quais dedico a maior parte de minha atenção e empenho são os de cunho educativo. Essas atividades envolvem a criação de veículo de comunicação interno da Autarquia, participação no desenvolvimento de campanhas publicitárias institucionais e educativas, organização de ciclos educativos de palestras, confecção de materiais educativos sobre temas ligados à área de saneamento, bem como distribuição dos mesmos aos alunos e escolas que, quase diariamente, procuram a Autarquia para obter informações sobre saneamento. Em alguns casos, os alunos chegam em busca de respostas a perguntas que eles mesmos não sabem o que significam e, ao ouvirem

as respostas, sempre que possível contextualizadas às suas realidades, surpreendem-se com as descobertas.

Isto tem me permitido um maior contato com os alunos das escolas da cidade e, portanto, passou a atrair meu olhar ainda mais atento sobre as questões escolares. Foi desenvolvendo este trabalho que percebi que, de alguma forma, “sou professora” desses jovens!

Venho de uma família onde mãe, avó, tia, tio e primo são professores e a profissão é, sim, muito valorizada, ao contrário do que ocorre em diversos casos atualmente. Assim, o contexto escolar fez e faz parte de minha vida. Diversas recordações ligadas à escola estão presentes em minha memória. Cresci em meio a provas, redações, matrizes e cadernos de chamada, ouvindo considerações e também relatos de lamento sobre a situação da escola.

Quando cursava o quinto ano do ensino fundamental, decidi “ajudar” a empregada da casa de minha avó a estudar, sem que ela me pedisse. Era uma senhora por volta dos quarenta e cinco anos e havia cursado até o terceiro ano do ensino fundamental. Então, elaborei um horário e uma grade curricular que abordava os assuntos cuja importância eu julgava maior e, diariamente, enquanto ela cozinhava, eu subia em um banco e “passava a matéria” no quadro, neste caso a porta da cozinha. As provas aconteciam ao final de cada nova lição e como não havia tempo para que ela respondesse as questões por escrito, as avaliações eram orais. Depois, aos doze anos, não sei através de qual método, me surpreendi ao perceber que havia pré-alfabetizado meu primo, na época com cinco anos de idade. A imagem daquele menino de cabelos pretos bem lisinhos sorrindo ao ler a primeira palavra, é algo que até hoje permanece em mim. Novamente me vi na condição de professora.

Lembro de inúmeras vezes, durante a adolescência, entrar pela madrugada ditando as médias dos alunos para que minha mãe pudesse entregar os diários escolares sem nenhuma rasura.

Analisando o comportamento das crianças e dos jovens atualmente, entre estes aqueles com os quais tenho contato através do trabalho, e os que são personagens das histórias que permeiam as conversas com minha mãe, pude perceber algo de diferente em relação às gerações passadas. A proximidade constante com o contexto escolar, aliada ao interesse pela influência que os meios de comunicação são capazes de exercer sobre nossas vidas, ambos assuntos que

me rodeiam e fascinam, começaram a aparecer cada vez mais intrinsecamente ligados e revelar, assim, a possível viabilidade de um estudo onde fosse possível analisar a maneira como a escola e, sobretudo, os professores desenvolvem suas práticas junto a e com estes jovens, cuja forma de ser/estar no mundo e viver na sociedade atual é diferente dos jovens da minha geração, situação decorrente do acesso às mídias.

Assim, com as palavras que durante toda vida ouvi de minha mãe soando claramente, em alto e bom som em meu ouvido “no dia em que eu não acreditar mais que eu, como professora, posso ajudar a modificar a vida de um aluno que seja, não terei mais motivos para entrar em uma sala de aula”, busquei a Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas para tentar encontrar suportes teóricos os quais me auxiliassem a investigar a prática dos professores que diariamente se deparam com o cotidiano escolar.

Através deste trabalho, irei direcionar minha atenção à sala de aula, aos sujeitos envolvidos no processo de educação, buscando analisar: Como os professores que utilizam tecnologias em suas aulas expressam situações pedagógicas de sua prática?

3. PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa

Durante este trabalho, nossa expectativa foi entender como os professores que utilizam recursos tecnológicos expressam os aspectos pedagógicos levados em conta quando escolhem utilizar os recursos tecnológicos em suas aulas.

Para a realização da pesquisa foi necessário percorrer várias escolas que, além de ter algum recurso tecnológico, tivessem também professores que os utilizassem e fossem disponíveis para participar da pesquisa.

Este foi um dos problemas enfrentados para a realização da pesquisa, pois foram poucas as escolas que se dispuseram a nos receber e a nos colocar em contato com os professores que utilizam os recursos tecnológicos.

A opção metodológica para este estudo está inserida nos princípios da pesquisa qualitativa, em especial, com caráter etnográfico. Nessa abordagem os fenômenos são apreendidos numa dimensão de contextualização e percebidos como socialmente produzidos. Lüdke e André (1986), citando Wolcott, explicitam que “para esse autor, a etnografia em educação deve envolver uma preocupação em pensar o ensino e a aprendizagem dentro de um contexto cultural amplo” (p. 14).

Cunha (1998), elucida esta idéia dizendo que “a etnografia parte do pressuposto de que aquilo que a pessoa diz ou faz está moldado consciente ou inconscientemente pela situação social” (p. 52).

O pesquisador assume o papel de sujeito colocando-se numa posição de não neutralidade para compreender e explicar o fenômeno investigado com a possibilidade de imersão na realidade pesquisada procurando, através de descrição densa, captar os significados das experiências numa perspectiva cultural e política.

Na investigação aqui proposta está presente a ótica de que a pesquisa não é uma realidade definitiva, nem dogmática, embora não prescindida do rigor para um trabalho percuciente. Vale lembrar o que diz Oliveira (1998, p. 17), quando estuda a importância do método na construção da pesquisa em ciências humanas:

(...) o método não representa tão-somente um caminho qualquer entre outros, mas um caminho seguro, uma via de acesso que permita interpretar com a maior coerência e correção possível as questões sociais propostas num dado estudo, dentro da perspectiva abraçada pelo pesquisador. (OLIVEIRA, 1998, p.17)

3.1. AS ESCOLAS QUE PARTICIPARAM DA PESQUISA

É comum ouvirmos ou lermos algo como: “Garanta uma educação de qualidade para seu filho matriculando-o em nossa escola, pois aqui você encontra os mais atualizados recursos tecnológicos que ajudam o aluno a aprender”.

Nesta perspectiva, cresce o número de escolas que anunciam uma educação diferenciada e porque não dizer, revolucionária, diferente de tudo o que já se viu, justificando tal diferença pelo uso das tão modernas tecnologias, desde as séries iniciais. Os pais, por sua vez, na busca de tentar “garantir” um futuro melhor para seus filhos, investem altas quantias em mensalidades escolares, julgando ser isto o suficiente para obterem o retorno esperado.

Do outro lado, encontram-se as escolas públicas, que nos últimos anos vêm dando os primeiros passos no que diz respeito à inclusão das tecnologias em sala de aula. Muitas já possuem laboratórios de informática, entretanto nem todas contam com estes recursos, ficando em desvantagem frente às escolas particulares quando observamos este quesito.

Tal situação pode ser explicada pelo fato que, na maioria dos casos, as escolas particulares, além do caráter lucrativo, possuem autonomia administrativa para gerenciar o seu capital, investindo naquilo que julgarem adequado quer na estrutura física ou nos recursos humanos. Em contrapartida, as escolas públicas dependem dos recursos destinados pelo governo, seja este municipal, estadual ou federal, para a aquisição de equipamentos, o que pode significar um longo período de espera.

Assim, para a realização desta pesquisa, pensou-se inicialmente em realizar a observação em duas escolas, uma da rede pública e outra da rede particular de ensino, a fim de observar (caso existissem) quais as principais diferenças entre ambas no que diz respeito à disponibilidade de recursos midiáticos/tecnológicos e a forma como estes eram oferecidos a professores e alunos para a realização dos trabalhos em sala de aula.

Desta forma, dentre os vários estabelecimentos de ensino existentes na cidade que visitamos, os educandários participantes do trabalho foram escolhidos de acordo com a disponibilidade em participar da pesquisa. A descrição individual de cada uma das escolas segue abaixo.

a) Escola particular

A escola particular onde foram realizadas as observações é de pequeno porte, localizada em um bairro distante do centro da cidade e cujo poder aquisitivo da comunidade é relativamente baixo. Este educandário que atualmente possui cerca de 400 alunos tem por base princípios religiosos cristãos luteranos e é ligada à rede Alemã Sinodal de Educação. Cerca de 35% dos professores possuem especialização na área onde desenvolvem seu trabalho.

A unidade de Pelotas foi fundada em 1959 e no ano de 1965 mudou-se para o mesmo local em que funciona atualmente. Nos anos seguintes, a sede foi sendo reformada, ampliada e recebendo diversas melhorias. Em 1984, foi implantado o primeiro laboratório de ciências e, em 1991, o primeiro laboratório de informática do educandário.

Até o ano de 1993 o Colégio oferecia à comunidade pelotense apenas a formação no ensino fundamental, sendo implantado no ano seguinte o Ensino Médio.

A escola oferece aos alunos, em turnos inversos, aulas de informática, inglês, dança, taekwondo, futsal e atividades tradicionalistas. O espaço físico é amplo, possui ginásio coberto destinado à prática de esportes, além de grande área arborizada ao ar livre, ainda contando com uma biblioteca e sala de audiovisual.

Observações gerais sobre a escola

Durante as observações, foi possível perceber que os professores desenvolvem atividades interdisciplinares, de forma que os alunos possam fazer correlações entre as várias disciplinas através de projetos conjuntos realizados durante o decorrer do ano acadêmico.

Cabe salientar que, muitas vezes, os projetos planejados conjuntamente proporcionam ao aluno possibilidades de uma leitura mais abrangente dos temas que irão estudar ao longo do ano.

O educandário conta com diversos computadores e adquiriu recentemente um aparelho de projeção (Data Show), o qual é disponibilizado para utilização durante as aulas. O aparelho, que pode ser transportado a qualquer um dos ambientes da escola, faz parte do cotidiano das aulas dos estudantes desde as séries iniciais do ensino fundamental. Entretanto, a ampla utilização do equipamento

fica comprometida por outros fatores indispensáveis para o perfeito funcionamento do conjunto:

- Ainda que houvesse uma caixa amplificadora, todos os cabos de som existentes na escola necessários para que fosse possível ouvir o áudio dos trabalhos apresentados, estavam danificados, impedindo a todos de escutarem o som.

- O aparelho foi instalado muito próximo do pequeno quadro da sala, no qual foi feita a projeção, resultando em uma imagem maior do que a base onde foi projetada, dificultando a visualização do conteúdo.

b) Escola pública

A escola tem uma história que já ultrapassa os 90 anos. Atualmente estão em funcionamento quinze Cursos Técnicos de Nível Médio, cinco Cursos Superiores de Tecnologia e uma Engenharia, bem como Cursos de Pós-graduação, Formação Pedagógica e Educação à Distância.

Esta unidade atende anualmente cerca de 4000 alunos e conta com 120 laboratórios, 41 oficinas e 55 salas de aula, dentre as quais estão as chamadas salas ambientes, locais onde são disponibilizados equipamentos de multimídia, sendo estes computadores, projetor (Data Show) e caixas de som. O Instituto conta com ampla biblioteca, auditório central, cinco miniauditórios, ginásio coberto, pista de atletismo e piscina térmica.

Nessa breve retomada histórica é possível afirmar que esta escola esteve sempre voltada para a formação de técnicos e esta é uma condição que requer a constante atualização em aparatos necessários para tal.

Algumas observações

A escola possui uma ótima infraestrutura no que diz respeito à quantidade de aparelhos existentes, tanto de computadores como de projetores.

Entretanto, em alguns aspectos, a utilização desta estrutura fica comprometida:

- Mesmo havendo em uma das salas quinze computadores disponíveis para

uso, apenas sete destes funcionavam, estando o restante necessitando de algum tipo de manutenção.

- Nas duas salas onde foram realizadas as observações, não havia aparelho de sonorização adequado, sendo utilizadas para a veiculação do áudio apenas as caixas de som existentes no computador, o que tornava difícil a audição.

- Os computadores aparentavam ser relativamente antigos.

- As salas eram amplas e a disposição das classes e aparelhos existentes estavam bem adequados.

3.2. A AMOSTRA, PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS E INSTRUMENTOS

A análise deste trabalho foi feita com base nas expressões de 5 professores entrevistados e que permitiram a inserção da pesquisadora como observadora nas suas aulas. Desta forma, pudemos ter como objeto de análise também as observações que realizamos nas aulas onde foram utilizados os recursos tecnológicos.

A escolha dos professores, assim como a das escolas, foi baseada na disponibilidade dos mesmos em participarem da pesquisa. No primeiro contato da pesquisadora com a coordenação pedagógica de cada um dos estabelecimentos de ensino, foi solicitado que indicassem, se possível, um professor de cada disciplina que utilizasse algum tipo de recurso midiático em suas aulas, a fim de que pudessemos compor a amostra da forma mais abrangente e variada possível. Entretanto, a solicitação não foi atendida na íntegra, sendo possível constituir amostra com cinco professores que se mostraram disponíveis. Então, trabalhamos com os professores¹: A, B, C, D e E das disciplinas de História, Matemática, Biologia, Literatura e Português.

A professora “A”, da qual foram observadas duas aulas, trabalha com a disciplina de História, na escola pública. Foi possível observar que suas aulas eram bem dinâmicas, permanecendo os alunos atentos e participativos durante todo o

¹ Mesmo com o consentimento optamos por não identificar os professores durante o texto, chamando-os de A, B, C, D e E.

período. A professora mantém um ótimo relacionamento com os estudantes, o que pode ser percebido pela maneira como a tratavam e vice-versa. A relação, em nenhum momento pareceu ser de autoritarismo. A professora possui um ótimo domínio do conteúdo abordado, transitando livremente por este de acordo com os questionamentos feitos pelos alunos. Quando convidada a participar da pesquisa aceitou prontamente, demonstrando grande interesse e disponibilidade para nos receber. Com 42 anos de carreira, “A” é professora substituta e faz curso de especialização à distância.

A professora “B”, da qual foram observadas três aulas, leciona a disciplina de Matemática, também na escola pública. Durante as observações de suas aulas pareceu-nos as mesmas não serem tão atrativas aos alunos, visto que durante quase todo o tempo mantiveram-se dispersos, alheios ao que estava sendo proposto. Também “B” não parecia tentar propor algo novo, visto ter utilizado o “software” apresentado para que os estudantes refizessem exercícios já resolvidos manualmente. Formada há 2 anos, “B” é professora substituta e foi bastante solícita em atender-nos quando procurada.

Já a professora “C”, da qual foram observadas três aulas, tem 25 anos de carreira, trabalha com a disciplina de Biologia, na escola particular. A professora demonstra bastante entrosamento com os alunos, mantendo um ambiente bastante agradável nas aulas. Durante o decorrer destas, os alunos tinham liberdade de questionar a professora a qualquer momento, caso houvesse dúvidas. A professora possui ótimo domínio do conteúdo, fazendo correlações práticas que tentavam exemplificar os assuntos tratados. Quando do convite em fazer parte desta pesquisa, “C” demonstrou enorme interesse, tendo nos recebido muito bem na escola.

A professora “D”, da qual foram observadas quatro aulas, há 23 anos em sala de aula, leciona a disciplina de Literatura, na escola particular. Pudemos observar que a professora busca ao máximo diversificar a forma como conduz as aulas, a fim de que sejam atrativas para os alunos. A cobrança em relação ao cumprimento das atividades propostas é bastante rígida, o que não parece causar nenhum tipo de descontentamento aos educandos, ao contrário, ambos, alunos e

professora, se relacionam muito bem. Convidada a ser sujeito desta pesquisa, “D” aceitou o convite com grande satisfação.

Já a professora “E”, da qual foram observadas quatro aulas, há 5 anos em sala de aula, trabalha a disciplina de Português, na escola particular. A professora, que aceitou imediatamente o convite para participar deste trabalho, busca manter com seus alunos uma relação bem próxima, de amizade e com grande teor de afeto. Os alunos retribuem a atenção recebida por parte de “E”. Foi possível observar que mantém o foco das aulas no trabalho proposto, o que não a impede de permitir a intervenção dos estudantes e de conduzir a aula de maneira descontraída.

Os procedimentos e instrumentos adotados para a coleta de dados foram os seguintes:

a) As entrevistas semiestruturadas que, através das questões, procuraram fazer com que os professores falassem sobre as escolhas das tecnologias e sobre as propostas que permeiam suas práticas;

b) As observações de aulas, as quais constituíram-se em um diário de anotações, com os registros das expressões dos alunos e dos professores quando manuseavam as tecnologias ou discutiam com os professores o conteúdo em estudo.

c) Vídeos e fotografias também tornaram-se importante material de análise, pois, através deles pudemos retomar as expressões dos alunos e professores durante as aulas que observamos.

Essas foram as principais fontes que possibilitaram a definição das dimensões de análise que foram analisadas à luz do referencial estudado as quais serão analisadas nesse estudo.

4. A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

O avanço dos meios de comunicação e da tecnologia da informação têm gerado inúmeras alterações na natureza do trabalho e, na mesma direção, parece estar alterando as habilidades necessárias para que as crianças e jovens possam ser adultos integrados na “nova” sociedade da informação. Gadotti (2000) nos diz que

Nas últimas duas décadas do século XX assistiu-se a grandes mudanças tanto no campo socioeconômico e político quanto no da cultura, da ciência e da tecnologia.(...) As transformações tecnológicas tornaram possível o surgimento da *era da informação*. (GADOTTI, 2000, p.3)

Gadotti nos fala sobre as mudanças no campo da tecnologia que possibilitaram o surgimento da era da informação. Entretanto, antes de passarmos a analisar as conseqüências destas mudanças em nossas vidas, parece-nos necessário fazer algumas reflexões sobre tecnologia.

Após diversas leituras de conceitos sobre tecnologias, consideramos o trazido por Kenski (2007, p. 24), aquele que parece o mais abrangente possível. Diz a autora, “ao conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade, chamamos de tecnologia”. Desta forma, Kenski busca desmistificar um pouco a idéia do senso comum de que as tecnologias estariam única e exclusivamente ligadas às máquinas. A autora ainda cita o caso das próteses, óculos, que segundo ela, ainda que possamos não perceber, são tecnologias que ajudam-nos a viver mais e melhor.

Entretanto, no caso específico desta pesquisa, o aspecto das tecnologias que mais nos interessa é aquele ligado às telecomunicações, que Kenski (2007, p. 25), afirma caracterizarem-se “por serem evolutivas”, ou seja, estarem “em permanente transformação”.

Vivemos a era digital, o mundo imediato onde os acontecimentos são mostrados em tempo *quase real*, e a informação se dá de forma simultânea. Estar *on-line* parece ser uma expressão de ordem.

Precisamos pensar que a televisão, os jogos virtuais, o computador, a *internet*, vieram para ficar. Nesta perspectiva, cada vez mais, parecem ser

indispensáveis os computadores, telefones celulares, televisores, BIP's e um universo de programas que nos ajudam a estar “por dentro” e garantir nossa “inclusão” no mundo digital.

Algumas atividades do cotidiano que para serem realizadas há algum tempo, exigiam nossa movimentação para vários lugares, hoje podem ser resolvidas através da *internet* com um simples *clicar* de botão.

Nosso estilo de vida sofre alterações e, conseqüentemente, gera também uma mudança na forma de como percebemos aquilo que nos rodeia. A comunicação do tempo de nossos antepassados, feita através de cartas que poderiam levar dias, semanas ou até mesmo meses para chegarem ao destino, parece ser algo irreal, com a qual seria impossível conviver nos dias atuais. O correio hoje é eletrônico, viaja a uma velocidade inimaginável alterando nossas percepções de distância e de espaço. Sentados em frente à tela, estamos *plugados* ao resto do mundo, podemos viajar sem sair do lugar, falar com dezenas de pessoas, ainda que sozinhos em nossa casa.

Neto (2003) comenta que, atualmente, “é muito difícil escaparmos às interpelações da mídia²”. E é através do bombardeio diários de mensagens, com os mais diversos apelos que ela vai nos seduzindo, fazendo surgir em cada um de nós, como o autor anuncia, “tanto o *desejo* de consumir, quanto a *ilusão* de pensar que somos livres nas nossas escolhas dos bens e serviços que consumimos. Somos ensinados a *desejar* e a *imaginar* que somos livres”(Neto, *In* Costa, 2003, p. 124)

Essa invasão que molda, dita regras, costumes e moda não acontece do dia para a noite, ela ocorre lentamente, de forma sutil e assim, quando percebemos, já estamos à mercê daquilo que a mídia nos impõe. Pode parecer exagero, mas não podemos menosprezar o fato de que vivemos em um mundo capitalista, onde o consumo é cada vez mais estimulado a todas as faixas etárias. Buckingham (2008) relata que

² O termo mídias será utilizado fazendo referência aos meios de comunicação mais utilizados atualmente, segundo nosso entendimento, sendo estes: TV, computador e telefone celular.

Los niños se han convertido en un nicho de mercado cada vez más importante, como es obvio a partir de la permanente expansión de los canales de televisión especializados y dirigidos a ellos (en Gran Bretaña hay veintidos en la actualidad) y el crecimiento de la oferta en la Internet. (BUCKINGHAN, 2008, p. 107)³

Assim, na sociedade atual, somos alvo dos apelos consumistas desde muito cedo. Talvez isto explique o fato de que as crianças sejam, muitas vezes, capazes de reconhecer os produtos por suas marcas. Klein (2000, p. 51) cita o caso de uma criança “de sete anos que responde ao seu dever de casa não com um X, mas com pequenos *swooshs*⁴ da Nike em vermelho”. Este é apenas um exemplo que ilustra o quão forte é a influência da mídia sobre todos e que nos possibilita perceber o poder que os meios de comunicação têm, uma vez que eles detêm o controle das informações que circulam. Escolhem como, quando e o quê irão veicular, de acordo com o que mais interessa a eles ou aos seus patrocinadores, a fim de tentar obter os resultados desejados.


O principal objetivo desta incursão massiva sobre nós, cidadãos, é o de modelar o comportamento dos indivíduos. A pressão constante em busca da padronização das idéias deixa um espaço cada vez menor para a real expressão das pessoas. Ainda que nem todas as mensagens sejam absorvidas, tendo em vista os “filtros” pessoais de cada um, o apelo surte um grande efeito. Daí, talvez, seja decorrente o fato de que precisamos possuir cada vez mais bens, objetos e serviços à nossa disposição para suprir nossas “necessidades básicas”.

Dupas (2000) explica que

As novas tecnologias geram produtos de consumo radicalmente novos. Ondas de entusiasmo, apoiadas e lançadas por todos os meios de comunicação, propagam-se instantaneamente. O homem volta a ser rei exibindo a sua intimidade com os objetos de consumo ou identificando-se com os novos ícones, os heróis da mídia eletrônica transformados eles mesmos em mercadoria ou identificados com marcas globais. (DUPAS, 2000, p. 14-15)

Desta forma somos levados a acreditar que “precisamos” de um novo modelo de telefone celular - ainda que o nosso funcione perfeitamente -, que um

³ Durante toda a escrita deste projeto optamos por usar o idioma original dos autores, ou o idioma de tradução da obra a qual tivemos acesso.

⁴  Logo da NIKE. A utilização desta marca é, para os jovens, sinônimo de estar “na moda”.

novo aparelho de TV irá transformar a forma como vemos o mundo. A mídia veicula assim o discurso do mercado, para o qual, afirmam Campos e Souza (2003)

(...) todos somos iguais. As mercadorias têm que ser novas, da moda. Devem captar as mais insignificantes mudanças, que constituem o mito da novidade permanente que impulsiona crianças, adolescentes e adultos. O consumidor, apto à entrada no mercado, é uma espécie de colecionador às avessas, colecionando atos de exposição. (...) Uma vez adquirida, a mercadoria perde sua alma (CAMPOS E SOUZA, 2003, p.15).

Estamos, assim, à mercê da mídia e de tudo o que ela nos impõe. Isto ocorre de forma tão significativa porque, segundo Fischer (2002), “a mídia é constituída como lugar de verdade”, logo, descartamos seu caráter mercantil e manipulador, e entendemos que a mensagem é real. Quantos de nós já não ouvimos outras pessoas afirmarem algo parecido a frase “é verdade sim, eu vi na TV”, ou então “passou ontem no jornal”? Desta forma, aceitamos as verdades impostas pelos meios e reiteramos seu papel de controladores sociais.

O controle, entretanto, é mascarado sob um discurso ilusório de que somos livres para escolher o que queremos assistir, comer, beber, vestir, ouvir, ler e muitas outras atividades inerentes à vida humana. No entanto, a escolha prometida acontece entre alternativas pré-estabelecidas ofertadas pelos meios de comunicação, como reiteram Campos e Souza (2003, p. 15) dizendo que “em suma, o que prepondera é a ilusão de que podemos realizar escolhas autênticas, pois, de fato, todas as escolhas já estão previstas pelo sistema”.

Um exemplo que ilustra citação das autoras é do programa “Você decide”, veiculado há alguns anos pela Rede Globo, sob o rótulo “interativo”, no qual o telespectador poderia optar por um dos dois finais propostos pela direção e, deste modo, “decidir” qual o final que desejaria para a história.

Desta forma somos controlados até mesmo quando parecemos estar no controle, escolhendo entre os dois finais, ou entre qual participante deverá ir para o “paredão⁵”.

De acordo com Neto (2003)

⁵ Referência ao programa Big Brother, exibido pela Rede Globo, no qual é dado ao público o direito de escolher entre dois participantes indicados, qual aquele que deverá deixar a competição, cujo prêmio ao vencedor é de 1 milhão de reais.

As reportagens que invadem a vida íntima de personalidades famosas, os programas de televisão dedicados a expor publicamente os dramas de qualquer um e principalmente as séries como Big Brother são apenas alguns exemplos que revelam como somos moldados para aceitar o controle e incorporá-lo como natural, necessário. Assim, nesta nossa “sociedade do espetáculo”, o espetáculo vai muito além de ser um simples passatempo, lazer ou diversão; ele funciona também como uma técnica de ensino-aprendizagem que nos bombardeia continuamente, trazendo como resultado, entre outras coisas, a banalização e a naturalização do controle. (NETO, *In* Costa, 2003, p. 119)

No entanto, ainda que não descartemos o fato de que “as mídias nos subjagam a todos, e com maior força a juventude, mas, muito especialmente, a população pobre, a população desescolarizada” (Costa, 2003, p. 36), também é preciso que vejamos os aspectos positivos que elas proporcionam. Entre estes podemos citar a disponibilização de diversos canais de acesso às informações bem como a maior velocidade no recebimento das mensagens, entre tantos outros.

Entretanto, para que possamos ser capazes de compreender todas as questões relacionadas aos meios de comunicação, é preciso que estejamos cientes dos prejuízos e benefícios que podem ser decorrentes desta relação.

Assim, como sujeitos participantes deste mundo midiático, muitas perguntas nos fazemos e, dentre elas, algumas elencamos aqui: Como vivem os jovens inseridos na sociedade da informação? Qual sua relação com as mídias? Como lidam com o apelo feito pelas mídias? Que implicações são decorrentes do contato com os meios de comunicação?

Estas serão algumas das questões que tentaremos entender a seguir.

4.1. JOVENS: COMO SÃO/ESTÃO FRENTE AO CENÁRIO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO?

A fase da vida da qual ninguém esquece e para a qual muitos, se possível, desejariam voltar é o período da juventude. Até bem pouco tempo atrás, a quase totalidade de estudos em relação ao comportamento humano, segundo a idade, girava em torno das crianças e idosos. Entretanto, recentemente um outro público vem chamando a atenção dos estudiosos e recebendo mais atenção: os jovens.

Afinal, o que é ser jovem⁶?

Ser jovem é viver uma fase de transição da qual ninguém escapa. É uma época caracterizada por mudanças, cujo início é marcado pela puberdade. O corpo começa a ganhar novos contornos, a voz muda, surgem os primeiros pêlos, os hormônios entram em ebulição.

O adolescente “presenta durante este proceso un cuerpo en el qual aparecen simultaneamente aspectos de niño y de adulto” como explica Obiols, (2006, p 99).

De acordo com os dados da pesquisa que Matos (2003) realizou com jovens a autora explica que, quando respondem sobre si ou sobre suas concepções, deixam clara a dificuldade de saber como agir, se como crianças ou adultos, uma vez que são tratados por pais e professores hora como um, hora como outro. Segundo a autora, um aluno entrevistado afirmou:

É difícil, não é professora? (...) Tem horas que eles cobram muita responsabilidade da gente, tem horas que eles tratam a gente como criança. É ruim demais. Tem horas que eles querem que a gente tenha compromisso ali direto e tem horas que eles já tratam a gente como criança. (MATOS, 2003, p 34)

É um momento onde é preciso sentir-se aceito, pertencente a um grupo, uma “tribo”, como elucida Porto⁷ (2005, p.139) “o jovem se sente bem quando está em grupo, individualmente ele é outro”.

Estas respostas talvez fossem muito semelhantes àquelas obtidas se pudéssemos voltar no tempo e questionar jovens que viveram no século passado, quem sabe até mesmo nossos próprios pais ou avós, ainda que, como afirma Obiols (2006, p. 91) “(...) los adolescentes no pueden em ninguna época ser descriptos como um solo tipo...”.

Contudo, ainda que ao longo do tempo, os jovens possuam características semelhantes, não podemos esquecer que, como afirma Lévy, (2000, p 22), “é impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo”. Sendo assim, podemos afirmar que estamos frente a um jovem diferente, uma vez que,

⁶ A referência “jovem” será adotada tomando-se por base indivíduos que cursam o ensino médio, com idades aproximadas entre 13 e 18 anos, não significando que outros com idades superiores possam ser incluídos e mencionados nesta pesquisa. Poderá ser usado também o termo adolescente.

⁷ Texto obtido do CD-Rom do Endipe 2008.

olhando-se para trás, é possível perceber inúmeras mudanças ocorridas na sociedade, sendo a principal delas o avanço nos campos tecnológico e comunicacional.

De acordo com Campos e Souza (2003), “as novas tecnologias, o consumo e a influência da mídia marcam, modelam e constroem as subjetividades contemporâneas”. Os avanços tecnológicos e as mudanças daí decorrentes fazem parte do imaginário do jovem. Não são vistas como novidades e, sim, como algo já posto em sua vida. Se há algumas décadas sequer sonhávamos com a existência de um equipamento que transmitisse imagens e sons, em tempo real, como as televisões de hoje, os jovens atualmente não conseguem imaginar o mundo sem elas. Nas pesquisas realizadas por Campos e Souza (2003, p 14), os entrevistados afirmaram:

É difícil eu dormir assim, sem ver TV. Eu sempre pego a TV e aí tinha um negocinho chamado sleeptime. Você bota lá o tempo que você quer e depois ela desliga sozinha. Agora toda a noite eu não consigo dormir sem ver TV. Não posso dormir...Toda noite eu vejo TV. (menino, adolescente) (CAMPOS E SOUZA 2003, p. 14).

Eu tenho esse vício. Eu chego em casa, eu janto, tomo banho e já deito pra ver televisão. É normal, a gente janta vendo televisão, a gente até toma banho escutando a televisão que o pai deixou ligada. É normal, até porque desde os três anos todo mundo vê televisão. (menina, adolescente) (CAMPOS E SOUZA 2003, p. 14).

Estas idéias nos permitem dizer que há um novo tipo de imaginário, uma vez que este não pode ser considerado como algo encerrado, mas como “um processo, uma teia, um hipertexto, uma construção coletiva”, (Silva, 2006, p. 8), um eterno movimento, sempre inacabado e, assim como o mundo e o ser humano, algo em constante mutação.

Para Kenski (2007), as tecnologias transformam nossa maneira de pensar, sentir e agir. Estas transformações se refletem também, e principalmente, na vida do jovem, que busca ocupar definitivamente seu espaço na sociedade e descobrir de uma vez por todas, segundo Erik Erikson, citado por Obiols (2006, p. 96), “su verdadera identidad”.

Talvez não fosse possível imaginar, há alguns anos, que o século XXI trouxesse consigo tantas mudanças para o ser humano e, conseqüentemente, para os jovens.

Nesse sentido, inúmeras são as diferenças que podem ser citadas. A principal delas é a forte influência da mídia na vida das novas gerações, que atualmente tem início ainda “no berço”, se estendendo durante toda a adolescência.

Não fosse suficiente a preocupação em “existir” no cenário social regido pela moda, as incertezas sobre o futuro profissional também são alvos de reflexão dos jovens. Um mercado cada vez mais enxugado e exigente, acaba por muitas vezes tirando o sono dos adolescentes, em especial às vésperas do vestibular. Se há 30 anos completar o ensino médio, antigo ginásial, era garantia de um futuro tranqüilo, com emprego garantido, hoje, muitas vezes, um diploma de curso superior nas mãos não garante inserção no mercado de trabalho.

As palavras de Obiols (2006) talvez elucidem a situação atual, quando diz que

En la actualidad, nos encontramos con personas que a los 30 años no han conseguido la independencia mínima, la estabilidad afectiva e incluso la sensación de tener una identidad clara por lo que suelen consultar manifestando conflictos claramente adolescentes (OBIOLS, 2006, p. 84).

Percebemos que atualmente são frequentes os casos de jovens que continuam a depender emocional, financeira e psicologicamente de seus pais. Será por medo de assumir a responsabilidade perante um futuro tão incerto? Ou seria este cenário mais um resultado do fenômeno da posmodernidade que “... propone a la adolescencia como modelo social, y a partir de esto se “adolescentiza” a la sociedad misma.”? (Obiols, 2006, p 77)

4.2. O JOVEM E SUA “RELAÇÃO” COM AS MÍDIAS

Telas. Presentes em nossas vidas como nunca. Mas não são telas de obras de arte de pintores. Perguntei a um jovem, de 17 anos: o que é uma tela? Ele respondeu: “A tela do computador, ora”. Nascidos em plena era da expansão das comunicações os jovens vêem o mundo através de uma tela, seja ela a tela de um celular, de uma TV ou de um computador. O fato é que seus olhos já estão tão acostumados que sequer percebem a existência desta interface, tampouco conseguem imaginar o mundo sem elas.

Sem dúvida “la llegada de la tecnologia digital há conducido a una proliferación masiva de canales y conductos mediáticos y a una considerable ampliación del acceso a los médios con que cuentan los jóvenes”, nos explica Buckingham (2008, p.106).

Esta ampliação do acesso aos meios vem modificando a forma como o jovem percebe o mundo em que vive. Gadotti (2000, p. 5) afirma que “eles já estão nascendo com essa nova cultura, a *cultura digital*”.

É nesta e através desta cultura que os jovens passaram a ter contato com uma nova interface: as telas que transformaram alguns conceitos existentes até então. São nelas que eles veem as informações em tempo real e que conectam o adolescente ao mundo. Entretanto, até bem pouco tempo, a realidade era diferente. Lévy (1993) explica que

As telas, cujo uso só generalizou-se no fim dos anos setenta, foram durante muito tempo consideradas como “periféricos”: os primeiros microcomputadores eram vendidos sem os tubos catódicos aos quais estamos habituados hoje. Desde então, tornou-se impensável usar um computador sem tela, a tal ponto que o monitor e o teclado passaram a simbolizar a própria máquina. (LÉVY, 1993, p. 101)

Foi o surgimento das telas, talvez, que tenha incentivado inovações surpreendentes. É claro que não ignoramos o fato de que, por trás das telas, existem milhares de microcircuitos, peças eletrônicas, fios, ligas metálicas, além, é claro, de anos de estudo que possibilitaram a todos nós dispormos das mais avançadas tecnologias e avançados recursos de comunicação, interação e entretenimento.

O primeiro exemplo a ser citado é o da televisão. Presente em pelo menos 95,6%⁸ dos lares na Região Sul do país e companheira de algumas décadas, é vista pelos jovens como meio de comunicação e lazer. É junto a ela que buscam as últimas informações sobre os acontecimentos e também opções de lazer quando estão em casa.

Para Fischer (2007), a TV

(...) é uma grande contadora de histórias: ela faz-nos retrospectivas, a cada final de ano, a cada final de década e até de século, como vivemos na entrada do ano 2000. Ela vai indicando que fatos, imagens, e que sentimentos precisam ser adicionados aos nossos arquivos individuais e coletivos (FISCHER, 2007, p. 295).

Outro exemplo que consideramos como um dos símbolos que marcam o tempo atual é o telefone celular. Observa-se que esse aparelho faz parte da vida dos jovens, principalmente numa relação quase que simbiótica.

Seja na aula, no cinema, em festas e até mesmo na hora de dormir o celular permanece ao lado, ligado, garantindo ao jovem estar sempre disposto a saber da última novidade sobre o namoro dos colegas, do que rolou ou está rolando na festa, não importando a hora.

Além das telas já citadas na epígrafe deste capítulo, outra se torna cada vez mais presente nos lares brasileiros: a tela do computador. Segundo pesquisa do Ibope/NetRatings em agosto de 2005, internautas com idades entre seis e onze anos passavam 14 horas e 6 minutos na Web. Em agosto de 2007, o número passou para 19 horas e 28 minutos. Navegando desde mais cedo, o jovem de hoje nasceu em um mundo em que o computador, antes apenas visto em filmes de ficção científica ou utilizado em gigantescas empresas ou corporações, é para alguns considerado equipamento de utilidade doméstica.

O contato tão frequente e algumas vantagens oferecidas acabam atribuindo ao computador “funções” que até pouco tempo atrás eram desempenhadas por outros aparelhos. As longas conversas telefônicas, nas quais trocávamos informações com amigos ou parentes distantes, hoje foram substituídas por bate-papo no *Messenger*, *Skype* ou qualquer outro programa que permita a interação “on-line”. Não é mais necessário sair de casa para ver e conversar com o colega, basta

⁸Dados obtidos da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2006, do IBGE, disponíveis em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2006/comentarios2006>

convida-lo para uma conversa na qual seja utilizada uma câmera e *voilà!* Ambos conversam “ao vivo”, cada um em sua casa. É preciso falar a mesma língua, o que hoje significa saber tudo sobre *chats, orkuts, messenger* e outros sites de relacionamento virtual. Esta nova forma de relação cria um novo cenário no cotidiano das famílias. Não são raros os relatos de pessoas que dentro de uma mesma casa, “conversam” através do computador.

Estas mudanças também são perceptíveis na realidade coletiva, nos mais diversos setores da sociedade, o que inclui a escola. “Os alunos, e também os professores, chegam à escola trazendo um saber que é fruto da sua vivência no interior da família e, atualmente, do seu contato com os meios de comunicação” como explica Coutinho (2000, p. 39).

Libâneo (2003) complementa a afirmativa ao nos dizer que

(...) o mundo da informação e comunicação interfere em nossas estruturas mentais, nos mecanismos internos do aprender. A meninada hoje, mesmo os com idade entre 15 e 20 anos, tem outra relação com o saber; é a geração virtual, a geração que vive com a simultaneidade da informação, ou seja, há, de fato, mudanças nos próprios processos internos do aprender, que afetam os conhecimentos que temos até agora sobre a aprendizagem. (LIBÂNEO, *In* Costa, 2003 p. 36)

Como o autor afirma, o mundo virtual é hoje uma realidade para a maioria dos jovens, ainda que saibamos da dificuldade de acesso aos recursos tecnológicos que muitos indivíduos possuem. Seja ele o da TV, celular ou computador, equipamentos impensados há algum tempo e que foram criados em nome do progresso para atender às expectativas de uma comunicação mais rápida, de encurtar distâncias e tornar o tempo hiper-real⁹, acaba por gerar uma situação paradoxal: por um lado abre inúmeras possibilidades de acesso à comunicação, por outro, esta mesma tecnologia que inclui alguns, exclui outros tantos. São aqueles pertencentes à classe econômica menos favorecida, que não dispõem de recursos para a aquisição destes equipamentos; ou os que, mesmo tendo acesso à tecnologia, não dominam o uso desta, ficando assim à mercê dos dominantes que criam os recursos. Um exemplo claro da última situação é o caso do professor o

⁹ Para Santos (1999, p.8) a rapidez, a profundidade e a imprevisibilidade de algumas transformações recentes conferem ao tempo presente uma característica nova: “a realidade parece ter tomado definitivamente a dianteira sobre a teoria. Com isso a realidade torna-se hiper-real e parece teorizar-se a si mesma”.

qual, ao invés de assumir “um papel na equipe produtora dessas novas tecnologias educativas” (Kenski,1998, p. 70), sendo “agente, produtor, operador e crítico das novas tecnologias educativas”, torna-se um mero consumidor de tecnologias ou programas prontos. O resultado desta exclusão é que muitas vezes os recursos oferecidos não são adequados à prática a qual se propõem, ou não correspondem aos benefícios anunciados. Percebemos que as tecnologias digitais acompanham-nos onde quer que estejamos, parecendo serem indispensáveis em nosso cotidiano. Elas acompanham, também, os alunos e professores no caminho da escola e se fazem presentes dentro da sala de aula, ainda que de forma não concreta, mas no *desejo* de possuí-las.

Sendo o aluno e, conseqüentemente a juventude de hoje, diferente “a las generaciones que las precedieron, tanto del punto de vista social como psicológico” (Buckingham, 2008, p.106), uma vez que deseja saber mais, tem novos hábitos de consumo, como já citado anteriormente, relaciona-se com os outros e com o mundo de uma nova forma, tem outra percepção do espaço e do tempo, nasceu em um momento no qual a sociedade vive a expansão tecnológica, seja na área da informação e comunicação, seja como da medicina, que anuncia as novas possibilidades de tratamentos para doenças consideradas até então incuráveis, resultados dos estudos genéticos com células-tronco; enfim, é alguém que vê o mundo a sua volta de outra maneira e por meio de *outros olhos*, como as “pantallas”, um jovem muito diferente daquele que frequentava a escola há alguns anos, ao qual perguntamos: é possível pensar a educação da mesma forma?

Se o imaginário é uma língua, de acordo com SILVA, (2000), poderia a escola continuar “conversando” com os alunos utilizando o velho idioma conhecido? Existe realmente comunicação entre alunos e professores ou ambos falam linguagens diferentes? Como a escola e os professores lidam com esse novo aluno? Que espaço o jovem ocupa dentro das instituições escolares?

Estas são outras questões que nos provocam, pois entendemos ser importantes no contexto dessa pesquisa para entender o cotidiano escolar.

5. A ESCOLA DE HOJE: DESAFIOS, EXPECTATIVAS E POSSIBILIDADES

O conhecido jargão “Templo do saber” foi inúmeras vezes utilizado para definir a escola, num período onde esta era considerada a principal fonte de acesso à informação.

Para Kenski, “tradicionalmente, a aprendizagem de informações era tarefa exclusiva da escola” (1998, p. 59). Quem desejasse entrar em contato com o saber deveria, obrigatoriamente, frequentar a escola. Após um período, “tudo” o que era preciso saber haveria sido transmitido e o indivíduo poderia considerar-se formado. A escola foi, assim, “progressivamente tornando-se o único ponto de referência de toda a ação educativa”. (Canário, 2006, p.12)

No entanto, esta situação não é mais a mesma. Ainda que a escola seja “forte no imaginário da população”, como nos diz Costa, (2003 p. 39), vive um período de crise.

Neto (2003), considera que

A noção de crise é sempre relacional: ela deriva de um diferencial entre duas situações ou realidades observadas, percebidas, ou entre uma situação observada, percebida, e uma outra idealizada. Assim, se notamos que a escola atravessa uma crise é porque há um descompasso entre como ela está se apresentando (para nós) ou funcionando e como pensamos que ela deve ser ou como ela foi até pouco tempo atrás (NETO, *In* Costa, 2003, p. 110).

Este descompasso citado pelo autor, também é abordado por Canário, (2006) que ao se referir à crise da escola afirma ser a mesma recorrente,

(...) por três razões principais: baseada em um saber cumulativo e revelado, a escola é, hoje, obsoleta, sofre de um déficit de sentido para os que nela trabalham, além de ser marcada também por um déficit de legitimidade, na medida em que faz o contrário daquilo que promete, originando legiões de insatisfeitos. Em um espaço temporal relativamente curto, a escola passou de um “tempo de promessas” para um “tempo de incertezas”. (CANÁRIO, 2006, p 7)

Esta transição observada ao longo do tempo, em que a escola passa de uma situação onde gozava de total credibilidade para um momento onde se vê

cercada por questionamentos, talvez possa ser melhor compreendida se analisarmos alguns aspectos da história da instituição escolar.

Criada na modernidade, a escola teve como objetivo substituir o antigo sistema de ensino individual, no qual o aluno era instruído individualmente por um professor, possibilitando um maior aproveitamento do tempo do educador que, através desta prática de ensino grupal, passou a atender diversos alunos ao mesmo tempo.

No entanto, para que pudessem ensinar a vários estudantes ao mesmo tempo, de uma única maneira em uma aula, os professores tomaram “como ponto de referência o chamado aluno médio, entidade abstrata” (Canário 2006, p 30). Deixaram de levar em consideração a realidade particular de cada um dos sujeitos envolvidos no processo.

Este sistema deu início ao quadro que ainda podemos ver nas escolas: “(...) nossos estabelecimentos de ensino têm como base uma organização estandardizada dos tempos (aula de uma hora), dos espaços (sala de aula), do agrupamento dos alunos (turma) e dos saberes (disciplinas)” como elucida Canário (2006, p.15).

Com o passar dos anos, esta estrutura foi se tornando, aos poucos, algo natural. Como se não bastasse a rígida compartimentalização do currículo e a distância existente entre o conteúdo visto na escola e a realidade dos alunos, a escola

(...) sustenta uma lógica de repetição de informação, que está na raiz de uma relação pedagógica de cunho autoritário e que permite reconhecer, na escola, princípios de organização similares aos da produção industrial de massa. (...). Tal modalidade de organização tem-se revelado uniforme e estável, o que contribui para que as escolas não sejam somente semelhantes, mas idênticas se forem exibidas as descrições que delas se faz, mesmo que em épocas muito diferentes (CANÁRIO, 2006, p 15).

A afirmação do autor nos leva a perceber a escola como uma instituição que parou no tempo. “La escuela media, de formas modernas e incertidumbres posmodernas, enseña contenidos del siglo XIX, con profesores del siglo XX, a jóvenes del siglo XXI” como nos explica Romero, (2007, p.19)

Essas ponderações a respeito da escola nos remetem à pergunta: O que aconteceu com todas as reformas educacionais¹⁰ anunciadas ao longo dos anos? Como foram implantadas nas escolas?

Canário, (2006, p. 16) responde a essa questão dizendo que ao invés “de as reformas mudarem as escolas, foram as escolas que mudaram as reformas”.

Assim, nos últimos anos, houve segundo Gimeno Sacristán (2007), “um triunfo das políticas educacionais conservadoras e restritivas” que

(...) se mostraram mais preocupadas com o controle dos currículos do que com a adaptação dos mesmos às hipotéticas exigências de uma sociedade aberta ao conhecimento (...) Os conteúdos se padronizaram ao mesmo tempo em que se falava de políticas para a diversidade.” (GIMENO SACRISTÁN, 2007, p 44-45)

Esta estagnação das instituições escolares em relação a todo o avanço ocorrido na sociedade, principalmente na área da comunicação e informação, aliada ao fato de que do ato de ensinar continua sendo considerado uma transmissão de informações em doses seqüenciadas, não atendem as expectativas da realidade onde estão inseridos, como elucida Canário. Libâneo (2003) complementa esta afirmação ao dizer que “há muito tempo que se afirma que a escola não pode ser mais o lugar de considerar estudantes como depósitos de conteúdos; isso há muito tempo não faz sentido” (Libâneo, *In* Costa, 2003, p. 41).

Em uma sociedade na qual prevalece o discurso que propaga a idéia de que o cidadão esteja constantemente aprendendo, a palavra “formado”, não possui mais o mesmo significado que possuía em décadas anteriores. Se há pouco tempo possuir um diploma era condição importante e muitas vezes suficiente para garantir um futuro que possibilitasse condições de viver com o mínimo de condições, atualmente esta situação mudou.

Ainda que muitos jovens afirmem “Nossos pais querem que a gente estude mais para alcançar uma posição melhor” (Costa, 2003, p.13), “hoje não conseguimos mais enganar nossos adolescentes e jovens com isso, porque eles têm exemplos de irmãos, de primos, de colegas que se formaram, fizeram tudo para

¹⁰ As reformas educacionais estão sendo trazidas como exemplo para chamar a atenção para o quanto a escola é alvo de reformas. Não é nosso objetivo discuti-las como políticas públicas nem nos ater aos seus conteúdos.

conquistar o diploma e continuam à margem”, nos diz Arroyo (2003, *In Costa*, 2003, p.131)

Encontramos-nos em um momento de “efeitos cruzados do acréscimo de qualificações, acréscimo de desigualdades, desemprego estrutural de massas, precariedade do trabalho e desvalorização dos diplomas escolares” nos quais os últimos, ao mesmo tempo em que são “imprescindíveis”, são também “cada vez menos rentáveis” como elucida Canário (2006, p. 17).

A formação não compreende mais um certo período de tempo, vivido dentro de uma sala de aula, ela é entendida como um processo permanente, que pode e precisa durar a vida inteira. Romero (2007, p. 101) afirma: “Hoy nos pasamos la vida aprendiendo o reaprendiendo.” Se educar, antes, era munir o aluno de conhecimentos previamente estabelecidos e validados pela sociedade, atualmente o papel da educação vai mais longe. Ela deve “preparar cidadãos, facilitar o desenvolvimento de sua personalidade, fazê-los solidários”, conforme afirma Gimeno Sacristán (2007, p. 44) e ajudar o ser humano a tornar-se versátil, capaz de se adaptar facilmente às novidades, de estar sempre aprendendo.

Todavia, a escola parece resistir às mudanças e mantém ainda uma “metodologia vertical e autoritária” de ensino, onde segundo Reich (1993), citado por Canário, o currículo é como

(...) uma linha de produção dividida ordeiramente em disciplinas, ensinadas em unidades de tempo preestabelecidas, organizadas em graus e controladas por testes standardizados, destinados a excluir as unidades defeituosas e a devolvê-las para reelaboração” (CANÁRIO, 2006, p.16).

A escola funciona como uma verdadeira fábrica, que ainda age como se possuísse a exclusividade de produção do bem gerado, neste caso o ensino, ou melhor, a transmissão da informação. Como diz Neto (2003) “na medida em que a educação nos molda precoce e amplamente, passamos a ver como naturais os moldes que ela impõe a todos nós”. (Neto, *In Costa*, 2003, p. 108)

Entretanto, o monopólio sobre a simples transmissão da informação não mais existe.

A ampliação do acesso às tecnologias de informação e comunicação contribuiu muito para esta mudança. Afirma Romero (2007, p. 19) que “se multiplican los canales de acceso a la información y la palabra del profesor y el texto escrito

dejan de ser los soportes exclusivos de la comunicación educacional.” Costa (2003) complementa essa idéia quando afirma que, atualmente a “educação ocorre em muitos lugares: nos meios de comunicação, nas empresas, na rua, nos clubes, nos sindicatos, nos movimentos sociais” (Costa, 2003, p. 25).

Atualmente, não é preciso sair de casa para ter acesso à informação. Basta ligar a TV ou conectar-se à internet e “navegar¹¹” em busca do que se deseja saber.

A facilidade de contato com as informações e a velocidade com a qual as mesmas nos são transmitidas “impõem novos ritmos e dimensões à tarefa de ensinar e aprender”, como diz Kenski (1998).

Surge com isso um novo desafio para a escola: acompanhar a evolução tecnológica que cresce desenfreadamente na sociedade e resulta numa mudança dos conceitos sobre comunicação, informação e educação. Logo, concordamos com Romero (2007, p 101) quando afirma que “Las escuelas ya no pueden ser castillos fortificados dentro de sus comunidades.”

Por trás dos muros escolares ainda existe uma “velha” estrutura escolar estabelecida

(...) a partir de uma estructura jerárquica y piremial que aseguraba el contról, dividia a los alumnos por grupos de edad, les impartía un currículo estandarizado através de unos métodos expositivos y de trabajo individual, poniendo como protagonista al docente. (ROMERO, 2007, p.19)

Esta estrutura rígida e antiquada, com um currículo que pouco/não prevê interações entre as disciplinas, acaba dificultando a obtenção, por parte dos alunos desta instituição importante no cenário social, do resultado esperado.

Inserida em um mundo onde a flexibilidade é cada vez maior, a organização escolar “tradicional” insiste em manter padrões que vão de encontro à nova estrutura social, mais democrática e mais participativa. Mantendo a figura do professor como o único detentor da verdade, relegando o estudante ao plano de mero coadjuvante, a escola parece desconhecer que, cada vez mais, sua função é a de

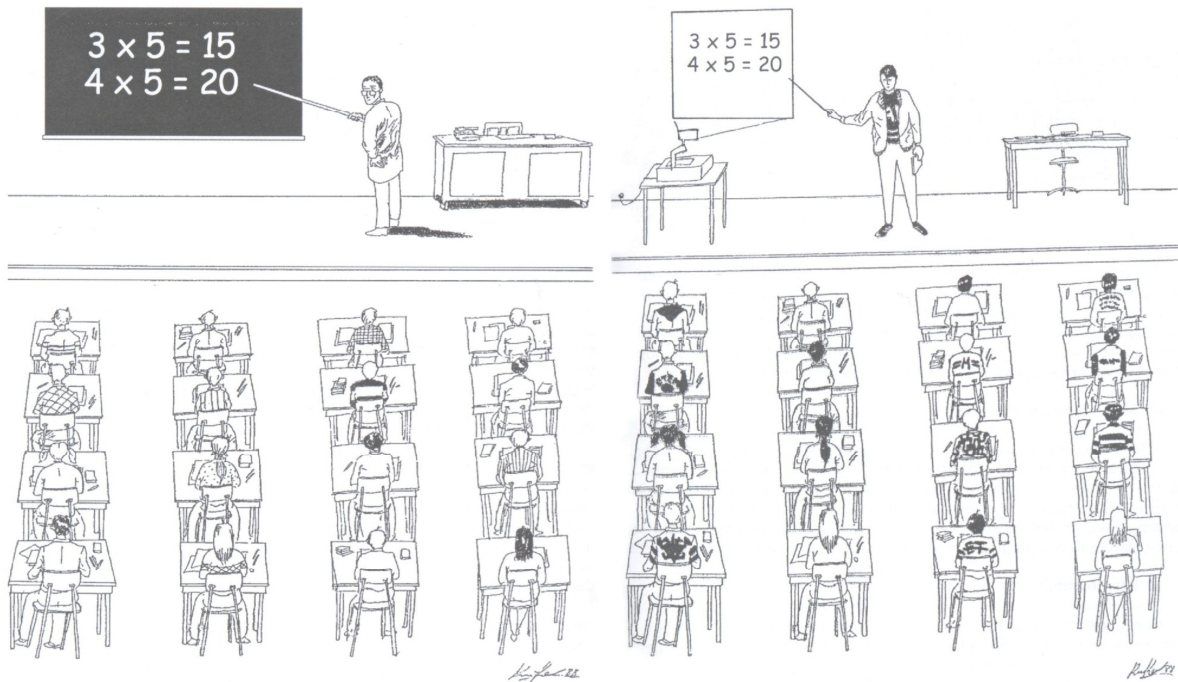
¹¹ Navegar – do latim *navigare*. Percorrer o mar em navio; atravessar o espaço. No campo da informática o termo é utilizado para definir o ato de acessar a Internet à procura de informações sobre determinado assunto, ou aleatoriamente, em busca de entretenimento.

(...) pautar-se pela intensificação das oportunidades de aprendizagem e autonomia dos alunos em relação à busca de conhecimentos, da definição de seus caminhos, da liberdade para que possam criar oportunidades e serem os sujeitos de sua própria existência. (KENSKI, 2007, p. 66)

Ainda assim os conteúdos dos currículos e a organização da escola, atualmente, são praticamente idênticos aos utilizados na época dos pais dos estudantes. Perrenoud (1999) descreve uma cena que nos faz perceber como a escola evolui.

Um viajante que voltasse à vida depois de um século de hibernação veria a cidade, a indústria, os transportes, a alimentação, a agricultura, as comunicações de massa, os costumes, a medicina e as atividades domésticas consideravelmente mudadas. Entrando numa escola, ao acaso, encontraria uma sala de aula, um quadro negro e um professor dirigindo-se a um grupo de alunos. Sem dúvida o professor não estaria mais de 'sobrecasaca', ou de avental. Os alunos não estariam mais de uniformes ou de tamancos. O professor teria descido de sua cátedra e o visitante acharia os alunos impertinentes demais. Uma vez começada a aula, talvez ele percebesse traços de uma pedagogia mais interativa e construtivista, de uma relação mais calorosa ou igualitária do que na sua época. Mas, a seus olhos, não haveria dúvida de que encontrava-se em uma escola. Talvez houvesse um computador na sala, conectado a uma rede. Mas o visitante observaria que ele é usado para propor exercícios na tela e preparar conferências 'surfando' em páginas da Web. O triângulo didático estaria no lugar, imutável e os saberes eruditos, muito pouco modernizados, ali onde teriam passado a matemática dos conjuntos ou a nova gramática (PERRENOUD, 1999, p. 6).

Fechando os olhos podemos nos colocar no lugar do viajante e assim enxergar a cena narrada acima por Perrenoud (1999), talvez como as ilustrações abaixo, do livro de Canário (2006, p. 40-41), nos mostram.



As mudanças entre uma imagem e outra são apenas externas. O quadro foi substituído por um retroprojeter, os alunos usam roupas diferentes, mas a verdade é que o autor chama a atenção para o fato de que as mudanças são apenas superficiais. Quando ocorrem, é por que a escola se vê obrigada a mudar e “se adapta, então, o mais tarde possível, de modo defensivo” (Perrenoud, 1999, p. 7)

Assim a escola permanece quase que no mesmo lugar.

Talvez toda esta resistência ocorra porque a mudança é algo que gera medo. “As novidades abrem possibilidade de insucesso, requerem ousadia”, como disse Maria Manuela Escobar¹².

Além da insegurança com relação ao novo, a escola pode, neste caso, estar utilizando a seu favor o fato de que é ela que, aliada

(...) ao poder governamental, detém para si o poder de definir e organizar os conteúdos que considera socialmente válidos para que as pessoas possam exercer determinadas profissões ou alcançar maior aprofundamento em determinada área do saber (KENSKI, 2007, p. 19).

A autora alerta também para o fato que a escola pode estar exercendo, deste modo, “uma forma de poder em relação à informação e aos conhecimentos válidos para que uma pessoa possa exercer função ativa na sociedade”.

¹² Comentário feito pela professora Maria Manuela Escobar em um seminário proferido na UNISINOS, nos dias 31 de julho e 1º de agosto de 2008.

A escola parece não estar atenta aos novos padrões, menos “padronizados”, que abrem espaço para que as diversidades se manifestem, inclusive no espaço escolar. Significa dizer que a escola parece não estar preparada para lidar com os mais diferentes tipos de alunos que, nas palavras dos jovens, expressas nas pesquisas de Matos (2003, p. 92), afirmam: “queremos uma escola que se preocupe conosco, que observe se estamos aprendendo, que nos ofereça aulas com prazer e ludicidade, com criticidade, com movimento e energia para nos identificarmos”.

Parece urgente a emergência de uma escola que se aproxime da realidade da juventude. Uma escola que ao contrário do que afirma Obiols, (2003, p. 158) “Vacío e aburrimiento son sensaciones asociadas a la escuela”, desperte no jovem a vontade e a curiosidade em aprender, transformando a sala de aula em um lugar agradável e aprazível, onde o aluno se sinta capaz de junto ao professor e aos demais colegas, realizar um aprendizado realmente significativo.

Como afirma Freire, (1996), o aluno precisa se sentir sujeito de sua própria autonomia. Complementa, ainda, dizendo que “o educador, de modo geral, já traz a resposta sem se lhe terem perguntado nada!” (Freire, 1986, p. 46).

Necessitamos de uma escola que abra espaço para a elucidação das dúvidas dos alunos, não baseada nas respostas e, sim, nos questionamentos; não ficando restrita a abordagem dos assuntos trazidos pelos livros didáticos escolares, elaborados para um único padrão de aluno, desconsiderando as diferenças culturais, sociais e econômicas existentes entre os jovens espalhados pelo país.

Uma escola que não deixe de lado os conteúdos científicos necessários à construção do conhecimento, mas que junto a eles aborde e valorize “o conhecimento informal, a cultura popular, o lado da cultura do grupo social em que o aluno vive” (Costa, 2003, p.27), o que invariavelmente inclui sua relação com as mídias. Ainda que este seja um assunto que possa causar certa insegurança, uma vez que é algo novo, cujos resultados ainda são em grande parte desconhecidos, é de suma importância abordá-lo na escola.

Não podemos ser “cegos”, como afirma Lévy, e atribuímos aos avanços tecnológicos um caráter “contrário à vida” (1993, p 15). É claro que não seremos ingênuos a ponto de imaginar que não existem interesses mercadológicos, ideológicos e capitalistas por trás da crescente expansão tecnológica, entretanto não podemos negar uma série de novas possibilidades que ela nos abre a cada dia: o acesso à informação a qualquer momento, muitas vezes no exato instante em que

os fatos acontecem; a comodidade de, como já citado anteriormente, não precisarmos mais sair de casa para realizar algumas atividades; a possibilidade de comunicação instantânea com amigos e familiares que estejam distantes geograficamente; a disponibilidade de acesso a bibliografias de autores de outros países e até mesmo continentes; além de um sem número de novas opções de lazer disponíveis, entre tantos outros benefícios que podem ser citados.

Devemos sempre e cada vez mais buscar “... articular a escola com a contemporaneidade”, (Neto, *In Costa*, 2003, 124), o que significa dizer, “que tudo o que ocorre nos meios de comunicação, no aparato informático, tudo isso precisamos ver como é que pode ser apropriado pelas escolas para ajudar no processo de aprendizagem”, como acredita Libâneo (*In Costa*, 2003, p. 43).

É preciso tornar a escola mais permeável aos discursos existentes na sociedade, deixar que as novidades entrem na sala de aula, de forma a tornar o ambiente escolar mais próximo da realidade de professores e alunos e, assim, diminuir, ou quem sabe extinguir, as distâncias existentes entre a escola e a sociedade.

Entretanto é preciso que entendamos claramente que

(...) não se trata simplesmente de voltar àqueles discursos que lamentam o fato de a escola não ter se atualizado, no sentido de não lançar mão dos recursos que as modernas tecnologias nos oferecem. Não se trata de dizer que, se a escola se atualizasse tecnologicamente (...), resolveríamos a coisa, ou seja, colocaríamos de novo a escola naquele ‘bom caminho’ do qual ela parece ter saído.(...) Não é só uma questão de usar ou não novas tecnologias; essa não é uma questão que esteja só na superfície das práticas escolares. A questão é mais radical, o desencaixe é mais de raiz.” (Neto, *In Costa*, 2003, p. 113)

É preciso mais do que a simples utilização dos meios de comunicação e informação como meros equipamentos ou ferramentas adaptados ao processo, de forma “enjambrada”, sob pena de incorrer no mesmo erro da experiência francesa, relatada por Lévy (1993, p. 8-9), durante os anos 80, ao tentar informatizar a escola. Na ocasião, foram gastas consideráveis somas em dinheiro para equipar as escolas e formar os professores, entretanto a formação dos professores envolvidos no processo ficou restrita a simples operação dos programas. O material escolhido era de pouca qualidade e fracamente adequado ao uso pedagógico. O resultado foi o

grande desinteresse dos alunos e o desgaste financeiro e emocional em torno de uma expectativa que acabou frustrada.

Acreditamos que o principal mote a ser trabalhado com o auxílio das mídias é o de ressignificar as informações trazidas pelos alunos, que Costa (2003, p.25) afirma serem “como mosaicos (...) fragmentadas, lacunares, desordenadas”, ajudando-o a reordenar e reestruturar essa informação”.

Desta forma a escola estará cumprindo seu principal papel na sociedade contemporânea, que é o de “formar sujeitos pensantes e críticos, é aprender a pensar metodicamente, é aprender a aprender”. (Libâneo *In* Costa, 2003, p. 47)

Se “a informação domina, o conhecimento liberta” (Costa, 2003, p.25), ao mudar sua forma de pensar e fazer educação, a escola estará dando um grande passo em direção a uma transformação que poderá significar deixar para trás o triste retrato descrito na música “Ensino Errado”, de Gabriel o Pensador, transcrita na epígrafe deste trabalho, se transformando real e verdadeiramente, como afirma Libâneo, em

(...) um lugar de aprender a reconstruir a cultura, de aprender a pensar, de aprender a compartilhar. (...) é através do desenvolvimento de processos do pensar, processos que devem ser sistemáticos que envolvam desenvolvimento de capacidade de investigação, capacidade de raciocínio, capacidade de formação de conceitos e de lidar praticamente com conceitos, e a capacidade que estou chamando de tradução, que é alguém saber dizer com as próprias palavras os pensamentos dos outros. Se esta é a chave do papel da escola hoje, então a formação profissional dos professores passa a ser questão crucial.”(LIBÂNEO, *In* Costa, 2003 p. 42)

Para que as mudanças aconteçam, portanto, é fundamental a participação de um personagem chave: o professor.

Como nos sustenta Costa(2003, p. 24), “não há como realizar isso sem a intervenção pedagógica nas salas de aula pelo trabalho de professores, daí a necessidade crucial de bons professores e de definir as melhores estratégias de preparação profissional”. É claro que não queremos afirmar que o professor é o único responsável pelas mudanças. Sabemos que esta “engrenagem” que é o processo educacional, é composta por várias peças. Professores, alunos, pais, funcionários das escolas e a sociedade como um todo. Também não negamos o fato de que uma proposta de trabalho diferente do convencional, às vezes não somente choca, como também é desacreditada. Somos fruto de um sistema que por décadas

mantém uma visão linear do ensino e, portanto, fomos ensinados a acreditar e aceitar este modelo como verdade. Muitos pais ainda olham diariamente o caderno dos filhos para que possam certificar-se de que o “conteúdo está sendo dado”. Imaginemos quão grande não seria o choque ao encontrar após vários dias de aula, um caderno absolutamente vazio, por ter o professor investido em uma proposta de trabalho no computador, por exemplo. Desta forma, muitos de nós, ou talvez a maioria não consiga aceitar um tipo de aula diferente, como citado, ficando atrelada ao modelo convencional.

Sabemos também que processos de mudança como estes são lentos e graduais, ainda mais quando envolvem a educação e incluem no cenário um novo personagem: as novas tecnologias de informação e comunicação, cujos efeitos em nossas vidas ainda não são completamente conhecidos. As TIC's, assim como a sociedade em que vivemos, estão em permanente processo de mudança.

Entretanto cabem novamente algumas perguntas: O fato de existirem outros envolvidos no processo educacional exime os professores de tentarem iniciar uma mudança? Percebem os professores a necessidade de mudanças no ensino que realizam? Como reagem às mudanças necessárias para possibilitar ao jovem ter uma escola mais perto da realidade que estes vivem fora dela?

6. PROFESSORES E ALUNOS EM SALA DE AULA: COMO VEMOS A CONVIVÊNCIA ENTRE SUJEITOS ORIUNDOS DE “MUNDOS DIFERENTES”

Ao analisarmos as salas de aula do ensino médio encontramos dois mundos diferentes que, segundo Matos (2003, p. 91), citando Dayrell (1996), “às vezes se tocam, se cruzam, mas na maioria das vezes permanecem separados”.

Personagens cuja relação com o mundo, a comunidade, com os meios e tecnologias de informação e comunicação são extremamente diferentes.

De um lado os professores, cuja função na escola até algum tempo era restrita a transmitir o conteúdo de forma pré-estabelecida, de acordo com as normas e padrões “ensinados” durante os cursos de graduação. Alguém cuja responsabilidade em relação aos alunos, nos últimos anos aumentou consideravelmente.

São inúmeros os relatos de professores que afirmam estarem sobrecarregados, não só pela quantidade de horas em sala de aula, como também por terem que atuar como “um sustituto válido y necesario de los padres”, (Obiols, 2006, p. 153). Afirmam que, além de dar conta do conteúdo, precisam ser uma mescla de psicólogos, professores e pais, o que acaba por gerar uma enorme carga psicológica, resultado da preocupação com as centenas de alunos/filhos espalhados pelas diferentes escolas onde atuam.

Com a responsabilidade de educar, no mais amplo sentido da palavra, incluindo desde noções de higiene em alguns casos, respeito, valores e inclusive o conteúdo programático, o professor nem sempre conta com o apoio e a compreensão das famílias de seus alunos. Prova disto são os relatos de pais que não comparecem às reuniões escolares, ou ainda aqueles que incentivam os filhos a desrespeitarem os professores, tratando-os como meros empregados, no caso das escolas particulares, ao contrário do que acontecia anteriormente quando, segundo Romero, (2007, p. 40) “en caso de disputa, generalmente la familia apoyaba a la escuela”.

Além dos problemas já citados, dos baixos salários, das altas cargas horárias, da desvalorização da profissão, do fato de terem que provar aos alunos que ser livre é diferente de não ter limite e que ser rigoroso é diferente de ser rígido, o professor ainda encontra mais uma dificuldade quando o assunto gira em torno das novas tecnologias de comunicação e informação.

Alguns professores, nascidos em uma época onde a maioria das famílias possuía apenas rádio ou televisão, conheceram o computador há pouco tempo e, talvez, por julgarem necessário se atualizar, foram se aproximando da máquina e aprendendo a lidar com ela em algumas situações específicas como, por exemplo, digitar um texto ao invés de datilografá-lo foi se impondo aos professores como uma necessidade, assim como “imprimir” as provas ao invés de “rodá-las” no mimeógrafo.

Do outro lado encontra-se o aluno, que espera um professor menos rígido e, ao mesmo tempo, comprometido com o ensino. Um jovem com diversos questionamentos e anseios muitas vezes desconsiderados pelo professor. Alguém precisa ver o conteúdo diretamente ligado à sua vida. O aluno que frequenta a escola atualmente, de acordo com Campos e Souza (2003, p.14), “nasceu imerso em um mundo com telefone, fax, computador, televisão etc.”, onde, tudo é “super”, “extra”, “mega”, de acordo com Fischer (2007, p. 295). É alguém que, na maioria das vezes, transita livre e facilmente pelo campo da informática.

A relação entre ambos é complexa e requer atenção e muito trabalho.

Se hoje o aluno já não é mais o mesmo, o professor também não é igual. Se antes o professor era o profissional com um tipo de conduta, treinado para reger a aula e até cuja aparência era padronizada, atualmente a situação é diferente. Explica Obiols (2006) que

Los profesores que entran al aula manifiestan diferentes actitudes. Los hay quienes imponen un clima de terror a partir de pautas rígidas y castigos ejemplares que pasan tanto por lo disciplinario como por lo académico. Mantienen una distancia y una rigidez ante la clase que no permite el menor acercamiento. Acostumbran dar clases académicas para las cuales no es necesario ni ventajoso que los alumnos intervengan. Responden claramente al modelo “autoritario”. En el otro extremo aparece un docente simpático, buen conversador, capaz de seducir a su audiencia, que no sigue programa alguno, que utiliza métodos de trabajo y evaluación grupales, que entiende las llegadas tarde, las ausencias, todos los problemas que puedan tener sus alumnos. Responde al modelo “demagógico”. En el medio hay una amplia franja oscilante que trata de realizar su tarea llevándose bien con la clase y a veces pierde los estribos. (OBIOLS, 2006, p 153)

Ao analisar os tipos de professores citados pelos autores bem como seus diferentes comportamentos, surge a possibilidade de uma análise deste quadro. Atitudes tão diferentes em uma mesma sala de aula, com os mesmos alunos, seriam elas motivadas apenas pelas características de personalidade de cada um dos docentes? Ou poderiam estar ligadas ao fato de que, frequentemente, os

professores já não sabem mais como agir frente aos alunos, visto terem sido suas formações meros treinamentos para situações completamente diferentes daquelas que acontecem na vida real? São perguntas que nos mobilizam a olhar rapidamente a formação e a prática dos professores.

6.1 PROFESSORES: CAMINHANDO À LUZ DE VELAS EM MEIO À TEMPESTADE

Talvez este subtítulo pareça algo radical, uma vez que tempestades são às vezes devastadoras. No entanto, acredito que a escolha seja bem apropriada. Isto por que, fazendo uma analogia baseada em diversos relatos ouvidos ao longo do tempo, parece ser esta a sensação de muitos ao entrarem em uma sala de aula.

Há pouco tempo, conversando com uma professora recentemente formada no curso de Letras, sobre sua primeira experiência em sala de aula ela comentou¹³ enfaticamente: “É tudo muito diferente do que a gente aprende. Eles te ensinam o que não fazer, mas não te apontam caminhos para as situações difíceis onde tu não sabes o que fazer”. Esta fala, com certeza, é compartilhada por centenas e até mesmo milhares de professores que vivem diariamente a experiência da sala de aula. Mas por que isto ocorre?

Um olhar para a formação docente pode nos ajudar a tentar elucidar esta dúvida.

Para Gimeno Sacristán (1999, p 41), “os indivíduos – em nosso caso, os alunos – seja qual for a orientação adotada pelas escolas, são pessoas que vivem realmente de uma ou outra maneira na sociedade, agora chamada de *sociedade da informação*”. Mesmo que muitos não tenham acesso direto a alguns equipamentos, como o computador, estão familiarizados com os recursos tecnológicos disponíveis atualmente e não encontram muita dificuldade em operar os novos equipamentos.

Em contrapartida, com os professores a situação é bem diferente. Se para os alunos a palavra tecnologia é sinônimo de avanço, para os educadores pode se tornar motivo de preocupação. Como lembra Costa (2003, p.15) “(...) certos

¹³ Comentário realizado em conversa informal entre a pesquisadora e a professora, sobre a situação da educação.

enunciados, dispersos em algumas publicações pedagógicas e nas pautas da grande mídia, no Brasil e em outros países, têm profetizado, nos últimos tempos, o desaparecimento ou a substituição da escola”, talvez seja este um dos motivos de preocupação dos professores.

Tal situação não ocorre somente hoje, com o advento da era da informática, mas é vivenciada toda vez que uma nova tecnologia surge. Lévy (1993, p. 10) afirma que “o saber oral e os gêneros do conhecimento fundados sobre a escrita ainda existem, é claro, e sem dúvida irão continuar existindo sempre”. Não podemos esquecer que a impressão e a escrita são técnicas que já estão arraigadas à nossa formação, bem como à nossa vida.

Ainda que os desafios trazidos pelo avanço dos meios de comunicação sejam uma realidade, observa-se que os cursos de formação de professores muitas vezes não estão preparados e equipados para acompanhar estes avanços. Conseqüentemente os futuros profissionais que lá se formam não vivenciaram durante sua formação situações que os colocassem frente aos desafios trazidos pela incorporação das novas tecnologias em sala de aula. Assim, ao se depararem com jovens que vivem em uma sociedade midiática percebem o quanto lhes fez falta discussões sobre estes temas.

Soma-se a esta situação o fato de que, quando o educador insere-se no contexto escolar, encontra uma condição paradoxal, pois algumas escolas, embora possuam aparatos tecnológicos, não os disponibilizam para uso contínuo de alunos ou professores. Em suma, a realidade fica, novamente, distante da prática.

Pensamos que o papel do educador, atualmente, é bastante diferente daquele desempenhado comumente. Kenski (1998) afirma que cada vez mais é preciso

(...) que o professor, antes de tudo, se posicione não mais como o detentor do monopólio do saber, mas como um parceiro, (...) que encaminhe e oriente o aluno diante das múltiplas possibilidades e formas de se alcançar o conhecimento e se relacionar com ele. (KENSKI, 1998, p 68)

Ou seja, que ele atue como “orientador y guia”, (Romero, 2007, p. 102), agente mediador no processo de construção do conhecimento, ajudando o aluno a analisar as informações recebidas, refletir a respeito das mesmas e somente depois, transformá-las em conhecimento. “Não basta mais que o professor repita o conteúdo

escrito nos livros como um mero reproduzidor”, elucida Canário (2006, p. 68). Este autor, ao definir que o professor é como um artesão, afirma que ele “tem de ser um reinventor de práticas, reconfigurando-as de acordo com as especificidades dos contextos e dos públicos”.

Como explica Ardiles (2005, p. 55), na maioria das instituições responsáveis por formar os futuros profissionais da educação, o ensino ainda é tratado como “una cuestión simplificada, reducida a una dimensión instructiva que soslaya los factores contextuales, políticos, institucionales, emotivos”. Observamos que muitas vezes desconsideram-se os fatores humanos envolvidos no processo e confunde-se o ensino com uma simples transmissão de informações, realizada através de uma metodologia pronta, encerrada, baseada na supremacia tecnicista que coloca o saber científico acima de todos os outros. Como afirma Costa,

(...) as disciplinas curriculares são a nossa herança, que é muito poderosa, e com a qual não conseguimos romper. (...) Aquilo que deveria ser central é transversal. A História, a Física, a Matemática, a Biologia continuam lá, intocadas, imutáveis, como sempre foram” (COSTA, 2003, p. 45)

Em geral parece que a preocupação dos cursos de formação ainda é centrada em aprofundar as disciplinas de caráter específico, dedicando menos tempo às abordagens pedagógicas. Lucarelli, (1993, p, 21) nos ajuda a entender esta realidade ao falar do “profesor de ciencias naturales de nivel médio, que en el desarrollo de sus clases se maneja exclusivamente con la propuesta curricular presente en el libro de texto” e assim “manifiesta no reconocer las particularidades de ese grupo concreto con el que trabaja”. Este relato não é exclusividade do professor de ciências, mas também é pertinente à conduta do professor de história, matemática, português, geografia, física e das demais disciplinas que fazem parte do currículo escolar vigente.

Parece-nos que os cursos de formação ainda são pautados na lógica da racionalidade técnica, onde teoria e prática pouco se articulam e os conteúdos são fragmentados em disciplinas que muitas vezes ficam desconexas entre si.

Costa (2003) nos lembra que

Com todos os relatórios que falavam de uma estrutura curricular que não dava mais conta daquilo que se esperava que fossem as competências docentes, com tudo que se fez, que se pesquisou, que se disse e se escreveu, os cursos de licenciatura mudaram muito pouco. Eles continuam mais ou menos iguais ao que eram há 25 anos. (COSTA, 2003, p. 44)

Os cursos de formação de professores, em geral, trabalham com um currículo que muitas vezes não atende às necessidades do futuro professor, ainda mais em uma época em que, segundo Kenski, (2007, p. 47), “(...) as informações não param de crescer”, e “a memória humana assume também a importante função de apagar dados inúteis, deletar informações, esquecer”.

Desta forma, de acordo com Libâneo (2003), os professores “(...) saem licenciados com a incumbência de formar mentes construtivistas sem que eles próprios tenham essa cabeça construtivista” (Libâneo, *In* Costa, 2003, p. 49). A afirmação soa um tanto quanto forte, entretanto, é preciso admitir que ela condiz com a realidade.

Talvez sejam estes problemas do processo de formação alguns dos fatores que levam os docentes, como a professora recém-formada citada anteriormente, a se questionarem, segundo afirma Canário (2006, p 61), “sobre sua real utilidade”.

Não queremos dizer entretanto, que os cursos de formação docentes devam ser totalmente reformulados, ou que a melhor saída é a total adoção do uso das tecnologias em sala de aula, pelo contrário. Para tanto, precisamos, sim, investir sempre, e muito, na formação dos professores, que devem ser capazes de viver um permanente processo de formação, como nos lembra Lucarelli (1993)

La formación inicial del docente se completa y actualiza a través de acciones de formación continua, entendida como los esfuerzos llevados a cabo para que el personal docente reciba preparación a lo largo de su vida profesional (LUCARELLI, 1993, p. 36).

Esta formação, tanto a inicial como a continuada, também precisa incluir a formação teórica, mas de maneira clara e objetiva, de forma que ela sirva como base para que o docente saiba que ponto do conhecimento deseja alcançar e possa, em conjunto com os alunos, escolher o(s) melhor(es) caminho(s) para chegarem, em conjunto, até lá. Como exemplifica Libâneo (2003),

(...) uma boa professora de Biologia, o que ela quer? Ela precisa dos conteúdos, sim, mas para desenvolver o que é essencial. É preciso ajudar o menino a ter um raciocínio biológico, de maneira que quando ele vê um canteiro de flores ele se sinta familiar com aquilo. (LIBÂNEO, *In* Costa, 2003, p. 50)

Também é preciso que os cursos dediquem mais tempo a apresentar ao futuro professor, um perfil dos alunos com os quais ele irá trabalhar. Arroyo considera que, “Quem trabalha na educação média precisa conhecer a juventude; quem trabalha na educação fundamental precisa conhecer a infância e a adolescência; quem trabalha na educação infantil precisa conhecer a infância” (Arroyo, *In* Costa, 2003, p. 158). Tal fato é de extrema importância, uma vez que é difícil trabalhar com aquilo que se desconhece, é como ter que escolher caminhos ao andar por uma estrada que não se conhece.

Libâneo, citando Herbart considera que,

(...) na educação da juventude é preciso trazer à atenção do aluno representações que despertem os interesses. Como não sabemos que escolhas os alunos farão no futuro, eles precisam do preparo mais amplo e geral possível, fornecendo-lhes uma multiplicidade de interesses (Libâneo, *In* Costa, 2003, p. 29).

Isto só é possível através do conhecimento, por parte do professor, das realidades vividas por seus alunos. Um professor menos alheio a realidade da criança e do adolescente. Como nos diz Costa (2003),

(...) precisamos muito, hoje, que o professor ou a professora se abram mais para o mundo, que não fiquem tão confinados aos problemas e às compreensões que emergem no interior da escola, mas que sejam, sim, pessoas permeáveis, que tragam as questões do mundo para dentro da escola (COSTA, 2003, p. 43).

Parece necessário que o professor interiorize uma outra visão sobre o que é ensinar e aprender nas relações dinâmicas estabelecidas na sala de aula, transformando o seu ensino em uma atividade que tenha sentido tanto para ele como para seus alunos.

A preocupação do professor em seguir o programa ou a sequência do livro didático para a abordagem dos conteúdos e o medo de *perder tempo* ao responder perguntas que estão fora do assunto da aula, pode deixar passar uma oportunidade

ímpar de ajudar o aluno a realizar a conexão entre o conhecimento científico e a sua experiência extraescolar (ZANCHET, 2000).

A escola não pode ser um mundo à parte, um espaço separado da realidade dos estudantes, onde se ministra um ensino fragmentado, que causa desmotivação. A escola pode tornar-se um lugar que envolva professores e alunos em processos de aprendizagens mútuas, envolvendo toda a comunidade na construção e elaboração da sua cultura e seus valores.

Parece urgente uma discussão em torno de quais conteúdos são necessários para a nossa época, e em que circunstâncias eles podem ser aprendidos, levando-se em conta o conhecimento do aluno e sua inserção na “sociedade da informação”. Cabe, ainda, analisar como podemos pensar em preparar os alunos para o imprevisível, característica própria da contemporaneidade.

Por fim, quanto à questão da inclusão ou não das tecnologias de informação e comunicação no contexto escolar, fato apresentado como possível solução para os problemas da crise das instituições escolares, unindo-nos a Kenski (1998, p 70), acreditamos que “a diferença didática não está no uso ou não-uso das novas tecnologias, mas na compreensão das suas possibilidades”. Assim como a autora, também pensamos que os professores necessitam ter

(...) oportunidades de familiarização com as novas tecnologias educativas, suas possibilidades e limites para que, na prática, façam escolhas conscientes sobre o uso das formas mais adequadas ao ensino de um determinado tipo de conhecimento, em um determinado nível de complexidade, para um grupo específico de alunos e no tempo disponível” (KENSKI, 1998, p. 70).

Para tanto pensamos ser não só pertinente como também necessária a abordagem dos temas relacionados às novas tecnologias de comunicação e informação, não só nos cursos de formação de professores, bem como em cursos de aperfeiçoamento realizados posteriormente à formação inicial, a fim de que tenhamos, cada vez mais, um profissional do ensino capaz de responder com propriedade e pertinência às questões do nosso tempo. “Em suma, isso significa aproveitar a mídia para aquilo e naquilo que ela pode nos oferecer de positivo” (Neto, In Costa, 2003, p. 124).

7. ANALISANDO OS DADOS OBTIDOS: UM OLHAR SOBRE AS EXPRESSÕES DOS ENTREVISTADOS

Durante esse trabalho nossa expectativa foi entender como os professores que utilizam recursos tecnológicos em suas aulas expressam suas práticas em relação aos aspectos pedagógicos.

A intenção foi fazer uma análise sobre o que eles expressaram e o que pudemos observar nas aulas, tentando, a partir do referencial teórico estudado, buscar subsídios que mostrem a importância de trabalhar com recursos tecnológicos a partir de uma proposta que envolva o aluno como protagonista na construção do saber. Entendemos que sem essa perspectiva, a utilização desses aparatos acaba se transformando em um trabalho com ferramentas que substituem o quadro de giz e/ou o livro didático.

Em contrapartida, observamos que alguns professores usam as tecnologias de maneiras criativas possibilitando ao aluno percorrer o caminho da descoberta.

A análise dos dados feita à luz do referencial teórico, as entrevistas, observações, fotos e vídeos nos permitiram explicitar cinco dimensões de análise:

1. Interação aluno e mídias
2. Utilização das mídias: ferramenta ou recurso didático
3. Aspectos pedagógicos considerados quando da escolha dos recursos tecnológicos usados em sala de aula
4. Especificidade do conteúdo (natureza da disciplina) como possibilidade para o uso das tecnologias
5. Professor como mediador

A **primeira categoria** a ser analisada, tinha por principal objetivo observar se ocorria a **interação dos alunos com as mídias** e de que forma isto se dava durante as aulas.

Tornou-se evidente que a mídia mais utilizada pelos professores, quando o assunto é a utilização das tecnologias, é o Data Show. Todos os cinco sujeitos que participaram deste estudo utilizam este como principal recurso durante suas aulas, embora a forma como o mesmo é utilizado varie em alguns casos.

Uma das professoras propõe aos alunos a realização de trabalhos nos quais eles possam criar seu próprio material, buscando construir seus saberes, após abordar o assunto com a turma. Ela afirma: *“tu fazes os slides do Power Point, aí tu lanças a eles, explicas dialogando, mostrando, eles interferindo, depois eles constroem o seu saber, também através ou do Power Point, ou então da televisão...”* Através da fala da professora podemos inferir que, tanto ela como também os alunos, trabalham levando em consideração a possibilidade da criação de material utilizando os recursos midiáticos. Nesse sentido, entendemos que existe uma aproximação ao que Freire (1996) refere-se quando diz que o aluno precisa sentir-se como sujeito de sua aprendizagem.

Já a outra utiliza, na maioria das vezes programas que permitam ao aluno realizar operações matemáticas. Ela relata: *“eu coloco eles pra trabalhar com esses programinhas¹⁴”*. Durante as observações foi possível acompanhar os alunos enquanto utilizavam os equipamentos, já que as aulas da professora ocorreram em uma sala onde havia computadores à disposição dos alunos, ainda que em número inferior à quantidade de estudantes. Para que todos pudessem trabalhar no programa, foi necessário que se revezassem. A interação direta dos alunos com as mídias se deu em uma das aulas, já que nas demais a educadora utilizou apresentações em Power Point como forma de expor o novo conteúdo a ser trabalhado. O que pudemos observar nesse caso, é que torna-se difícil para o professor assumir um papel de produtor, operador e crítico das novas tecnologias (Kenski, 1998, p.70) pois só utiliza programas prontos.

No caso de “D” e “E”, não foi possível acompanhar os alunos trabalhando diretamente com as mídias em sala de aula, entretanto, pudemos observar o resultado do trabalho pronto, através da apresentação de um vídeo realizado pelos alunos e proposto como trabalho conjunto pelas professoras. Além disto, em uma das aulas onde ocorreu a observação, as professoras trouxeram uma profissional da área da comunicação para auxiliar os alunos a trabalharem com as mídias. A convidada falou sobre a parte prática da montagem do trabalho proposto pelas professoras, além de elucidar dúvidas dos estudantes em relação aos softwares mais indicados para a realização da atividade. Isto demonstra que “D” e “E” estavam

¹⁴ Transcrição literal da maneira como a professora se referiu aos softwares por ela utilizados, durante a entrevista. Reiteramos que não estamos fazendo juízo de valor e/ou menosprezando a forma como a mesma utiliza o termo.

preocupadas não somente com a parte teórica do trabalho, mas também em possibilitar aos alunos um maior aprofundamento na área prática, o que possibilitaria melhores resultados finais na montagem do material, podendo assim despertar maior interesse e envolvimento dos estudantes e, conseqüentemente, um melhor aprendizado.

A professora “D” relata, quando questionada sobre a utilização dos recursos midiáticos: *“Eu devo confessar que eu não uso muito... mas o que eu mais uso, agora, considerando o que a escola possui, é na verdade o data show. Por que ele tem a possibilidade justamente de fazer um quadro mais dinâmico. Via de regra eu uso menos que os alunos. Então eles usam mais. Então ao invés de eu preparar material, trazer o data show, explicar, ele vai produzir e ele vai dizer o que ele fez lá, o que ele montou.”* Ela complementa: *“(...) eu mais faço eles utilizarem do que eu propriamente utilizo. Por que como eu disse assim pra eles, trazer Power Point e fazer a apresentação eles tão mais ou menos acostumados.”* Através desta fala observamos que é comum aos alunos a realização de trabalhos com o auxílio das mídias.

A professora “E” afirma: *“a gente parte do texto e a partir do texto eles vão construir alguma coisa e trabalhar com recurso midiático.(...) agora a gente primeiro entrega a parte escrita e a partir disso eles vão escrevendo, vão montando as apresentações em Power Point para trabalhar também a questão da argumentação e também da oratória, eles vão montando pequenos vídeos, trabalham bastante com a questão dos slides e inclusive eles têm gostado bastante.”* No caso de ambas, os alunos trabalham bastante com a utilização de recursos midiáticos, onde seja necessário que os mesmos tenham contato direto com as mídias, e, nesse caso, as professoras deixam a critério dos alunos a confecção do trabalho. Essa possibilidade torna os alunos mais interativos, como lembra Kenski (2007), mais autônomos em busca de seus próprios caminhos, e permite que aprendam a fazer trocas, o que é uma situação desejável.

Durante as observações realizadas, em um dos casos foi possível perceber que os alunos não tiveram a oportunidade de interagir diretamente com as mídias. Neste caso, a professora utiliza as mídias para a ilustração das aulas nas quais precisa mostrar a seus alunos imagens que deseja que os mesmos conheçam. Os alunos são, neste caso específico, expectadores, não tendo nenhum tipo de contato direto com as mídias. Durante as observações a interação que se viu ocorrer por

parte dos estudantes foi a realização de questionamentos relacionados não à parte teórica da matéria, mas sobre curiosidades dos alunos em relação a assuntos do seu cotidiano que tinham relação com a disciplina.

Passando à **segunda categoria de análise**, voltamos nosso olhar aos professores que utilizam os recursos midiáticos como **ferramentas** durante o processo de ensino. Encontramos neste grupo dois sujeitos que se enquadram nesta categoria, o que nos leva a crer que os mesmos não conhecem em profundidade o potencial que as ferramentas que utilizam apresentam, uma vez que podem se constituir em recursos importantes que ajudarão na formação crítica do aluno pois quando eles precisam decidir, escolher, analisar outras perspectivas se faz necessário um maior aprofundamento teórico dos conteúdos com os quais estão trabalhando.

Uma professora afirma que coloca os alunos para *“trabalhar com esses programinhas”*, entretanto relata: *“Power Point também uso bastante, bastante apresentação, é, por que às vezes é muito conteúdo em pouco tempo aí a gente passa, eu mando pro e-mail da turma, geralmente eles têm um e-mail, é isso que eu utilizo”*. Através de algumas afirmações nos parece que ela desconhece o potencial que pode existir na utilização das mídias, como lembra Kensky (2008). Tal percepção é reiterada pela fala da professora durante uma aula na qual os alunos trabalhavam com um software, quando ela afirma que o programa *“é de fácil utilização, não precisa ser nenhum gênio para utilizar”*.

A utilização das mídias neste caso fica, na maioria das vezes, restrita às apresentações do conteúdo em Power Point aos alunos, como citado anteriormente, fazendo com que as mídias sejam uma forma de apresentar de “roupa nova” o conteúdo que tradicionalmente é trabalhado com quadro e giz. Entendemos que utilizar-se das tecnologias como recurso que serve para dar conta de expor o conteúdo estipulado de forma mais rápida parece não ser a melhor forma de contribuir para a formação do espírito crítico do aluno. Observamos que, práticas assim desenvolvidas em geral podem diminuir ainda mais as possibilidades de que o aluno venha a refletir sobre as informações recebidas, mantendo a situação em que o aluno, segundo Libâneo (*In Costa, 2003*) é visto como um depósito de conteúdo. Parece que a professora não percebe que vive uma situação de contradição pois também diz, quando questionada sobre a escolha do recurso, que busca *“um que eu*

acho que vai estimular eles, o que vai motivar, o que vai fazer com que eles se interessem um pouco mais, diferente, é para motivar”.

Pudemos perceber que, neste caso, é mais presente a substituição do quadro e giz pelos aparatos tecnológicos do que, de fato, a assunção de uma proposta pedagógica onde eles sejam utilizados como auxílio à compreensão dos conteúdos.

Observamos que os professores, em geral, desenvolvem/expõem conteúdos padrão, feito para um tipo de aluno modelo, desconsiderando as particularidades de cada turma. O depoimento da professora reforça nossa afirmação quando diz que *“muitas apresentações já têm prontas aqui, aí eu utilizo”*. Percebemos, nas observações das aulas, que a professora pede que os alunos refaçam alguns exercícios feitos anteriormente, utilizando o programa. Esta situação nos remete à afirmação de Obiols (2003), quando nos diz que o aborrecimento é uma sensação associada à escola.(tradução nossa).

Quando questionada sobre a forma de utilização do recurso, ela diz: *“na maioria das vezes é expositivo (...) que eu apresento ou eles têm que fazer algum trabalho ali naquele programa. Seria, eu peço pra eles fazerem, dá para eles irem para pesquisa e construírem, mas seria mais expositivo.”* Desta forma, o que se pode observar é que a professora pouco incentiva os alunos a percorrerem o caminho da busca de outras possibilidades, além daquelas por ela propostas.

Percebemos que a professora considera as mídias mais como uma *“técnica para ajudar eles a entenderem o conteúdo”*, de acordo com ela mesma.

Quando analisamos as falas de outra professora, percebemos que ela julga importante trabalhar com as mídias para chamar a atenção do aluno, o que pode ser observado pela sua fala: *“de tecnologia eles entendem tudo, tu não precisas ensinar nada para eles. Então para tu teres a atenção deles, teres motivação, tu tens que diversificar.”* Nesse sentido, verifica-se que a professora utiliza as mídias como ferramentas, deixando de explorar as possibilidades de um trabalho de construção do conhecimento. Ao citar exemplos de utilização das mídias em aula ela afirma utilizar a internet para pesquisas: *“Eu uso bastante a internet, para pesquisas, porque a gente tem vários sites, por exemplo, atlas na internet,(...)”*. Exemplifica dizendo que quando *“tu vais trabalhar esqueleto, vais trabalhar tecidos, tu tens como trabalhar todos os tecidos com atlas na internet, que daí eles estão visualizando”*.

Referindo-se à diversificação na utilização de recursos, a professora afirma também utilizar a Internet para trabalhar em sites de outros professores, os quais disponibilizam questões de vestibular. Na maioria dos casos percebemos que as questões relacionadas ao vestibular são do interesse de grande parte dos alunos do ensino médio. No entanto, o material disponibilizado aos estudantes não é elaborado pela professora e, sim, para aquele que Canário (2006) chama de “aluno médio”, ou seja, um padrão adotado como referência, mas que dificilmente é encontrado.

Mesmo ao afirmar que *“tu sempre tens que fazer alguma coisa que ele seja o agente, que ele vai produzir, tu não podes querer ficar assim, tu chegares e começas a falar, falar, falar, falar e despejar, despejar, despejar coisas, ele tem que interagir”*, não foi possível perceber, na prática, que haja a oportunidade para que o aluno construa seu próprio conhecimento, já que de acordo com a própria professora todas as atividades tem um roteiro/esquema pré programado por ela, no qual os alunos devem se basear para a realização das tarefas propostas. Esta condição nos remete à situação descrita por Freire (1986), na qual o professor traz consigo respostas prontas antes que os alunos o tenham questionado.

Embora a professora se mostre bastante acessível em disponibilizar o material trabalhado através das mídias para os alunos, o que se percebe quando ela comenta: *“Eu sempre disponibilizo, ou eu disponibilizo por e-mail, ou eu empresto cd, ou eu empresto pen-drive, eu empresto, passo e disponibilizo pra eles tudo e aí eu sinto que a partir daquele material eles realmente estudam, eles realmente fazem as coisas”*, é que tal atitude pode não ser suficiente para estimular os alunos a estudarem. Pode, em alguns casos, causar desinteresse em sala de aula, quando da abordagem do conteúdo, já que segundo ela *“Eles (alunos) adoram se dispersar e puxar uma outra conversa. Eles são cada vez mais imaturos, isso aí é em qualquer série”*.

Quando questionada sobre o que leva em consideração na hora de escolher o recurso com o qual vai trabalhar, responde: *“eu analiso o conteúdo que vai ser trabalhado... o que o aluno precisa para entender aquele conteúdo: ele precisa visualizar, ele precisa se dar conta, fazer uma imagem para relacionar aquela teoria toda com uma imagem. O que ele precisa para fixar aquilo ali, sempre eu penso também de que forma vai se tornar mais fácil ele se apoderar daquela aprendizagem, assimilar aquele conteúdo”*. Entendemos que nessa situação a

professora procura um recurso que melhor se adapte aos seus propósitos. Assim a tecnologia passa a ser uma ferramenta que ajuda na sala de aula.

Partindo para a análise da **terceira** categoria, onde o foco são os aspectos pedagógicos levados em conta quando os professores escolhem utilizar os recursos tecnológicos em suas aulas, percebemos que esta categoria é mais presente nas respostas e na prática de três professores.

A primeira professora planeja a utilização dos recursos midiáticos com base no conteúdo a ser trabalhado e no resultado desejado. Ela afirma: *“Então esse recurso todo, didático é feito em cima do conteúdo trabalhado e da realidade vivenciada, para que não fique somente a cobrança avaliativa, pós conteúdo para prova. Isso eles têm que levar para a vida, o importante é levar para a vida”*. Ela expressa o desejo de que os estudantes sejam sujeitos no processo, de tal forma que o conteúdo seja significativo, podendo ser levado para fora da sala de aula e ajudá-los na resolução de problemas de seu cotidiano, o que pode prepará-los para serem cidadãos, como lembra Gimeno Sacristán (2007, p.44). Demonstra buscar os recursos midiáticos na tentativa de obter melhores resultados no processo de ensino-aprendizagem. Exemplo disso é quando ela comenta que: *“não adianta tu quererem usar mídias, não adianta tu quererem diversificar, se na realidade não é para ti é para o teu aluno é para o resultado do ensino aprendizagem que tu te propões”*. A preocupação que a professora demonstra em fazer suas aulas terem significado para os alunos não fica restrita apenas à fala. Durante as observações, foi possível perceber o entrosamento entre ambos e, embora em uma das aulas alguns slides apresentados pela professora não fossem aparentemente atrativos, através da explanação e debate promovido pela mesma com os estudantes, as trocas e aprendizagens aconteceram de forma bastante satisfatória. Os alunos, com raríssimas exceções, permaneceram atentos e participaram ativamente. Talvez isto seja resultado da forma como a professora se propõe a trabalhar, dialogando com os estudantes e dando espaço para que eles percorram o caminho na construção de seus saberes. Ela afirma: *“Eles fazem interpretações, eu deixo muito livre isso, eles fazem o quê? Eles constroem, eles constroem o mundo que eles queriam, ou o mundo que eles vivem e o que eles acham que deveria ser, o ideal. Então é a partir daí. Então tu tens para trabalhares, tu fazes um planejamento e aí tu crias várias, várias ramificações”*. Além de deixá-los livres para que caminhem por si só, a professora utiliza o resultado do trabalho dos alunos como base para dar

continuidade ao conteúdo, criando então, a partir daí, diversos caminhos que possam ser percorridos pela turma para que cheguem ao resultado desejado. A conduta da professora vai ao encontro do que Kenski nos diz,

Com um maior grau de complexidade nas formas de interação e comunicação, tanto discente quanto docente, nós podemos ter ensino – didaticamente ativo e envolvente – construído com a cooperação dos alunos. Um ensino baseado em trocas e desafios. Que envolva e motive os alunos para a participação e a expressão de suas opiniões. (KENSKI, *In* Rosa e Souza, 2002, p.259)

Foi possível perceber durante as observações que, mesmo com a utilização de filmes, ela busca fazer diferente, reconfigurando a prática de acordo com os alunos e com o contexto, como define Canário (2006). Ao invés de apenas apresentar o filme para ilustrar algum assunto, ou solicitar que eles comentem o que acharam interessante, a professora “A” promove debates e chama a atenção dos estudantes para assuntos relevantes e muitas vezes polêmicos que são abordados no filme. Ela diz: *“Então eu pego um dos filmes e a partir dele eu construo vários caminhos que eles mesmos vão tentar”*. Nesta perspectiva, lembramos Freire, quando afirma que

(...) devemos, como educadores progressistas, apoiar o educando para que ele mesmo vença suas dificuldades na compreensão e na inteligência do objeto, e para que sua curiosidade compensada e gratificada pelo êxito da compreensão, seja mantida e, assim, estimulada a continuar a busca permanente que o processo de conhecer implica (FREIRE, 1997, p. 134).

No caso de outra professora, mesmo que ela afirme utilizar pouco os recursos midiáticos, isto não a impede ou atrapalha no momento em que se coloca no lugar do estudante quando da proposição de um trabalho novo. Ela relata: *“então para eles chegarem onde nós queríamos, nós professores nos reunimos e fizemos e apresentamos o trabalho para eles no vídeo. Então nós mesmos fizemos uma simulação de um pequeno jornal, de entrevista com professores, um professor entrevistando outro professor e eles descobriram qual seria o trabalho deles através do vídeo que a gente apresentou pra eles”*. Desta forma, os professores envolvidos no projeto percorreram o caminho antes do aluno, percebendo quais as maiores dificuldades e desafios que estes enfrentariam, podendo auxiliá-los de maneira mais objetiva.

A professora demonstra compreender que existem diversas possibilidades oferecidas pelos recursos midiáticos, lembradas por Kenski (1998, p. 70), para envolver os alunos nos trabalhos propostos de uma forma diferente e através da qual eles podem ser realmente sujeitos no processo de construção do conhecimento. Observamos isto quando a mesma explica como pensa a utilização dos recursos: *“toda aquela parte chata eles teriam que fazer em casa sozinhos, em grupos e pensar a parte chata como uma coisa menos chata, mais interessante. Associar então com a música, associar com a imagem, enfim, fazer todas essas ligações. Então nesse sentido, no momento que ele está preparando... o vídeo é só um resultado, ele não vai aprender assistindo o vídeo, ele vai aprender até chegar lá.(...) Então o vídeo na verdade, seria uma desculpa, se eu posso dizer essa palavra, é uma desculpa para forçar o aluno a estudar. Não é? E aí ele chega lá com o vídeo, achando o vídeo a coisa mais importante, mas o mais importante de tudo ele já fez antes.(...) utilizar essa parte que a gente pensa que eles acham mais legal, mais interessante, mais motivador, para fazer eles realmente pensarem, fazerem a projeção, caminharem. É nesse sentido”*. Além disso, também mostra conhecer bem o aluno com o qual trabalha, suas preferências, a forma como pensa e o que o atrai, o que, segundo Arroyo (*In Costa, 2003*), é indispensável.

Entendemos assim como Pérez Gómez, que o aluno

(...) é um ativo processador da informação que assimila, e o professor, um mero instigador deste processo dialético por meio do qual se transformam os pensamentos e as crenças do estudante. Para provocar este processo dialético de transformação, o docente deve conhecer o estado atual de desenvolvimento do aluno, quais são as suas preocupações, interesses e possibilidades de compreensão. O novo material de aprendizagem somente provocará a transformação das crenças e pensamentos do aluno quando consiga mobilizar os esquemas já existentes de seu pensamento (PÉREZ GÓMEZ, 1998, p. 69).

Podemos perceber que por trás da proposta de utilização das mídias existe um fundamento pedagógico. Quando questionada se acreditava ser possível utilizar os recursos midiáticos para trabalhar todo e qualquer conteúdo ela responde: *“Sim. Ele tem que ter um fundamento. Eu não vou usar do nada”*. Entendemos ser este um fundamento que precisa estar presente nas práticas todas às vezes em que um recurso é utilizado, não deixando que se caracterize o simples “uso pelo uso”,

fazendo com que se percam as oportunidades de explorar todas as possibilidades que se abrem ao fazer algo verdadeiramente novo.

O fato de deixar o aluno usar as tecnologias também não se reduz a entregar “o brinquedo na mão da criança”, como explica a professora: “*Nós queremos que eles falem sobre aquilo, por isso que essa questão do recurso para a apresentação ela modifica, por que eles são obrigados a realmente começar a entender o assunto para poderem fazer uma boa apresentação (...) eles vão ter que se expressar e mostrar que eles leram, que eles conhecem*”. Talvez exista nessa atitude da professora a intenção de que o aluno realmente estude, pense e expresse sua opinião.

Quando olhamos a forma como outra educadora utiliza os recursos midiáticos, também é possível perceber que há uma proposta pedagógica alicerçando a escolha. Ela afirma: “*O importante é conhecer a turma.(...) ver quais os recursos e também os assuntos que acabam interessando a esses alunos*”. Neste caso a professora demonstra estar em sintonia com a fala de Coutinho (2000, p.39), quando afirma que os alunos trazem consigo saberes frutos de sua interação com os meio que os cerca, incluindo os meios de comunicação. Com base no conhecimento que tem das preferências da turma e também buscando que o recurso seja, como ela própria define, “*alguma coisa que instigue, que faça com que o aluno por si só tenha vontade de aprender*”, a professora afirma ter mudado a forma como conduz o andamento dos trabalhos. Fazendo o que podemos definir como caminho inverso ao tradicionalmente oferecido ela diz: “*a gente parte do texto e a partir do texto eles vão construir alguma coisa e trabalhar com recurso midiático. (...) E para nós tem sido gratificante porque eles passam a construir o conhecimento*”. Assim, ao invés de apresentar um vídeo, uma sequência de slides em Power Point, ou qualquer outro tipo de material para que a partir destes o aluno escreva o que dali pode compreender, entrega aos estudantes um texto e pede que eles elaborem o material para a apresentação. Com esta atitude ela se coloca, não como detentora do saber, como considera Kenski (1998), mas como parceira, orientando o aluno frente às possibilidades existentes de que este construa seu saber. De acordo com seu depoimento, é possível perceber que o aluno não sai “ileso” desta experiência, ele leva consigo as marcas do trabalho, conforme a mesma relata: “*Por exemplo, esse vídeo que eu estou te falando foi feito há três anos atrás, e o aluno ainda lembra. Eu perguntei para ele e ele disse para mim: ‘Ah, o do boi velho? Ah, tá o do João*

Simões Lopes Neto' (...) Antes disso, se eu tivesse falado em aula para ele, ele ia lembrar do João Simões Lopes Neto? Nem saberia quem é, como tantas vezes já aconteceu. A gente termina um conteúdo e eles 'Ah, mas isso foi trabalhado?' (...) Então eu acredito que o envolvimento, a resposta o aproveitamento seja maior, por tudo".

Passando à **quarta** categoria na qual iremos observar se a **especificidade do conteúdo** (natureza da disciplina) **propicia ou não o uso** das mídias, através das falas das professoras foi possível identificar que, dentre os nossos sujeitos, algumas demonstram maior dificuldade em incorporar as mídias no contexto da sala de uma forma que rompa com a forma de utilização tradicional.

Em um dos casos observados, embora a professora afirme em certo momento: *"eu acho que sim, que tem um jeito de abordar tudo para, para melhorar, assim, fazer com mídias, apresentações, jogos, programinhas"*, é difícil perceber nas observações realizadas que a mesma consiga colocar isto em prática, visto que afirma: *"dependendo do conteúdo eu não utilizo nada, eu faço o tradicional, faço só o giz, o exercício e o quadro"*. Ela comenta: *"Falta o meu conhecimento, falta eu pesquisar. Se eu pesquisar eu encontro, eu sei"*. Será realmente por falta de tempo para a pesquisa ou pelo fato de sua formação profissional ser em um curso da área de ciências exatas, fundamentada no paradigma da modernidade, que tem como princípio a ciência pura e só válida aquilo que pode ser provado através desta?

Outra professora, quando questionada se acreditava ser possível utilizar as mídias em todo conteúdo responde: *"Não, eu acho que tem conteúdos que não se prestam, que daí tu tens que procurar usar uma outra técnica que não seja com mídia"*. Neste caso, a afirmação nos permite perceber a dificuldade que a professora encontra em romper com a forma de ensino tradicional, colocada em prática quando aborda determinados conteúdos. Além de se referir às mídias como técnicas, sente a necessidade de usar as fórmulas prontas, já testadas e "aprovadas" ao longo dos anos, não se permitindo tentar trilhar caminhos diferentes que possam abrir chances de novas descobertas tanto para ela quanto para seus alunos.

Embora as duas professoras utilizem as mídias em sala de aula, foi possível observar que, nos dois casos, a formação superior parece ser um fator importante para compreendermos a maneira como as mesmas trabalham utilizando as mídias e o modo como pensam o assunto.

As demais entrevistadas, todas graduadas na área das ciências humanas, não parecem encontrar tanta dificuldade em conseguir encontrar uma forma de incorporar as mídias quando da abordagem de qualquer conteúdo relativo às disciplinas com as quais trabalham tentando, como propõe Neto (*In Costa 2003*), aproveitar o que as mídias podem oferecer de positivo.

Uma das professoras, ao ser questionada sobre a utilização das mídias para abordar qualquer conteúdo, nos diz: *“Possível é, possível é. Claro. Sim, podes, claro. Podes sempre. Por que ela te facilita, ela te ajuda, ela te mostra. As mídias elas são aproveitadas sempre. É possível, claro, te torna riquíssimo. Tu tem é que diversificar a utilização dela e não poluir”*. Além de demonstrar compreender que não há restrição de conteúdo a ser trabalhado com as mídias, a educadora ainda chama a atenção para o cuidado na hora de utilizá-las, fazendo de forma ponderada, a fim de que ao invés de ajudar não termine atrapalhando o processo. Ela ainda alerta: *“se tu mostra muita mídia ele já nem quer mais. ‘A mesma coisa, aquela mulher só faz isso’. Eu ouço eles dizerem. ‘Não sabe mais dar aula, só mostram isso!’, eles dizem”*. Este relato chama a atenção para o fato de que, não é por ser possível usar o recurso midiático em todo tipo de conteúdo, que se deve fazer o uso virar rotina, o que pode gerar o desinteresse do aluno. Esta opinião é partilhada por outra professora, a qual afirma: *“eu posso usar as mídias em todo e qualquer conteúdo, agora, utilizar sempre é cansativo até para o aluno. É bom quando é uma coisa assim, hoje é uma aula diferente”*.

Ainda sobre a utilização das mídias, a mesma comenta: *“eu acho que pode sim (...) torna mais, mais rápido do que aquela coisa de escreve no quadro, apaga e tal. Mais prático. E até assim, em termos de seqüência assim, uma coisa que tu elaboras, com calma, fazes na tua casa, tu pegas toda uma seqüência que leva a um determinado raciocínio, que às vezes na aula, até pelas próprias perguntas dos alunos, tendo que interromper, e aí perde um pouquinho aquele que a gente chama de ‘fio da meada’, não é? Perde um pouquinho aquela seqüência lógica, às vezes atrapalha um pouquinho, para conduzir o pensamento para o aluno aprender”*. Chama a atenção aqui, que a professora consegue perceber, em sua totalidade, as vantagens da utilização das mídias, pois além de, como já citado anteriormente, entendê-las como algo que pode ajudar no processo de construção do conhecimento dos alunos, oferecendo alternativas para a realização dos trabalhos, elas também facilitam o trabalho do professor, agilizando a aula e possibilitando que

este planeje suas aulas de modo a encontrar os vários caminhos possíveis de serem percorridos.

No caso de outra professora, nos chama a atenção o relato da mesma ao afirmar que, até pouco tempo se questionada, talvez respondesse não acreditar que fosse possível utilizar as mídias em todas as aulas de português, o que segundo ela mudou em decorrência de uma experiência vivenciada em sala de aula. Ela conta: *“eu cheguei numa turma para dar aula e estava com a minha agenda na mão e um caderno e eu entrei na sala e só tinha equipamento tecnológico. Computadores, Data Show e qualquer coisa do gênero. E cada um tinha um laptop e quem não tinha utilizava... Então eu cheguei, eles tinham tudo relacionado a isso e eu cheguei com um caderno e eles começaram a rir. Riram muito, muito, muito no primeiro dia. “Ah professora, a senhora é que veio nos dar aula? Nossa que interessante!” Por que na verdade eu concorria com tudo isso e ia trabalhar Língua Portuguesa num curso onde existiam todos os recursos (...) Então a primeira aula foi um choque, não é? Eu passei a simplesmente conversar com eles, verificar as necessidades e nós trabalhamos um semestre inteiro somente com equipamento, com esse tipo de equipamento. (...) As pesquisas, os temas todos eram feitos no computador de cada um. (...) era uma aula muito interessante porque não tinha papel. Eu corrigia pela Internet, era algo assim, que pra mim, num primeiro momento foi muito estranho, (...) Mas foi uma experiência assim, que eu tive que me adaptar e eu tinha que trabalhar com eles com os mesmos conteúdos que eu trabalho, não é?”* Este relato nos ajuda a perceber que existe disponibilidade da professora em ousar viver esta nova experiência, sem restrições, sem preconceitos e foi fundamental para que ela mudasse sua opinião a respeito das tecnologias, já que, como afirma Libâneo (In Costa, 2003) aquilo que ocorre nos meios de comunicação, na informática, precisa ser estudado a fim de ser incorporado pelas escolas para ajudar no processo de aprendizagem. Cabe questionar: será a natureza da disciplina ou a área de conhecimento que não impulsiona os professores a lançarem-se a outras possibilidades para o ensino que desenvolvem?

Passamos então à **quinta** e última categoria, na qual iremos observar o **professor** como **mediador** do processo de ensino, ou seja, aquele que se interpõe entre a informação e o aluno, a fim de ajudá-lo a transformar a primeira em conhecimento.

Muitos estudos tratam o professor como facilitador, aquele que deveria tornar mais fácil a aprendizagem. O termo “facilitador da aprendizagem” também é utilizado pelos nossos respondentes, como podemos identificar na fala de uma professora, quando esta diz: *“Então tu sempre tens que fazer com que ele (aluno) seja o agente e tu (professor) é o facilitador”*.

Belloni nos lembra que o papel do professor,

(...) tende a ser cada vez mais mediatizado. O professor tende a ser amplamente mediatizado: como produtor de mensagens inscritas em meios tecnológicos, destinadas a estudantes à distância, e como usuário ativo e crítico e mediador entre estes meios e os alunos.”(BELLONI, 2009, p.28)

A expressão de outra professora vem ao encontro do que nos diz a autora, já que comenta: *“tu tens que mostrar para eles, que não é o valor do CTRL+C, do CTRL+V, que eles têm que ter a essência de fazerem a sua contextualização”*. Aqui percebemos a preocupação da professora em mostrar para os alunos que não basta utilizarem as facilidades oferecidas pelas mídias para simplesmente cumprir as tarefas, como por exemplo copiar e colar diversos textos encontrados através da internet, como se este ato significasse pesquisar. É preciso que o aluno aprenda a ler, questionar, criticar e compreender o que lhe é transmitido, formando o que Libâneo (In Costa,2003) chama de sujeitos pensantes e críticos.

Ainda sobre esta questão, outra entrevistada mostra compartilhar da mesma opinião de sua colega e chama a atenção para outro fato: o que o jovem faz com todo o volume de informações que recebe? Ela comenta: *“Eles baixam da internet, eles colam, copiam, etc. O diferencial está assim, é: muito bem, tu podes baixar quinhentas mil informações ali, mas o que tu fazes com elas? Não é? Então tem que ensiná-los a aproveitar, a olhar, por que às vezes tu abres mil e quinhentas páginas e todas elas falam a mesma coisa, ou tu abres e uma diz o contrário da outra. Então incentivar eles no sentido de que eles leiam, de fato o que eles estão fazendo, não apenas copiem, que isso acontece muito também, e que eles trabalhem aquela informação. (...) Por que a informação em si, ela não é conhecimento, ela tem que ser trabalhada, não é?”* Entendemos que nesta fala está presente o papel do professor mediador, aquele que alerta o aluno para as peculiaridades do mundo que o cerca, que tenta evitar que o jovem se deslumbre com as milhares de possibilidades oferecidas pelas mídias, deixando de lado o olhar crítico sobre estas,

uma vez que ainda que tenham trazido às nossas vidas uma enormidade de vantagens e facilidades. De acordo com Costa (2003), as mídias subjagam especialmente a população jovem desescolarizada. Assim, esta a professora pretende *“que eles (alunos) possam enxergar que as coisas não são tão simples assim, que por trás da informação e principalmente das tecnologias, que nós podemos usar ao nosso favor, mas têm muita coisa que é usada única e exclusivamente para nos manipular e massificar tudo”*.

É cada vez mais imprescindível que o professor assuma o papel de mediador, ao invés de ser aquele que impõe verdades prontas, baseado em teorias positivistas, deixando o aluno mais livre para pensar. Ainda que isto seja difícil, já que, de acordo com uma das entrevistadas, nós ainda não temos chegado *“àquele, nível onde o aluno só ele vai... ele sempre tem aquela, digamos, essa cultura de que o professor tem que dizer alguma coisa, tem que falar...sempre existe isso”*, Belloni considera que,

Embora seja ainda uma utopia o aluno autodidata que espera encontrar no professor um parceiro na construção do conhecimento, a autodidaxia já é uma característica essencial dos modos de aprendizagem das crianças e jovens em sua relação com as máquinas de informação e comunicação, sendo, pois, fundamental que a formação de professores inclua este elemento novo. (BELLONI, 2009, p.28)

É importante salientar que é preciso que os professores façam um esforço no sentido de rever conceitos e propostas que levam para sala de aula, a fim de compreender o que Belloni (2009, p.28) chama de redimensionamento do papel do professor na sociedade atual.

8. CONCLUSÃO

Após um longo período necessário para a realização desta pesquisa, dizemos longo porque realmente o foi, tendo em vista termos “batido em várias portas” que se fecharam frente aos nossos olhos ao sabermos do teor deste trabalho, é possível que cheguemos a algumas conclusões na tentativa de responder a pergunta por nós realizada: “professores que utilizam tecnologias em suas aulas: como expressam situações pedagógicas de suas práticas?”

Nesta pesquisa pudemos perceber que todos os sujeitos afirmavam estar utilizando os recursos tecnológicos/midiáticos visando proporcionar aos alunos oportunidades de melhor aprender. Entretanto, através da análise das entrevistas e observações realizadas percebemos que, na realidade, poucos dos professores entrevistados incorporavam as tecnologias às suas aulas de uma forma que estas permitissem uma modificação no tradicional modo de ensino, isto é, a transmissão do conteúdo.

Chamou nossa atenção, neste estudo, que o grupo que utilizava as tecnologias de maneira a romper com o ensino tradicional era maior do que aquele que ainda mantinha as características tradicionais, sendo ainda mais surpreendente o fato que a professora com mais tempo de formação era aquela que tentava, com maior frequência, incorporar as tecnologias em suas aulas tendo como base uma proposta pedagógica para o uso das mesmas. Considerando que um maior número de professores utilizava as tecnologias na perspectiva da ruptura com um ensino transmissivo, entendemos que ainda é necessário que houvesse um embasamento teórico que as ajudasse a compreender que a utilização dos recursos midiáticos/tecnológicos demanda

(...) concepções metodológicas muito diferentes daquelas metodologias tradicionais de ensino, baseadas num discurso científico linear, cartesiano e positivista. Sua utilização com fins educativos exige mudanças radicais nos modos de compreender o ensino e a didática. (Belloni 2009 p.27)

Entretanto, o cenário descrito no início da conclusão deste trabalho, aliado ao fato da amostra de cinco sujeitos ser pequena quando comparada ao universo de professores inseridos na escola, nos leva a questionar a situação encontrada. Por

que motivo inúmeras escolas não teriam permitido nosso acesso às salas de aula e o contato com professores que utilizam as tecnologias em seu cotidiano?

Quanto às diferenças existentes entre ambas as escolas, pelo fato de serem uma pública e outra particular, chamou nossa atenção que, neste caso específico, as condições existentes na escola pública em relação à possibilitação de utilização das mídias era melhor do que aquelas encontradas na escola particular. Este fato nos leva a questionar o censo comum de que as escolas particulares são melhores do que as públicas quando o ponto tomado como referência para análise são os recursos tecnológicos.

As situações vivenciadas durante a realização desta pesquisa nos levam a crer que as discussões levantadas em relação a questões que tratam da incorporação dos aparatos tecnológicos em sala de aula são realmente pertinentes e necessárias, visto que os relatos e observações realizados dão conta de uma situação onde a prática da maioria dos professores pouco ou nada mudou, mesmo com a utilização das mídias. Sabemos que existem muitos casos de professores que conseguem perceber que a utilização dos recursos tecnológicos vai muito além de um apertar de botões, contudo, a maioria, ao escolher uma tecnologia, parece não estar preparada para produzir material adequado para trabalhar com a mesma, tornando-se assim utilizadora de produtos prontos que pouca adequação parecem ter com a realidade de quem a utiliza.

Foi possível perceber que há por parte de diversos professores um esforço na busca de tentar melhorar suas práticas, todavia, os mesmos têm dificuldade em saber como fazê-lo, pois durante sua formação poucas vezes estiveram diante dessas situações.

Acreditamos que torna-se importante agregar aos cursos de formação de professores discussões que envolvam as questões aqui abordadas, a fim de que os futuros profissionais possam perceber que novas exigências se apresentam em relação aos seus alunos, principalmente no que concerne às possibilidades de utilização dos recursos tecnológicos. Por fim, concordamos com Kenski quando esta afirma que

Não são as tecnologias que vão revolucionar o ensino e, por extensão, a educação como um todo. Mas a maneira como esta tecnologia é utilizada para mediação entre professores, alunos e a informação. Esta pode ser revolucionária ou não (KENSKI, In Rosa e Souza, 2002, p. 255)

Acreditamos que uma mudança no ensino é possível e desejável. Também entendemos que podemos transformar as escolas em locais onde os alunos não mais apenas sejam “treinados” a responder questões pré-estabelecidas pelos professores, mas encontrem nestes ambientes alguém que lhes ajude a construir seu próprio conhecimento. Neste sentido, enfatizamos novamente a necessidade de que as Universidades se abram a outras alternativas para trabalhar os conteúdos nos cursos de formação de professores.

REFERÊNCIAS

ARDILES, Martha. *El desarrollo profesional de los docentes de la escuela media: experiencias y aprendizajes cotidianos*. Córdoba: Brujas, 2005.

ASSMAN, Hugo. *A metamorfose do aprender na sociedade da informação*. Disponível do site <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a02v29n2.pdf>. Acesso: em 04 de julho de 2007. 12 págs.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Edições 70, Lisboa (1977).

BELLONI, Maria Luiza. "Tecnologia e formação de professores: rumo a uma pedagogia pós moderna?" *In Educação e Sociedade*, vol. 19, nº 65, Dez/1998. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301998000400005 Acesso em 21 de setembro de 2007. 10 págs

_____. *O que é mídia-educação*. Campinas, SP. Autores Associados, 2009.

BUCKINGHAM, David. *Más allá de la tecnología: aprendizaje infantil en la era de la cultura digital*. Tradução: Elena Odriozola. Buenos Ayres: Manantial, 2008.

CAMPOS, Cristiana Caldas Guimarães & SOUZA, Solange Jobim. "Mídia, cultura do consumo e constituição da subjetividade na infância". *In: Psicologia, ciência e profissão*, vol. 23, págs 12-21, 2003.

CANÁRIO, Rui. *A Escola tem futuro: das promessas às incertezas*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COSTA, Marisa Vorraber. *A escola tem futuro?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CRUZ, Ângela. "Mobilização e participação na escola jovem". Disponível em http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins_2001/uej/uejtxt3.htm. Acesso em 03 de julho de 2007.

CUNHA, Maria I. da. *O Professor na transição de paradigmas*. Araraquara: JM Editores, 1998.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUPAS, Gilberto. "Ética e poder na sociedade da informação; revendo o mito do progresso". *In: Revista brasileira de educação*, set/dez 2001, nº 18, págs 117-122

FISCHER, Rosa Maria Bueno. "O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise". *In: Revista Brasileira de Educação*, vol. 22, nº 2, págs 59-80. Dez/1997.

_____. *Televisão e educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. “Educação, subjetividade e cultura nos espaços midiáticos. *In: Cadernos temáticos: multimeios e informática educativa*, 2002.

_____. “Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas”. *In: Revista Brasileira de educação*, vol 12, nº 35. Mai/ago 2007

FLORES, Tatiana Merlo. “A imagem como novo símbolo cultural”. *In* PORTO, Tânia Maria Esperon (org.). *Redes em Construção: meios de comunicação e práticas educativas*. Araraquara: JM Editora, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. & FAUNDEZ, A. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GADOTTI, Moacir. “Globalização e educação: idéias para um debate”. Foro Social Mundial Temático democracias, derechos humanos, guerra y narcotráfico-cartagenas de indias: Colômbia, 2003 (junio 16 al 20 de 2003). Disponível em <www.eduglobalcitizen.net/index.php?option=com_docman&task=doc_download&Itemid=&gid=1> Acesso em: 09 de janeiro de 2008.

_____. “La profesión docente y sus amenazas En el contexto de las políticas neoliberales en América Latina”. Disponível em <firgoa.usc.es> Acesso: em 15 de setembro de 2008. 8 pags

_____. “Perspectivas atuais da educação”. *In São Paulo em perspectiva*, 2000, vol. 14, nº 2. Disponível em <http://scielo.br/php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200002&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso: em 12 de julho de 2007.

GIMENO SACRISTÁN, José. *A Educação que ainda é possível*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

_____. *O aluno como invenção*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GOMES, Pedro Gilberto. “A televisão, a criança e o adolescente”. *In* PORTO, Tânia Maria Esperon (org.). *Redes em Construção: meios de comunicação e práticas educativas*. Araraquara: JM Editora, 2003.

KENSKI, Vani Moreira. “O professor, a escola e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologias”. São Paulo Unicamp, jul 1994. *Caderno temático nº 19, educação e tecnologias*. Governo do Estado do RS.

_____. “Novas tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente”. *In: Revista Brasileira de educação*, nº 8, págs 58-71, mai/ago 1998

_____. *Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas: Papirus, 2007.

LEITE, Márcia & FILÉ, Valter (orgs.). *Subjetividades, tecnologias e escolas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. São Paulo: Ed. 34, 1993.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos & PIMENTA, Selma Garrido. "Formação de profissionais da educação: visão crítica e perspectiva de mudança". Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v20n68/a13v2068.pdf>>. Acesso: em 14 de outubro de 2008.

LUCARELLI, Elisa. *Regionalización del currículum y capacitación docente: respuestas e interrogantes en la educación básica latinoamericana*. Buenos Ayres: miño e dávila editores, 1993.

_____. *El eje teoría-práctica em cátedras universitarias innovadoras*. Tese de Doutorado. Buenos Ayres.

LÜDKE, M. & ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, Francisco Menezes & SILVA, Juremir Machado da (orgs.). *A genealogia do virtual: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: 2ª edição, Sulina, 2008.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. *Juventude, professores e escola: possibilidades de encontros*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

MIRANDA, Antonio. "Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdos". In: *Ciência da informação*, vol.29, nº 2, Mai/Ago 2000. Disponível em <www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a10v29n2.pdf>. Acesso em 13 de setembro de 2008.

MORAN, José Manuel. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. Campinas: Papyrus, 2001.

MORAN, José Manuel. "Educação Inovadora na Sociedade da Informação". Disponível no endereço <<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/moran>>. Acesso: em 17 de novembro de 2007.

OBIOLS, Guillermo & Silvia Di Segni. *Adolescencia, posmodernidad y escuela*. Buenos Ayres: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2006.

OLIVEIRA, Paulo Salles de. *Caminhos de construção da pesquisa em ciências humanas*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, Unesp, 1998

PENTEADO, Heloísa Dupas. "Pedagogia da Comunicação: rompendo o paradigma tecnicista". In: *IX ENDIPE. Águas de Lindóia* : São Paulo, 1998. 11 págs

PERES, Lúcia Maria Vaz & PORTO, Tânia Maria Esperon (orgs.). *Tecnologias da educação: tecendo relações entre imaginário, corporeidade e emoções*. Araraquara: Junqueira & Marin, 2006.

PÉREZ GÓMEZ, A. e SACRISTÁN, Gimeno J. *Compreender e transformar o ensino*. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

PERRENOUD, Philippe. “Formar professores em contextos sociais em mudança: prática reflexiva e participação crítica”. Trabalho apresentado na XXII Reunião anual da ANPED, Caxambu, set 1999. 17 págs. Disponível em <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde12/rbde12_03_philippe_perrenoud.pdf> Acesso em 10 de agosto de 2007.

PONTE, João Pedro. “Tecnologias de informação e comunicação na formação de professores: que desafios?” In: *Revista Iberoamericana de educación*, nº 24, set/dez 2000. Disponível em <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/800/80002404.pdf>> Acesso: em 14 de outubro de 2008.

REZENDE, Flávia. “As novas tecnologias na prática pedagógica sob a perspectiva construtivista”. In: *ENSAIO – Pesquisa em educação em Ciências*. Vol 2, nº 1, mar/2002.

RICCI, Rudá. “O protagonismo juvenil e a crise das instituições modernas”. Portal CPP, Consultoria em políticas públicas. Disponível em <<http://www.portalcpp.com.br>>. Acesso em 05 de maio de 2008.

ROMERO, Cláudia. *La escuela media en la sociedad del conocimiento: ideas y herramientas para la gestión educativa, autoevaluación y planes de mejora*. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2007.

ROSA, Dalva E. Gonçalves & Souza, Vanilton Camilo (orgs.). *Políticas organizativas e curriculares, educação inclusiva e formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002

ROSA, Dalva E. Gonçalves & Souza, Vanilton Camilo (orgs.). *Didática e práticas de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002

Salto para o futuro: *TV e informática na educação*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 1998.

SANCHO GIL, Juana María. “Hacia una visión compleja de la sociedad de la información y sus implicaciones para la educación”. In: *Sociedad de la Información y Educación Mérida*. 2001 ; p. 141-157

SANDOVAL, Mario. *Jóvenes Del siglo XXI: sujetos y actores en una sociedade n cambio*. Santiago: Ediciones UCSH, 2002.

SCHULER, Fernando & SILVA, Juremir Machado da (orgs.). *Metamorfoses da Cultura Contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SILVA, Juremir Machado. *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: 2ª edição, Sulina, 2006.

STAHL, Marimar M. "Formação de professores para uso das novas tecnologias de comunicação e informação". Disponível em <<http://www.mvirtual.com.br>> Acesso: em 08 de setembro de 2008.

VALENTE, José Armando & ALMEIDA, Fernando José. "Visão analítica da informática na educação no Brasil: a questão da formação do professor". Disponível em < <http://www.professores.uff.br/hjbortol/car/library/valente.html>> Acesso: em 18 de setembro de 2008.

ZANCHET, Beatriz Maria Atrib. *Desenvolvimento de processos algébricos na perspectiva de aprendizagem significativa*. Santa Maria, RS, 2000. 101 p. *Dissertação de Mestrado*. Programa de Pós-Graduação em Educação.

ANEXOS

ENTREVISTAS

Professora “A”

1. Quais são os recursos mais utilizados por ti e por quê?

Professora: Bom, antes de nós começarmos qualquer tipo de conteúdo a gente tem que planejar, planejamento é fundamental. E planejar para que o aluno tenha um ensino-aprendizagem de qualidade. Então não adianta tu querer usar mídias, não adianta tu querer diversificar, se na realidade não é pra ti, é pro teu aluno é pro resultado do ensino-aprendizagem que tu te propões. Então eu diversifico o máximo, de acordo com o conteúdo. Então, neste conteúdo, por exemplo, que é energia, da utilização das fontes de energia, mais variadas possíveis, como se torna mais, é... visualizador a sistemática por exemplo, da energia eólica, que é aqui próximo mas eles não têm, a gente utiliza o Power Point. E aí, pra que, tu vistes, eles possam interagir, que eles possam realmente me perguntar, que eles possam interferir, não é? E que eles vejam a grande importância que esse tipo de energia como a eólica, como a solar, como a biomassa, são utilizadas é... em prol de um maior desenvolvimento da, da humanidade, do país, da região, mas que não venha em detrimento do planeta terra. Por isso que nesse espaço aqui eu estou usando o Power Point. Até por que aqui é um lugar maravilhoso de se trabalhar. Tem tudo. Sala ambiente, tem disponibilidade de funcionários pra fazerem o que tu queres, levarem na gráfica, trazerem da gráfica, te auxiliarem, então é o local, é o estabelecimento mais rico que existe em Pelotas. Não somente em termos físicos, mas também em termos de adendos pro teu trabalho e de pessoas físicas, que a maioria toda são liberadas pra fazerem doutorado, são... e de salário, que é maravilhoso. E os alunos são magníficos! Eles te respondem, eu sou amada por eles e os amo incondicionalmente. Eu acho que é uma coisa maravilhosa isso. Eu fico até me preocupando quando dizem “ah o professor tá sendo agredido pelo aluno”, por que eu trabalho há vinte e cinco anos dentro do ensino público, que foi o Sílvia Mello, o Dom João Braga, o João XXII, assim como na Universidade Católica e eu nunca tive problema, por que eu me entrego, eu acho que isso é uma entrega, educação é uma entrega. Se não, não tem resultados positivos.

Entrevistadora: Então tu usas mais o computador...

Professora: É, agora atualmente eu estou usando, por que sempre... quando não tinha, eu usava, não é? Por que se não tinha, por exemplo, televisão no Sílvia Mello, que era um colégio do Estado, com pouquíssimos recursos, mas nós levávamos de casa. Nós trabalhávamos interdisciplinarmente na década de setenta. História, Geografia, Português, Artes, Matemática. Até hoje nós nos reunimos, até hoje nós nos reunimos de três em três meses, com os professores aposentados. Nós levávamos a televisão, íamos no teatro. Na televisão, por exemplo, levávamos lá, passávamos o quê pra eles? Filmes, documentários, é... fazíamos gravações com os alunos, não é? E os alunos apresentavam seminários naquela época, que não se via isso aí. Então eles já participavam. Rodas, eu fazia bingo pra eles, cultural. Então, levava pra Rio Grande pra ver a saída do navio Barão de Tefé, quando veio outro navio que foi o Barão de Mauá que era um navio museu. Levava no... , já tava dando economia, levava no Superporto, pra ver o quê? Todos os diferentes armazéns que tem a saída do trigo, da soja, do sapato, cada um tem a sua saída. Isso aí eu fazia com eles desde aquela época. Levava ao cinema. O último dos moicanos foi visto, assistido por eles no Guarani, de graça, no tempo que o Guarani era cinema. Então isso aí é uma coisa que tu tens que diversificar. Levava eles, por isso é que a gente tem que se planejar, lá na, num terreno ravinado, que tem próximo à saída pra Jaguarão. Lá eu demonstrava pra eles que esse território nosso, que este espaço geográfico, era mar. Por que lá no terreno ravinado tu encontras conchinha do mar. Então, ah, por isso que tinha pessoas que levavam, que não faziam planejamento de ver como é que era a área e até um touro uma vez atacou uma pessoa. Então isso aí tu tens que levar. Levar com a execução planejada antes de levar.

2. A escolha do recurso está baseada em que? O que tu levavas em conta quando escolhes um recurso para usar nas tuas aulas?

Professora: Ah, sim. O que eu levo em conta. Principalmente, através do planejamento, a realidade do aluno. A realidade do local onde nós estamos trabalhando e do conteúdo. Por exemplo, se tu tens, eles não sabem o que é espaço geográfico, aí não adianta tu falares, porque não sabem, tu tens que pedir pra eles uma leitura. Eu estou te dando um exemplo. Tem a leitura da Ana Fani Carlos que é

o aproveitamento do espaço geográfico, o espaço geográfico e indústria. Aí eles vão ver realmente como é que o espaço geográfico é aproveitado. Aí tu vais utilizar o teu, o teu recurso didático a partir do conteúdo que tu escolhes e da realidade onde tu estás inserido. Aí tu vais ver que eles vão ter que fazer uma visitação, aí vão ter que ir na indústria, e aí já tu trazes o quê? Pelotas por exemplo que é a cidade deles. O que eles visualizam atualmente? O que é que tinha antes? Se perdeu tudo, não é? Então eles fazem essas comparações, não é? Se por exemplo, em geografia, por que eu dou história também, em história o que é que eu faço também? Se estou dando democracia, e eles não sabem o que é que é democracia, onde nasceu a democracia, eles fazem pesquisa educacional e eles depois apresentam. Então esse, esse recurso todo, didático é feito em cima do conteúdo trabalhado e da realidade vivenciada, pra que não fique somente a cobrança avaliativa, pós conteúdo pra prova. Isso eles têm que levar pra vida, o importante é levar pra vida. Por que pra estudar pra vestibular, estudar pra concurso eles estudam ali e depois até nem sabem. Eles têm que ter participatividade. Se tu vais dar reforma agrária, tem gente que é contra e gente que é a favor. Por que eles não sabem que a reforma agrária ocorreu nos países capitalistas. O primeiro país a fazer reforma agrária foi os Estados Unidos. Então eles pensam que é algo do comunismo e que o comunismo não sei o que. Então tem alunos que pensam isso. Então tu vais trabalhar o teu conteúdo direcionado pra formação e transformação social.

3. Como tu exploras o conteúdo nas condições oferecidas ou possíveis do recurso? Tu usas positivamente ou para pesquisa?

Professora: É, nós utilizamos assim, por exemplo: tu fazes os slides do Power Point, aí tu lanças a eles, explicas dialogando, mostrando, eles interferindo, depois eles constroem o seu saber, também através ou do Power Point, ou então da televisão... É, eu vejo vídeos, filmes... O Germinal, e a partir do Germinal eu não trabalho só a Revolução Industrial, na França. Eu trabalho o quê? A situação onde está inserida, onde estão inseridas as fábricas. O tipo, as diferenças entre o empregado e o empregador. As diferenças sociais, é, as diferenças de alimentação, de saúde, de saneamento básico, que são gritantes... Até a insanidade que é provocada. Como surgiram então as ideologias, a ideologia do capitalismo que veio, contraposta a quê? À ideologia formatada do socialismo. À ideologia de Bakunin, do

“le se far”, do deixar fazer, que é o quê? Que é aquela que nos mostra quando o homem se deixa levar pelas suas condições de fazer o que quer, que é embasada também no Populismo. Então eu vejo Populismo, eu vejo Capitalismo, eu vejo Socialismo e eu vejo Anarquismo. A partir daí tu vês qual a direção que eles têm e eu dentro do socialismo tu tens os radicais e também existe o que, aqueles que também são o quê? São mais flexíveis. E tu demonstras e tu vês que realmente, são muitas vezes teorizações que na prática são diferenciadas. Então eu pego um dos filmes e a partir dele eu construo vários caminhos que eles mesmos vão tentar. Então pra isso eles têm que ler, eles têm que terem conhecimento, eles têm que fazerem fichamento, aí eles vão contextualizar. Aí eles usam também a multimídia. Tá? Muitas vezes fazem através da multimídia, eles fazem o quê? Eles fazem interpretações, eles, eu deixo muito livre isso, eles fazem o quê? Eles constroem, não é, eles constroem o mundo que eles queriam, ou o mundo que eles vivem e o que eles acham que deveria ser, o ideal. Então é a partir daí. Então tu tens pra trabalhar, tu fazes um planejamento e aí tu crias várias, várias ramificações. Isso te tira muito tempo, muito tempo. Tu tens que ficar praticamente de manhã, de tarde e de noite, eu sempre fiquei, sempre. Quarenta e dois anos, e eu gravava pros meus filhos a minha voz pra eles não terem, não terem saudade de mim, nos termos e tudo. Nos termos que tinha, pra eles fazerem as tarefas, que eles estudavam história e geografia, moral e cívica, tudo. Eu gravava pra eles pra eles estudarem junto com a babá, não é? E com a professora particular em casa, por que eu não tava junto. Isso te tira muito dos filhos e outra coisa, tu podes ter o problema que tu tiveres, é uma questão de paixão. Quando tu entras em sala de aula tu te esqueces de tudo. Eu posso ter o problema maior, não sendo morte nem doença, isso aí tu pode levar, por que é difícil. Eu vejo hoje como os salários são baixos, muito baixos. A valorização do professor caiu. Nós criamos pra nós brasileiros, o MEC criou o quê? O MEC criou um modelo educacional embasado na França, que já era sucateado lá. Então isso aí é uma coisa que realmente... e nós no Rio Grande do Sul temos salários maravilhosos. Olha um professor do nordeste, do norte. Tem gente que trabalha por cinquenta reais e ainda tem que caminhar cinquenta quilômetros, quarenta quilômetros pra buscar esse salário. Ele é diretor, ele é professor, ele é o que faz a transformação da mandioca na farinha, no pão para os alunos comerem. Atende diversas faixas etárias na mesma sala de aula. Claro que têm aqueles alunos que fazem a diferença, como teve um que apareceu no Faustão, o ano

passado, o pai e a mãe não tem banheiro, não tem banheiro dentro de casa, mas tem uma biblioteca, uma estante biblioteca. E um deles faz filosofia e o outro faz medicina. Caminham quilômetros e quilômetros, andam a cavalo, pra irem ter as aulas. Então são coisas que fazem a diferença. Então como tu também tens alunos que são maravilhosos, que vão te recompensar aquilo que tu estás fazendo e tu sabes o que é que é a tua valorização, a partir do teu aluno. Então tu não podes pensar em termos de salário, em termos do que é que tu vais receber no fim do mês. Por que se tu nascesse de novo, eu seria novamente educadora, porque professor é repassador de conteúdos e eu não sou, eu sou educadora. É um todo, não é? Eu sou apaixonada.

4. Como os alunos respondem às tarefas ou solicitações, se tu comparares antes e depois que tu passastes a utilizar as mídias?

Professora: Eu uso epidiascópio desde 72, tem aqui no museu. Botavas o livro, botavas a flor, a planta e fazias assim. É eu sempre usei. Epidiascópio. Tem um outro que agora eu não me recordo o nome, que passa todo o sistema rotativo de rotação, que a gente carregava uma maleta, agora não me lembro o nome, e aí tu colocavas pra eles e eles viam como a terra tinha o sistema rotativo, como era o sistema de translação, como se dava o afélio, que é o afastamento da terra do sol, o periélio que é a aproximação da terra do sol e aí forma as estações do ano. Então, tudo isso, eu não me lembro agora o nome do aparelho, nós tínhamos no Sílvia Mello, graças a Deus. Um laboratório, se nós dávamos, por exemplo, em geografia, vulcanismo e o sistema das rochas, a professora de ciências também trabalhava e nós fazíamos oficinas, com eles. Desde 70 isso. Oficinas com eles de quê? De como se processa o vulcanismo, como é, são, surgem as rochas magmáticas e das rochas magmáticas, como surgem as, as, as rochas sedimentares, como se sedimentam. Então isso, nós, eu faço com o auxílio da professora de português que fazia a contextualização, contextualizava aquilo. Da professora de história que contava a história de como se formavam os períodos, que época, aonde, que lugar. Nós sempre trabalhamos interdisciplinar e tanto no Sílvia Mello como no João XXIII. Que eu me lembro que eu dava geografia e tinha uma professora, a Lenir Collares, dava história, nós trabalhávamos um livro, a riqueza do homem, do Léo Huberman, nem existe mais hoje, ninguém trabalha, que é maravilhoso, até hoje eu aconselho. E

isso eu fazia com O Pequeno Príncipe, lá no Sílvia Mello, desde a sexta série. Então eu sempre mostrei pra eles o que pra eles era importante.

Entrevistadora: Tá mas, se tu pudesses comparar antes e depois, agora que tu tens todos os equipamentos...

Professora: Ah, agora é muito melhor...

Entrevistadora: Como é que eles respondem?

Professora: Melhor, melhor. Os meus sempre responderam. Os meus construíam mapa. Tanto que eu tenho um aluno que foi meu no Sílvia Mello, o Emerson, que é jogador da seleção, que me diz assim: “professora, eu sei mais geografia que a senhora”, ri e me diz quando me encontra. “Os meus colegas perguntavam, como é que tu sabe rio”, do lugar onde eles passam, “montanha, clima? . E eles faziam, faziam o que? Traziam de casa uma folha de papel almaço, com o seu mapa, por que sempre caía mapa em geografia, sempre, tu podes perguntar pra todos que forma meus alunos, e as questões que eles tinham que responder do mapa eles trabalhavam em sala de aula e eles construíam. Então não sei, vou te dizer uma coisa, hoje é muito bom por que naquela época nós trabalhávamos com mimeógrafo, mas eu não trabalhava em sala de aula, eles escreviam. Primeira parte: eles tinham que marcar no mapa, segunda parte: falso ou verdadeiro, terceira parte: numere a primeira com a segunda, quarta parte: responda. Então sempre eu fazia essas provas que eram realmente importantíssimas e que dava tempo em dois períodos. E eles faziam e muitas vezes, se não desse eu fazia em duas aulas, num dia e no outro. Então isto que eu te digo e a prova era um dos instrumentos, por que tinha vários instrumentos. Por exemplo: eles faziam, faziam é... os cartazes e expunham os cartazes, faziam exposições dos trabalhos. As bússolas artesanais, traziam pires, uma rolha, uma agulha, imantava a agulha no ímã e aí eles construíam a bússola e depois nós fazíamos uma exposição. E isso, essa prática eu tenho até hoje. Eu faço isso com os meus aqui, quer dizer, eu só fui evoluindo e tendo o quê? Uma melhor condição de apresentar, mas isso eu sempre fiz. Viste? Então por exemplo, da chuva, como é que a água da chuva faz a lavagem da terra, como é que é o desmoronamento, isso nós fazíamos em

laboratório, todos juntos. Hoje o que eu noto é o quê? Que como o computador é uma coisa que ninguém mais pode fugir, né, muitas vezes eles não têm em casa. Eu tenho uma colega minha que é professora de geografia, ela é professora de geografia e que ela tinha que alugar o pen drive porque ela não tinha dinheiro pra comprar, pra fazer as aulas à distância. Por que eu também trabalho à distância. Eu acho maravilhoso, por que tu tens que tratar o teu aluno à distância como gente e essa que é a diferença, por que eles me responderam sempre. Sempre. Até por que eu tenho um sistema de avaliação, que é assim, eu dou positivo e negativo, eu tenho tarefas. E eu olho caderno e vejo as tarefas e eu cobro, por que tem professores que eles não cobram as tarefas, eles não cobram. Então tem professores, que eles não cobram dos alunos e, por incrível que pareça, vou te dizer uma coisa do Che Guevara “Hay que endurecer-se, pero sin perder la ternura jamás”. Tu não podes ser “le se far”, tu tens que ser amiga, como tu és do teu filho, mas tu tens que cobrar. Tu tens que estar em cima, tu tens que perguntar, por que eles vêm de famílias diferentes, eles têm problemas, eles sofrem, eles são adolescentes. Eles são os mais bonitos ou são os mais feios daqui a pouco, são os mais burros mais são os mais inteligentes. Então tem aquela gama, que a gente sabe por que a gente passou por isso. Não é verdade? Então em cima disso é que a gente vê que o teu aluno, ele vai te responder de acordo com o que tu deres pra ele. Por que cada um na vida, Michele, dá o que tem pra dar. Tu não pode exigir das pessoas aquilo que elas não têm pra te dar. Então isso que eu acho, que se eu me dêo, se eu dou pra eles e eles estão vendo e eu digo, “por favor”, se eles conversam “eu estou me rasgando aqui e vocês não estão prestando atenção. E não é pra mãe, não é pro pai, não é pra instituição, não é pra mim, é pra vocês” é na construção do saber, é nisso que eu me bato, eu quero é a construção do saber. Lógico, hoje eles têm, nós podemos fazer blog, nós nos comunicamos, mas eu tenho até hoje o endereço dos meus alunos e eu vou te contar um episódio. Eu moro na D. Pedro II, aqui na Félix da Cunha tem hoje... era a Diesel... a Gitana, que era a Diesel. O dono da Gitana, eu olhei pra ele e digo assim: “tu fostes meu aluno”. Ele disse: “onde”. Digo: “No Sílvia Mello”. Ele diz “não, eu nunca estudei no Sílvia Mello”. “Estudastes sim, estudastes no Sílvia Mello”. Ele disse “não, sempre estudei no São José”. Não queria, tinha vergonha de dizer que estudava no Sílvia Mello. No outro dia eu peguei, fui lá e disse “tu moravas na rua tal, no dia tal tu fazes aniversário, eu tinha tudo, tudo, tudo registrado. Por que eu quando chego na sala de aula, no primeiro dia, eu registro nome deles, idade,

endereço, telefone, o que eles pretendem ser na vida, o que é que eles esperam da aula de geografia ou de história. Então eu tenho guardado, arquivado com ficha. Então ele, o menino, não queria, tinha vergonha e aí eu mostrei pra ele. Então na realidade, agora isso, por exemplo, eu posso informatizar, eu posso levar um laptop na aula, um notebook, sei lá, e fazer em sala de aula. Então isso é uma coisa que me torna, é, como é que eu vou te dizer? Mais rápida e mais globalizada e agiliza. E nós fizemos blog, eu tenho blog e me comunico com eles. E eu tenho orkut e eu tenho de todas as coisas que tem. Eles é que criam pra mim, então eu aprendo com eles, por que na educação, ninguém está pronto. É uma troca, tu aprendes com o teu aluno. Se tu ensinas, ele te ensina muito mais. Então eu tenho paixão. Eu tinha um menino que era meu aluno que hoje faz filosofia. Ele foi meu e ele faz filosofia. Agora ele ganhou prêmio de jovem pesquisador. E ele participava das minhas aulas ativamente, era uma coisa assim, que eu tinha que me controlar. Além disso ele era campeão de natação, nadava, foi primeiro lugar na travessia entre São José do Norte e Rio Grande. Então eu tenho orgulho deles sempre, porque é uma troca.

5. Como tu descreverias o interesse e aproveitamento dos alunos? Achas que está diferente? Atribui a mudança à utilização das mídias?

Professora: Não, não estão diferentes. As mídias auxiliam, as mídias trazem, eu acho, uma roupagem diferente, mas para o professor. Eu tinha horta no Sílvia Mello. Tu tens que direcionar pra uma outra coisa. Claro que hoje, por exemplo, é mais fácil, te agiliza como eu te digo, saber o que está passando aqui e lá. Mas eu tinha... eles, os meus alunos traziam, traziam, antes eu tinha, fazia com saco, né, na parede, um painel e eles traziam as notícias e cada um lia uma. Então eles estavam informados do mundo, do que estava acontecendo no mundo. Claro que não com essa rapidez. Jornal mural chamava. E eu tenho e eu boto nos, nos exercícios, geoteste fixativo, histoteste fixativo, que são nomes diferentes, faço joguinhos, saio para o pátio embaixo da árvore, explico, mostro a importância da geografia que eles não querem. Mas geografia é vida, não é? É o dia-a-dia desde que a gente se levanta, é o ar que respiramos. Então isso aí, eu acho, que pra mim foi muito bom, eu te digo, excelente, por que passei trabalho, o tempo que eu utilizava naquela época, ficou reduzido hoje, mas mesmo assim, eu tenho que me sentar e fazer as lâminas. Aqui, onde a gente trabalha, é muito bom, porque na geografia é um grupo

maravilhoso, cada um faz uma parte e a gente planeja junto. Como eu planejava naquela época eu continuo planejando agora, juntos. Então é uma caminhada que eu tive, como vou te dizer, vários níveis, desde o ensino fundamental, o ensino do segundo grau e o ensino da Universidade. Eu trabalhei sempre em todos os níveis. Então os meus alunos do ensino médio e do ensino fundamental, fazem trabalhos como fazem os da universidade. Eu tenho até vergonha, às vezes, de professores que mostram os trabalhos da universidade, que os alunos não fazem nada. Sempre tiveram folha de rosto, apresentação digna de ser apresentada, por que é pra eles isso aí. Tu tens que a partir daí ensiná-los. Assim como tu tens o teu filho, que tu vais ter, quando ele brincar tu vais dizer: tu guardas aqui os teus brinquedinhos, o livrinho tu fazes assim, tu tens que ensinar, por que se não, não sabe. Tu vais reciclar o material, tu tens que fazer com que ele aprenda isso aí. Então, sempre que tem uns professores que são muito, é... têm muitas didáticas, como eu te digo, que eles dizem entre aspas, mas sabes, é algo que planejam demais, que têm muita teorização, tu vais ver na prática, não é nada disso. Eu tenho muita, muito controle sobre isso. Aí, principalmente também outra coisa que eu vejo Michele, tu queres saber um bom profissional, vê que tipo de filho ele tem. Se ele não educa os filhos dele, se ele não dá pros filhos dele, como que ele vai dar pros filhos dos outros? Eu sempre digo. Então tem o Celso lá, eu sempre digo pra ele “eu quero ver que tipo de filho tu tens, se teu filho lê, por que tu quer que o teu aluno leia. Teu filho lê?”. E muitas vezes tu tens que na tua família abdicar. O Artur tinha horror de ler. Não quero ler, dizia. Ele gostava de andar na rua. Então eu me sentava na praça do direito e lia pra ele. Eu lia um pouco ele, um pouco eu. Aí nós discutíamos o livro. A partir daí ele aprendeu a gostar de leitura. É por aí, eu acho. Claro, as mídias são maravilhosas, não se pode viver sem, mas tem que saber usar. Tu não podes te tornar um escravo das mídias, não é? Tu tens que saber também diversificar, se não, o adolescente é adolescente em todas as idades em todas as épocas. Ele tem os mesmos hormônios que fluem. Então tu tens que fazer com que ele se motive. E se tu mostras muita mídia, ah, ele já nem quer mais. “A mesma coisa, aquela mulher só faz isso”. Eu ouço eles dizerem. “Não sabe mais dar aula, só mostram isso”, eles dizem. Eles são os críticos da tua aula, eles são os que te avaliam. E eu, cada trimestre que termina eu faço eles me avaliarem. Assim como eu avalio eles, eles me avaliam e naquilo que eles acham que eu estou pendente, eu procuro fazer o que eles querem. Tem colegas meus que dizem “tu dizes?”. Digo. Eu estou aqui

para servi-los. É uma escola pública, é, mas os pais de vocês pagam, por que quarenta por cento do salário dos pais de vocês é pago em impostos, é imposto. Não é gratuita. É imposto para água, para luz, para alimentação, para saúde, para o lazer, para o vício, por que até no cigarro. Pagam tudo, não é? Então eles pagam. Isso é direcionado depois, durante, o governo direciona para a educação, para a saúde e os pais de vocês pagam. Quem me paga são os pais de vocês, né? Então eu tenho um compromisso com eles e eu todos os dias quando chego em sala de aula, coloco uma frase, sempre eu coloco uma frase e eles têm que me dizer o que é que a frase diz. Então eu vou te dizer, eu estou saindo agora, está acabando o meu contrato e eles fizeram Michele, o Proeja, que são já pessoas que..., eu tenho um deles no Proeja que é o Roni, o Reni. O Reni foi meu aluno na sétima série, no Sílvia Mello. Foi meu aluno primeiro no segundo e no terceiro, no João XXII. Maravilhoso. Olha o que eles me botaram (mostra uma placa de homenagem): “Professora, durante a nossa vida conhecemos pessoas que vêm e que ficam, outras que vêm e passam, existem aquelas que vêm, ficam e depois de algum tempo se vão, mas existem aquelas que vêm e se vão com uma enorme vontade de ficar. Agradecemos pelo teu sorriso, pelo teu carinho, pela tua dedicação, por nos fazer acreditar que somos capazes. Saiba que, tua presença será constante a cada vitória que obtivermos. Obrigado, simplesmente, muito obrigado. Que Deus te abençoe sempre. Olha as fotografias que eles me tiraram (mostra as fotos). “És original, única e autêntica. Te amamos querida amiga”. E aí todos eles assinaram. Olha aqui a placa (mostra a placa e mais fotos). Esse menino aqui vai com a mãe pro colégio, e o pai dele é drogado, tá sempre parado ali em frente a, ao entreposto de leite da Damby, tá sempre ali. Dorme na rua. Então tu vê, eles deram tudo de si. Maravilhosos, são encantadores. Eu vou te mostrar o que eles pediram pra Clóris, fazer pra eles. Olha aqui. Que mulher que se doa tem coração e garra. Olha aqui (lê uma poesia que foi escrita em sua homenagem): “Tem gente que tem cheiro de passarinho quando canta, de sol quando acorda, de flor quando ri. Ao lado delas a gente se sente no balanço de uma rede que dança gostoso, numa tarde grande, sem relógio e sem agenda. Ao lado delas a gente se sente comendo pipoca na praça, lambuzando o queixo de sorvete, melando os dedos com algodão doce, da cor mais doce que tem pra escolher. Tem gente que tem cheiro de colo de Deus, de banho de mar, quando a água é quente e o céu é azul. Ao lado delas a gente sabe que os anjos existem e que alguns são invisíveis. Ao lado delas a gente se sente

chegando em casa e trocando o salto pelo chinelo, sonhando a maior tolice do mundo com o gozo de quem não liga pra isso. Ao lado delas pode ser abril, mas parece manhã de Natal, do tempo em que a gente acordava e encontrava presente do Papai Noel. Tem gente que tem cheiro das estrelas que Deus acendeu no céu e daquelas que conseguimos acender na Terra. Ao lado delas a gente não acha que o amor é possível, a gente tem certeza. Ao lado delas a gente se sente visitando um lugar feito de alegria, recebendo um buquê de carinhos, abraçando um filhote de urso panda, tocando com os olhos os olhos da paz. Ao lado delas saboreamos a delícia do toque suave que sua presença sopra no nosso coração. Tem gente que tem cheiro de cafuné sem pressa, do brinquedo que a gente não largava, do acalanto que o silêncio canta, de passeio no jardim. Ao lado delas a gente percebe que a sensualidade é um perfume que vem de dentro e que a atração que realmente nos move não passa só pelo corpo, corre entre outras veias, pulsa em outro lugar. Ao lado delas a gente lembra que, no instante que rimos, Deus está conosco, juntinho, ao nosso lado e a gente ri grande que nem menino arteiro. Tem gente como você, que nem percebe como tem a alma perfumada, e que esse perfume é dom de Deus.” Que bonito né? Ela fez porque eles pediram pra ela fazer. Ai amada, amada Clóris. Que bem que escreve. E tu sabes Michele, eu tenho caixas e caixas de coisas que eu dei aula nesses vinte e cinco anos, da Católica, as minhas grandes amigas de hoje, foram minhas alunas. São minhas comadres, graças a Deus que a minha caminhada, não foi perfeita vou te dizer, por que nada na vida é perfeito. Tiveram muitos erros. Quem não os têm? E tenho muito a aprender, Michele, porque nunca na vida, ninguém está pronto. Vale a pena, vale a pena, com certeza. Não tenho dinheiro, não tenho casa pra morar, não tenho nada. Mas tenho sabes o quê? Alegria no coração de ter caminhado um caminho essencialmente fundamental na contribuição pras pessoas, e as pessoas de baixa renda que pra mim são as principais. Fui trabalhar no Mário Quintana, não fiquei, por que, Michele, não é a minha realidade. Economicamente não tenho nada. Tenho filhos maravilhosos, tenho saúde e tenho a certeza de que contribuí pra que o mundo fosse melhor. Muitos deles hoje são juízes, são médicos, são professores, são dentistas e eu tive o privilégio de estar junto. Isso é maravilhoso. É verdade. É uma coisa maravilhosa, Michele. Eles me abraçam, me beijam no corredor, sempre. Onde eu estou eles estão sempre junto. Os conselhos de classe tu não podes imaginar. Tem conselhos de classe que eles, tem... uma professora de espanhol rodou um menino já com

tudo pronto, com tudo e com dificuldades econômicas, com o Guarani pago. Aí eu entro e alopro, eu faço de tudo entendestes? Então tem professor que fica brabo. Eu digo, não consigo entender que tu não tivestes todo o ano, todo o trimestre pra poder dizer pra ele, “olha tu ficastes neste e neste”. Naquela época que isso aconteceu, era feito por, a avaliação era feita por conceito. Então muito mais ainda, tu tinhas todas as habilidades pra poder cobrar dele e aí eu pesquisei e vi e peguei o furo da professora e ela teve que fazer outra prova. Então nos conselhos de classe eu sou conhecida por que eu fico sempre, diz que eu sou a defensora dos alunos. Por que eu acho que tu tens mais idade, tu tens obrigação de dizer pra eles onde que eles tão e chamar. Se eles, ah eles não vêm na aula de apoio. Tu tens que chamar, tu tens que vir, tu tens que conversar, tu tens que mostrar pra ele. E muitas vezes eles estão cheios de problema. Nós tínhamos uma aluna, olha um aluno que ele não dormia de noite, passava a noite inteira caminhando, ele contou pra Tânia, nem foi pra mim isso que ele contou. Passava a noite caminhando por que tinha um padrasto e o padrasto queria abusar dele de noite. Ele vinha e dormia na classe. Por que ele que dormia? Então... Tem outro que a mãe fazia ele roubar pra trazer pra ela. Então tu não imaginas que existam coisas... Tem outros maravilhosos que nem um gurizinho de sete anos ou oito que passava vendendo umas coisinhas pra geladeira, tá lá. Imagina, tem coisas assim maravilhosas. Eu tenho uma aluna minha que foi minha no Sílvia Mello, que ela tentou se matar. Eu ia meio dia na casa, as panelinhas desse tamanhinho, não tinha nem comida, eu ficava... Hoje ela é juíza em Santa Vitória. Então é isso que te deixa assim... Dizem ah, não adianta. Adianta sim. Eu quero ser aquele beija flor que com o biquinho vai apagar, aquela da poesia.

6. Quando tu pensas a aula e decides usar alguma mídia, tomas como pressuposto ou baseia-te em que? O recurso é útil para a explicação do tema proposto? Se for, em que sentido?

Professora: Não, eu me embaso no conteúdo. O conteúdo é que tem que se adequar àquilo ali para que ele melhor entenda. Que é o que eu te digo, a gente não pode ficar escrava. Ela é maravilhosa, ela trouxe uma aproximação ao mundo, ela evoluiu, ela nos faz com que, por exemplo, tu não precisas ir ao banco, não precisas comprar na loja, tu não precisas. Tu tens pesquisas, tu vais ali e bota e eles pesquisam e sabem. Tem que ter o cuidado, por exemplo, eu tinha alunos, eles lêem

e fazem fichamento de determinados livros. Veias abertas da América Latina, eles fazem fichamento. Tem aqueles, que até o pai de um deles é professor, mora no Porto, eu vi que tinha CTRL+C, CTRL+V. Aí eu disse: não, eu vou te dar outra oportunidade. Dei outra oportunidade ele fez de novo. Aí eu disse não posso, então vou passar pra outro professor. Aí passei e o pai veio dizer que eu estava querendo que o filho dele tivesse um nível universitário. Não é isso, eu queria que o filho dele tivesse uma construção. Mas aí o que é que eu fiz? Eu passei pra Gisele, pra Gisele trabalhar por que eu não tinha mais condições de avaliar. Então eu não ia reprová-lo, por que a culpa também não era dele, era da família junto, a família auxilia. O pai como sendo educador, que nem é educador, é professor, repassador de conteúdo, ficou furioso comigo. Então isso aí, tu tens que ter muito cuidado por que eles fazem isso aí. E tu tens que mostrar pra eles, que não é o valor do CTRL+C, do CTRL+V, que eles têm que ter a essência de fazerem a sua contextualização. Por que eles são mais importantes do que aquele que tá fazendo. Aí eu incentivo e digo, olha, cada contextualização, cada artigo, que vocês fizerem tem que postar no site do MEC, por que vale um ponto e depois quando vocês precisarem de bolsa de Santander, da CNPQ, da Capes, vocês já têm. Tenho alunos que foram para, passaram agora todo esse ano de 2009 em Portugal, terminando a faculdade, já na faculdade terminando física, o Moisés, tenho até uma fotografia dele quando foi meu aluno e até hoje é meu amigo (mostra a foto). Ele foi, ele foi. Ele foi fazer física em Portugal. Tenho outros colegas dele que foram fazer informática, também em Portugal. Eles tiram fotografia e me dão assim, ó, viste? “Uma lembrança do aluno Moisés, também estão na foto Gabriela e Zélia. Educar é ser um artesão da personalidade, um poeta da inteligência, um semeador de idéias, educar é ensinar a viver”. Viste isso aqui em oito de três de dois mil e cinco. Por que ele diz que eu ensino a viver. Eu faço, né, tudo o que tem que ser feito pra que eles aprendam a viver, assim como eles também me ensinam.

7. Tu achas que é possível utilizar as mídias em todo conteúdo com o qual trabalhas? Por quê? Em que ela te ajuda?

Professora: Possível é, possível é. Claro. Sim, podes, claro. Podes sempre. Tu podes trabalhar com tiras, tu podes trabalhar eles elaborando e fazendo os seus trabalhos de teatro, passando na mídia. Nós temos, a gente tem, tem a..., trabalhos

que são semestrais e que terminam, culminam como por exemplo, aquela das, do sarau. Foi maravilhoso. Eles construíam os filmes, eles passavam pra nós, já lá no anfiteatro. Claro. Tu tens “n” condições de sempre utilizar mídia. Claro que sim.

Entrevistadora: Por quê?

Professora: Por que ela te facilita, ela te ajuda, ela te mostra. Se tu vais, por exemplo dar uma aula sobre relevo, tu trazes o relevo do Rio Grande do Sul, da região sul, da região norte, fazes uma comparação e depois eles, eles vão contextualizar, vão olhar, observar, vão ver e vão contextualizar. Se tu vais fazer da hidroelétrica, tu mostras as hidroelétricas do Brasil e do mundo inteiro. Annegueve, o deserto de Israel se humanizou. Como é se humanizar? Aí tu dizes tudo hipotético, como eu te digo que o Emerson me disse. “Olha, hipoteticamente, tu falaste, hoje eu tô vendo in loco”. Então essa é a realidade. Não é? Eu tenho outro aluno que eu sempre falava no Lago Titicaca, ele adorava que eu dizia Titicaca, não é? Hoje ele vai lá, grava e traz pra mim. Eu tenho os vídeos que ele traz. Claro eu compro dele por trinta reais, mas eu que incentivei. Ele mora em Camaquã, ele traz pra mim e eu compro dele. Então ele já foi toda a América Latina, por quê? Por que foi incentivado até pelo meu sotaque. Viste? Mas as mídias elas são aproveitadas sempre. É possível, claro, te torna riquíssimo. Tu tens é que diversificar a utilização dela e não poluir, não querer mostrar tudo no mesmo tempo. Nós tínhamos uma colega agora, que foi fazer concurso e eu era da banca. Ela apresentou trinta slides, botou, tac, tac. Não é isso. Quando tu vais dar aula tu não tens que mostrar conhecimento, tu tens é que mostrar pra eles, que eles têm que assimilar e depois eles vão, eles vão aprofundar. Não é palestra, não é. É aula.

Professora “B”**1. Quais são os recursos mais utilizados por ti e por quê?**

Professora: Eu gosto muito de utilizar os softwares que trabalham com função. Assim grafmática, geogebra, assim quando eu levo eles para o laboratório eu coloco eles para trabalhar com esses programinhas assim, tipo plotar gráfico, de fazer figuras geométricas, isso que eu mais trabalho. Hã, quando eu não consigo contextualizar, não consigo levar pro programinha, eu utilizo a caneta e ou o giz e trabalho assim. Power Point também uso bastante, bastante apresentação, é, por que às vezes é muito conteúdo em pouco tempo aí a gente passa, eu mando pro e-mail da turma, geralmente eles têm um e-mail. É isso que eu utilizo. Por que eu acho que é mais uma técnica para ajudar eles a entenderem assim o conteúdo, não é? Isso que eu acho que auxilia. Eu acho que tem que exercitar, tem que fazer o tradicional mas tem que ter alguma coisa que chame a atenção. Até por que o mundo deles é a tecnologia e tal, e é as coisas que eu sei, eu utilizo o que eu sei.

2. A escolha do recurso está baseada em que? O que tu levavas em conta quando escolhes um recurso para usar nas tuas aulas?

Professora: A escolha é porque é o que eu aprendi, é o que eu sei. Eu geralmente escolho o que eu sei, o que eu aprendi na faculdade, o que eu tenho aprendido. Aqui mesmo eu aprendi a trabalhar no Grafmática, que na faculdade eu não tinha e as apresentações muitas apresentações já têm prontas aqui, aí eu utilizo não é? Um que eu acho que vai estimular eles, o que vai motivar, o que vai fazer com que eles se interessem um pouco mais.

Entrevistadora: tu tentas usar então para motivação?

Professora: Isso, é, para motivação. Por exemplo, em geometria espacial, eu faço apresentação de Power Point, eu mostro no ingeom como é que se desenha, no programinha...

Entrevistadora: INgeom é outro programa?

Professora: É outro programa é. A gente em sólidos prontos aqui, com acrílico, eu levo aqueles sólidos, eu fiz um projeto de construção de sólidos com cartolinas, e ... prismas e eles mesmos faziam aleatórios os prismas ou cubos e paralelepípedos, e depois eles mediam, calculavam o volume e tal, uma coisa assim, diferente, é para motivar, pra coisa ser mais...

3. Como tu exploras o conteúdo nas condições oferecidas ou possíveis do recurso? Tu usas expositivamente ou para pesquisa?

Professora: De acordo com a tecnologia, uma coisa diferente.

Entrevistadora: Mas mais expositivo, ou mais para que eles pesquisem, como é que tu procuras utilizar de acordo com o que tu tens?

Professora: Na maioria das vezes é expositivo, que eu apresento ou eles tem que fazer algum trabalho ali naquele programa. Seria eu peço pra eles fazerem, dá para eles irem para pesquisa e construir, mas seria mais expositivo. Vão mexer. Por exemplo, vamos fazer gráficos de função exponencial. Aí no grafmática eles fazem, analisam, aí depois que tá pronto analisam o domínio e a imagem o crescimento, decrescimento, essas coisas assim. Dentro do que eu posso eu tento explorar tanto a construção, como...

4. Como os alunos respondem às tarefas ou solicitações, se tu comparares antes e depois que tu passastes a utilizar as mídias?

Professora: Não, é que é assim ó, o que dá para perceber é que em algumas turmas ou dependendo do conteúdo eu não utilizo nada, eu faço o tradicional, faço só o giz, o exercício e o quadro. Em alguns conteúdos eu faço essas coisas que eu estou te dizendo, não é, eu não estou totalmente fazendo novidades. Então dá pra ver a diferença. Quando eu consigo contextualizar com um jogo, ou com algum software, ou com uma apresentação, ou com uma construção, ou um projeto que eu tenho ou que alguém me ensine eu vejo que dá resultado e

resultados bons, eles se motivam acham legal. Só uma questão de tu mudares um pouco a forma já melhora então é isso que eu noto.

5. Como tu descreverias o interesse e aproveitamento dos alunos? Achas que está diferente? Atribui a mudança à utilização das mídias?

Professora: Eu acho que muda sim, eles gostam mais, ficam mais motivados, eles se agradam. Nunca ninguém, pelo menos aqui né, nunca ninguém reclamou “ai assim não tem graça ou tá ruim”. Eles gostam. Eu acho que o aprendizado também fica... eles parece que enxergam as coisas, não fica tão abstrato, dá para ver melhor, gráficos mesmo eles têm dificuldade às vezes para desenhar um gráfico, de imaginar como é que é a parábola, não é? Logo eu já, quando eu vou falar de função do segundo grau, eu logo já levo para o computador para eles verem direto, para não ficar naquela coisa. E além de ensinar o fácil de fazer no programinha eu peço trabalho para eles utilizarem aquilo que eles aprenderam, não é? Eu não vou fazer eles aprenderem o fácil e depois ficarem lá eles pobrezinhos fazendo no papel. Eu acho que eles gostam e que tem bons resultados, resultados positivos.

6. Quando tu pensas a aula e decides usar alguma mídia, tomas como pressuposto ou baseia-te em que? O recurso é útil para a explicação do tema proposto? Se for, em que sentido?

Professora: Por que é mais fácil ou por que é mais simples? Não é que muitas vezes o mais simples seria eu pegar e dizer assim, abram a apostila e vamos fazer os exercícios. Leiam aí o conteúdo. Não é? Então quando eu penso, quando eu penso em fazer uma aula diferente eu penso mesmo que vá dar trabalho, que eu tenha que ligar o Data Show, que eu tenha que ir procurar a chave, que eu tenha que ver o que quais os exercícios que vão caber dentro daquele programa, ou daquela apresentação, ou daquele jogo, aquilo dá muito mais trabalho, mais eu sei que aquele trabalho vai resultar depois num, até num interesse do aluno pelo conteúdo, vai ser, vai somar. Nem que eu perca mais períodos, é isso que conta. Por exemplo assim, pra tu teres uma noção, a gente tem além das coisas ali no nosso arquivo, a gente tem apostilas já prontas. Nem sempre eu uso a apostila, nem

sempre eu adoto o livro, nem sempre eu uso não é? Eu já procuro outras coisas, na internet, ou eu mesma faço do meu modo, por que às vezes o que está pronto não é tão legal ou não está abordado da maneira que eu quero dar. Então eu já pego e já faço na minha linha, no que eu quero, claro muita coisa eu aproveito, mas outras coisas eu renovo. Até por que a gente adota a apostila, eles adotam a apostila aqui, seria bem mais cômodo adotar a apostila, mas nem tudo o que está na apostila é o que eu quero dar, nem tudo que está do jeito ali que está sendo abordado é da maneira que eu penso, que eu quero e eles dão liberdade total assim, de eu procurar outro material de fazer de outro jeito.

7. Tu achas que é possível utilizar as mídias em todo conteúdo com o qual trabalhas? Por quê? Em que ela te ajuda?

Professora: Eu não conheço, Mas o que eu posso te dizer, tudo dá pra dar um jeito. Se eu tivesse tempo, se tivesse como pesquisar, se trabalhasse só aqui, eu sou substituta, mas se fosse efetiva e tivesse que ser, exclusiva...

Entrevistadora: Dedicção exclusiva...

Professora: Isso dedicação exclusiva, eu ia ter tempo de pesquisar, de fazer cursos, e eu acho que sim, que tem um jeito de abordar tudo para, para melhorar, assim, fazer com mídias, apresentações, jogos, programinhas. Às vezes eu paro um pouquinho ali procuro, programinha para tal coisa, aparece um monte, seja livre, seja pago. Então tem sabe, eu acho que é possível, eu não conheço e não uso em tudo, uso em alguns pontos no ensino médio, em alguns pontos eu conheço bastante coisa mas em todos os conteúdos eu não conheço, não sei.

Entrevistadora: E por que tu achas que é possível utilizar em vários senão em todos os conteúdos?

Professora: Eu acho que assim: o mundo está todo tecnologia, até aqui. Tecnologia, a gente respira tecnologia hoje em dia. E a matemática está em tudo. Então aula de matemática para mim e tecnologia estão interligadas, então eu acho que é possível. Hoje tem milhões de jogos que esses adolescentes jogam aí, tudo é

baseado em programas, softwares, matemática, tudo tecnologia e matemática casadas uma na outra. Então falta o quê? Falta o meu conhecimento, falta eu pesquisar. Se eu pesquisar eu encontro, eu sei. Tem sim. E cada vez mais, agora passa um ou dois minutos se descobriu mil coisas. A tecnologia que dois minutos atrás era de ponta agora já é passado, a coisa anda a anos luz então tem sim é só a gente pesquisar.

Professora “C”

1. Quais são os recursos mais utilizados por ti e por quê?

Professora: Olha, eu sempre procuro diversificar, claro que a gente tem horas que tem conteúdos que tem que ter uma exposição dialogada, não é? Mas o que é que eu faço? Como a minha matéria é biologia eu procuro quando dá pra fazer práticas em laboratório eu faço, por exemplo usar microscópio, fazer observação, montar um experimento e a partir desse experimento sempre eu tenho um roteiro onde eles tem que escrever a montagem, o desenvolvimento e a conclusão e depois comparar com o que a gente tem no livro, ou comparar com um texto que foi dado antes, com a teoria que a gente tem pronta. Eu uso bastante a internet, pesquisas porque a gente tem, hoje mesmo tem vários sites, por exemplo, atlas na internet, não é? Tu vais trabalhar esqueleto, vais trabalhar tecidos, tu tens como trabalhar todos os tecidos com atlas na internet, que daí eles estão visualizando. Tu estás falando lá em tecido epitelial, camada de célula e substância intersticial, essas coisas todas, não é? Então ele consegue visualizar o que tu estás tratando ali, não é? Tu vais dar sistema nervoso, tu vais falar em sinapse em transmissão de impulso essas coisas, isso fica tudo muito vago para eles, então pra eles verem na realidade, como é que isso acontece... na internet tu tens as ilustrações, tu tens animações, não é? A gente adota o livro e normalmente as editoras disponibilizam o site, por exemplo, o livro da Sônia Lopes, eles disponibilizam todo o livro na internet, aonde tu vais lá e trabalhas e aí tens os links já com as ilustrações e as animações e consegues fazer uma aula jóia, não é? Temos os sites assim, tem professores que te disponibilizam o site pra tu trabalhares com questões de vestibular, então eu procuro diversificar o máximo possível porque o que é que eles têm hoje? Uma diversidade de coisas que atraem, e a escola continua o quadro e o giz, agora não é quadro e giz, mas é o quadro e a caneta, o

que era desde os anos sessenta, setenta, desde que é escola e o aluno tem coisas não é?... De tecnologia eles entendem tudo, tu não precisas ensinar nada para eles. Então pra tu teres a atenção deles, teres motivação e estares com eles na mão, tu tens que diversificar. Então por exemplo, sexta passada eu usei aquilo, amanhã eu não posso usar de novo, eu tenho que fazer outra coisa na sexta com eles, variar, porque mesmo sendo terceiro ano, tu vistes que eles adoram se dispersar e puxar uma outra conversa, não é? Eles são cada vez mais imaturos, isso aí é em qualquer série. E outra coisa, o teu recurso, também tu não podes pensar que tu vais passar os cinquenta minutos, cem minutos com aquele recurso, não é? Tu tens que usar um recurso e por um tempo limitado, e depois passar pra outra coisa, não é? Eu até poderia aquele dia, eu estava revisando mitose e meiose, eu poderia até ter revisado outro conteúdo em seguida, mas eu sei que não ia adiantar nada então o que eu preferi? Eu preferi entrar com exercícios que eles utilizassem aquilo que eu tinha falado antes, por que se não, não ia ficar nada, então tu usas uma atividade...

Entrevistadora: com “tempo de validade”...

Professora: É isso, tu não podes pensar que tu vais ficar os cem minutos, usando aquilo ali. É a mesma coisa no laboratório, se tu usares o laboratório, tu não pensas que tu vais, a menos que seja um experimento que requeira mais tempo, mas tu tens que programar que numa aula tu vais fazer o experimento, tu tens dobradinha, e a outra tu já tens que estar com outra atividade, um exercício de fixação, ou uma outra coisa por que se não eles já não prestam mais atenção naquilo ali e nem analisam os resultados que é a parte mais importante.

2. A escolha do recurso está baseada em que? O que tu levas em conta quando escolhes um recurso para usar nas tuas aulas?

Professora: Então o que é que eu analiso: o conteúdo que vai ser trabalhado, se eu tenho, por exemplo eu não tinha nada de atividade prática pra fazer, eu até poderia assim, mas ele não fica uma coisa clara pelo tipo de microscópio que a gente tem, eu até tenho como mostrar uma célula em divisão mais não fica tão claro. Então o que que eu analiso: eu vejo o conteúdo, o que é que o aluno precisa pra entender aquele conteúdo: ele precisa visualizar, ele precisa se

dar conta, né, fazer uma imagem pra relacionar aquela teoria toda com uma imagem, não é? O que é que ele precisa pra fixar aquilo ali, sempre eu penso também de que forma vai se tornar mais fácil ele se apoderar daquela aprendizagem, assimilar aquele conteúdo. Porque às vezes tem coisas que tu podes numa explicação num esqueminha no quadro, é fácil, é tranquilo, mas tem outras coisas que ele precisa de mais, tu vais na parte de citologia tu precisas de imagens, então aí eu uso o Power Point. E dentro da área da biologia é muito nomezinho, muita coisa muito parecida. Ali era revisão, aquele mesmo conteúdo eles já viram no primeiro ano, aí aquelas células, cromossomos e tal no primeiro ano. O que eu fiz com eles? Eles tinham a possibilidade de ver na internet, a movimentação e depois eles fizeram uma representação com massinha de modelar, eles produziram cada fase da mitose, da meiose, com massinha de modelar. Então daí, naquele momento, eles estavam aprendendo não é? Tavam construindo, agora eles já sabiam aquilo ali, era uma revisão então já vamos fazer outra coisa, não vamos perder tempo com representação. Então também depende do momento que tu vais explicar as coisas pra eles.

3. Como tu exploras o conteúdo nas condições oferecidas ou possíveis do recurso? É expositivo ou para pesquisa?

Professora: É. Depende do conteúdo, depende da série também do ensino médio, o primeiro ano eles são mais imaturos, tu tens que ter assim um cuidado na hora que tu vais expor por que eles vêm com ciência do ensino fundamental, então daí eles no ensino fundamental eles vêm um pouquinho de cada coisa aí, quando chega no médio aquelas coisas ficam mais específicas e mais aprofundadas, não é? Então tu aí também tens que ter cuidado com a maturidade deles pra assimilar aquele conteúdo, então tu também tens que pensar na faixa etária deles, na prontidão que eles têm para aquele conteúdo.

4. Como os alunos respondem às tarefas ou solicitações, se tu comparares antes e depois que tu passastes a utilizar as mídias?

Professora: Olha antes os alunos eram muito mais passivos, eu não sei se... Eles eram mais atentos, eles tinham mais preocupação com a aprendizagem deles,

então eu até acho que mesmo com a aula sendo expositiva assim, eles correspondiam bem, tinham uma boa aprendizagem, não é? Só que hoje tu tens um aluno que não tem muita preocupação com a aprendizagem dele, ele não é tão angustiado assim. Claro que tem alunos extremamente dedicados e angustiadados pela aprendizagem e querem mais e perguntam e tudo mais, mas hoje se faz necessário o professor ser, ó (estala os dedos), muito rápido. Professor que pensa que vai para uma aula e sentar, e ficar lá da mesa dele e torcendo a cadeira e falando alguma coisa, ele não vai ter bons resultados, isso eu tenho certeza. Ele tem que estar muito bem preparado, ele tem que ir para a sala de aula já sabendo o que ele vai fazer por que a gente sabe que existe professor ainda que chega lá pega o livro e na hora, na aula, ele vai ver o que vai fazer. Isso não dá mais. Até faz, mas daí ele tem problemas de disciplina, tem problemas sérios.

Entrevistadora: então tu achas que com a utilização das mídias a resposta dos alunos antes era...

Professora: Eles até respondiam bem, embora tu não utilizasse esse tipo de recurso, mas eles talvez eles ficassem um pouco mais na decoreba não tinha assim, não chegavam a uma construção do conhecimento mas que eles eram bem mais dedicados e respondiam bem mais do que hoje...

Entrevistadora: Mais participativos?

Professora: É, mais se hoje tu fizeres a mesma coisa que tu fazias há dez anos atrás, tu não vais ter produção nenhuma, mas tu não vais ter produção porque hoje o aluno ele quer outras coisas, ele tem outros interesses, né? Há dez anos atrás, tu não tinhas recursos para brincar, para passar o teu tempo. Hoje eles têm mil coisas para fazer, então por isso é que tu tens que te virar com isso aí para, não é? Embora que eu tenha duas situações: eu tenho aqui e tenho a escola pública. Na escola pública eu tenho que levar, meu se eu quero fazer, porque eu não tenho recurso nenhum, eu trabalho de noite e não tem nem uma biblioteca para eu usar, eu tenho que, se eu quero usar a biblioteca eu tenho que passar lá de tarde e pedir que me deixem a chave e não sei o que, blá, blá, blá e depois eu tenho que terminar cedo e mandar a chave para no outro dia ficar lá de manhã. Eu tenho que mandar

por uma pessoa que no outro dia esteja lá de manhã com a chave. Se eu quero usar vídeo é a mesma coisa: o colégio tem um laboratório de informática, mas se eu não correr atrás para que tenha à disposição a chave, de noite eu não consigo usar nada. E eu até tenho assim, como é que eu vou te dizer assim, meus alunos eu tenho dificuldade com alguns, mas, eles comigo eu não tenho problema assim, eles até têm uma boa resposta deles mesmo não usando essas coisas. Mas também depende como o professor vai conduzir. O que eu me apavoro é que tem professor que chega e diz assim “ah, hoje eu tive que encher o quadro três vezes para eles ficarem quietos” né? Isso me indigna por que ainda bem que os meus filhos não estão mais.

**5. Como tu descreverias o interesse e aproveitamento dos alunos ?
Achas que está diferente? Atribui a mudança à utilização das mídias?**

Professora: Se eu ficar com a mesma situação, com o mesmo trabalho de antes aí eles vão ter um menor aproveitamento, eles não estão nem aí pra te escutar. Então por isso que hoje tu tens que ir atrás, tu tens que correr, tu tens que fazer, tens que usar atividades diversas, recursos diversos, para que tu tenhas um bom rendimento com eles. A questão do interesse e da motivação passa pela forma como tu trabalhas com eles em aula.

Entrevistadora: Mas tu não percebes que eles se sentem mais ou menos motivados pelo fato de tu utilizares as mídias?

Professora: Sim, claro que sim, toda vida. Toda vida. E daí, por exemplo, eu uso alguma coisa e daí eles pedem, tu vistes que eles me perguntaram, não é? Eu sempre disponibilizo, ou eu disponibilizo por e-mail, ou eu empresto cd, ou eu empresto pen-drive, eu empresto, passo e disponibilizo para eles tudo e aí eu sinto que a partir daquele material eles realmente estudam, eles realmente fazem as coisas.

6. Quando tu pensas a aula e decides usar alguma mídia, tomas como pressuposto ou baseia-te em que? O recurso é útil para a explicação do tema proposto? Se for, em que sentido?

Professora: Na adequação do conteúdo. Aí por exemplo assim, tem filmes, então o próprio material que a gente usa, o próprio livro que a gente usa o autor nos indica né? Ah, abertura de unidade tal, tem tal filme pra ser usado, né? Aí em cima daquele filme tu fazes o relacionamento com o teu conteúdo, então às vezes um se presta para um filme outro se presta pra um documentário, então depende do conteúdo é que tu vais escolher o que tu vais trabalhar.

7. Tu achas que é possível utilizar as mídias em todo conteúdo com o qual trabalhas? Por quê? Em que ela te ajuda?

Professora: Não, eu acho que tem conteúdos que não se prestam, que daí tu tens que procurar usar uma outra técnica que não seja com mídia.

Entrevistadora: Como por exemplo o laboratório?

Professora: É isso, quando tem experimentos daí tu podes usar experimentos ou então tu cria uma outra atividade, né? De pesquisa, tu sempre tens que fazer alguma coisa que ele seja o agente, que ele vai produzir, tu não podes querer ficar assim, tu chegares e começas a falar, falar, falar, falar e despejar, despejar, despejar coisas, ele tem que interagir, porque se ele começar a ficar muito parado, aí já a concentração dele é por pouco tempo e isso é indiferente de primeiro do médio, segundo do médio, terceiro do médio, a concentração deles não é por muito tempo. Então tu sempre tens que fazer com que ele seja o agente e tu és o facilitador. Até assim ó, se tu vais descrever pra eles, explicar pra eles a atividade que tu vais fazer, se essa tua atividade tem muitos passos, tu não podes explicar todos os passos de uma vez só, porque quando tu chegas lá no último eles já não lembram do primeiro. Então tu tens que ir também aos poucos. E também assim ó, eu vejo que a turma é uma questão assim da gente conhecer, não é? Por que a turma conhece o professor e o professor conhece a turma, aí depois de um mês de trabalho com a turma, a turma já sabe qual é o ritmo de trabalho do professor, eles entram no ritmo, por que eles são muito espertos. Eles sabem direitinho o ritmo do professor, como é que o professor faz, como é que o professor cobra, isso eu tenho bem claro lá na escola pública. Eles comigo assim ó, eles têm um comportamento

bem diferente do que eles têm com outros professores. Por que eu não consigo ser duas, eu sou uma só. Então o que eu sou aqui eu sou lá. Aí as gurias esses dias disseram que eu era Hitler, por que sabe o que é que eu faço? Eu faço eles responderem a chamada e levantarem o livro. Sabe por quê? Por que lá eles ganham o livro. Por que o governo adora dar tudo, dá tudo, tudo pra eles e eles não têm que dar nada de volta, não é? Então cada aluno do ensino médio tem um livro, eles têm um livro de biologia, só que eles levam para casa e deixam em casa e aí eles precisam ler, eles precisam saber interpretar as coisas e aí o que é que eu faço? Eles têm que responder a chamada e levantar o livro. E eu digo para eles. E eles dizem: “ah é muito pesado pra trazer na bolsa”. Eu digo: vocês já estão fazendo musculação então. Aí na minha aula vocês respondem presença e levantam o livro. Aí as gurias brabas que como é que comigo eles traziam o livro e com elas eles não traziam. Aí uma professora disse assim, pois é, eles acabam trazendo o de biologia e não trazem o meu. Eu disse: faz a mesma coisa, por que é que tu não exigis? Vês e eles não têm o livro. Se não eles não têm nada e nem livro que eles têm eles não levam. Para que dar e não ser usado? E aí onde tu começa a exigir eles conhecem o professor. Aí ontem eu fiquei tão feliz assim, veio uma senhora aqui fazer a matrícula da menininha e aí ela disse assim: “eu te conheço de algum lugar, ela disse assim para mim. E aí eu disse olha, não sei, de repente eu posso ter sido tua professora, mas isso eu até vou falar meio baixo por que ela já estava, mas se bem que tem alunos já, na quinta, sexta série filhos de alunos meus. Aí eu disse: aonde tu estudastes, aonde tu moravas. “Ah, eu morava na Cohab Tablada”. Eu disse: tu não estudastes no Leivas Leite? Ela disse: “Estudei”. Eu disse: então é de lá que tu me conheces. Eu disse: a minha política é enlouquecê-los antes que eles me enlouqueçam. Mas é, porque assim, eu digo para eles eu já fiz o meu ensino médio há muitos anos e eu me dediquei e aí depois quando, se eu não me dediquei a algumas coisas eu é que paguei o preço, não foi meu professor. Então vocês é que vão pagar o preço se vocês não se dedicarem. Eu faço o possível e depois a vida é que vai, a vida é que vai nos castigar depois se a gente não... E aí eu digo para eles e eles: “ah, não isso é demais!”. Eu digo, mas tá bem, então tá bom, tá bem fechando com a minha política é enlouquecê-los antes que eles me enlouqueçam.

Professora “D”

1. Quais são os recursos mais utilizados por ti e por quê?

Professora: Eu devo confessar que eu não uso muito. Por que sempre dá muito problema, né, essas coisas assim que é um stress e carrega, mas o que eu mais uso, agora, considerando o que a escola possui, é na verdade o data show. Por que ele tem a possibilidade justamente de fazer um quadro mais dinâmico, não é? Então o que eu mais uso é o data show e via de regra eu uso menos que os alunos. Então eles usam mais. Então ao invés de eu preparar material, trazer o data show, explicar, ele vai produzir e ele vai dizer o que ele fez lá, o que ele montou. Então nesse sentido, eu já fiz fotonovela, eu já fiz uma novela, não dá pra dizer, óóó, que coisa maravilhosa, mas eles tiveram de ler um livro, eles tiveram de resumir, eles tiveram de adaptar a uma linguagem mais moderna e tiveram o trabalho de fazer a peça e ir filmando. Então eles já fizeram uma pequena novela, utilizando então esses recursos assim, filmadora, máquina fotográfica, mas assim, se eu for usar, mais é data show. Até música tem muita sugestão e tudo de música nos livros, por que eu trabalho literatura também não é? Mas eu tenho um problema assim, que eu não escuto música, não tenho tempo pra escutar música, não tenho CD, não sei baixar da Internet, então para conseguir aquela música, olha essa música serviria para cá, eu vou perder muito tempo procurando e eu não disponho disso, por que infelizmente professor... que o ideal seria tu trabalhares um turno e no outro turno te dedicares a essas coisas, mas tu tens que trabalhar um turno, dois turnos, três turnos para conseguires te manter.

2. A escolha do recurso está baseada em que? O que tu levavas em conta quando escolhes um recurso para usar nas tuas aulas?

Professora: A praticidade. Se nós formos trabalhar, vamos supor que eu vou pedir um material, ah quero cartazes e coisas, isso pra mim é um desperdício, só faz lixo, tem gasto para o aluno, não é? E como a escola tem o recurso quanta coisa tu podes usar ali, não é? Vê que eles capturaram imagens, imagens novas, antigas, quadros, monumentos, tudo, não é? Então tu tens todo aquele recurso ali assim. Eu

não sou professora de arte pra eles terem que estar pintando, não é? Eu quero conteúdo. Então eu acho muito prático e hoje muito barato, muito barato, não há custo, não há. E mais agora que, antes tu ainda usavas aqueles disquetes, ou CD's e não tinha como aproveitar muito, mas agora o pen drive, aquilo ali é extremamente prático. Então a praticidade, a funcionalidade da coisa assim, então por esse motivo.

3. Como tu exploras o conteúdo nas condições oferecidas ou possíveis do recurso? Tu usas expositivamente ou para pesquisa?

Professora: A expositiva assim, nem tanto. Porque como nós temos o livro em sala e o livro também tem muita coisa, ele é bem dinâmico, não é mais aquele livro com só letrinhas, não é? Ele é bem dinâmico, tem muita imagem, tem quadrinhos, tem tirinhas, então o próprio livro é um material super bom, assim. Então como recurso é pouco assim. Às vezes quando eu quero pegar uma coisa diferente, que eles não tenham, aí eu vou utilizar mas por que eu acho que o importante é a visualização. Não é? Então eles enxergam, bem grande, exposto, por que se não eu pouco vou utilizar pra fazer a aula propriamente dita. Eu sou muito tagarela, eu falo muito, né? Então é mais na expositiva mesmo. E assim, com eu te disse, eu mais faço eles utilizarem do que eu propriamente utilizo. Por que como eu disse assim pra eles, trazer Power Point e fazer a apresentação eles estão mais ou menos acostumados, por que a gente faz projetos aqui na escola, não é? Então cada ano a gente procura mudar um pouquinho a maneira final da apresentação do projeto, mas apresentação em Power Point é a mais fácil deles fazerem pra apresentar, em forma de seminário, assim, não é? Então é o jeito mais fácil. Uma que eu acho assim, tu vais na universidade tudo é apresentação, tudo são seminários, tudo tu que preparas e tu tens que mostrar para o professor, então eles já vão meio acostumados, não é? Quando se trabalha em projeto a gente já procura trabalhar relatórios assim, que eles tenham que utilizar um pouquinho das regras da ABNT, um pouquinho. Não vou pegar assim pesado que nem monografia, mas já tem que trabalhar com a questão do tamanho da letra, eu tenho que trabalhar com a questão do espaçamento, das margens, de como se faz uma capa, uma folha de rosto, como faz a bibliografia, essas coisas a gente já vai preparando, porque eles vão chegar lá e vão ter que utilizar. Já fizemos também com eles uma apresentação em vídeo mesmo, que eles têm que um filmar o outro utilizando máquina fotográfica mesmo,

dessas digitais e montando filmes, então para eles chegarem onde nós queríamos, nós professores nos reunimos e fizemos e apresentamos o trabalho para eles no vídeo. Então nós mesmos fizemos uma simulação de um pequeno jornal, de entrevista com professores, um professor entrevistando outro professor e eles descobriram qual seria o trabalho deles através do vídeo que a gente apresentou para eles. Então a gente é assim, nesse aspecto o grupo de professores que no geral trabalha meio junto e cobra parêlo. Então essa coisa de utilizar na apresentação eles já estão acostumados. O documentário é que é a novidade. Então isso eles nunca fizeram mesmo. E nem eu assim, trouxe documentários para eles olharem, eu apenas citei alguns e citei onde eles poderiam olhar e deixei eles buscarem a informação e utilizarem os recursos que eles achassem.

4. Como os alunos respondem às tarefas ou solicitações, se tu comparares antes e depois que tu passastes a utilizar as mídias?

Professora: Eu acho que é diferente, por que é assim, ó: eu peguei a época que não tinha nada de recurso, não é? Então digamos assim, tu pedias um trabalho, eles iam na biblioteca, eles pegavam o livro, eles tinham que fazer à mão, não é? Que ninguém tinha máquina de escrever. Hoje não, hoje o que é que eles fazem? Eles baixam da internet, eles colam, copiam, etc. O diferencial está assim, é: muito bem, tu podes baixar quinhentas mil informações ali, mas o que tu fazes com elas? Então tens que ensiná-los a aproveitar, a olhar, porque às vezes tu abres mil e quinhentas páginas e todas elas falam a mesma coisa, ou tu abres e uma diz o contrário da outra. Então incentivar eles no sentido de que eles leiam, de fato o que eles estão fazendo, não apenas copiem, que isso acontece muito também, e que eles trabalhem aquela informação. Muito bem, qual é a diferença assim, se tu trabalhares só com material escrito, se tu deres só material escrito, como um relatório, a possibilidade de cópia é muito grande. Então nós não trabalhamos só com relatório. Nós queremos que eles falem sobre aquilo, por isso que essa questão do recurso para a apresentação ela modifica, porque eles são obrigados a realmente começar a entender o assunto para poderem fazer uma boa apresentação e normalmente na apresentação não é somente o material que eles fizeram que vai aparecer, mas eles vão utilizar aquilo e vão falar, eles vão ter que, que se expressar e mostrar que eles leram, que eles conhecem. Então nesse sentido eu acho que

melhora um pouco, eu acho que a resposta é mais positiva com a utilização do recurso. E também assim, ó, por que a gente fala de recurso mas tu levamos em consideração também a TV, o som, se a gente trabalha com música. E a gente vê assim, tu podes ter uma resposta do aluno que vai dizer assim “ó, que coisa maravilhosa esse material”, ou pode dizer assim “ó que coisa horrorosa”. Então eu já tive oportunidade de trabalhar, com a professora de artes, assim, não que eu tenha feito grande coisa, eu apenas cedi uma aula para ela e vimos um filme. Ela trouxe uma ópera, um filme todo cantado, para uma sexta série. Eles acharam horrível, horrível aquilo. Que coisa horrorosa aquela mulher cantando com aquela voz fina. Mas eu achei isso também interessante. Porque eles conseguem mostrar que a cultura deles é diferente, não é? Que o gosto mudou, o gosto das pessoas mudou. Então eu acho que também isso é interessante. Eu acho que vale a pena, depende o que é que tu vais escolher depois. Então esse era um trabalho junto com a professora de artes e ela queria mostrar na verdade um movimento artístico, toda questão da forma como eram apresentados, o teatro, as óperas, mas foi bem legal, assim.

5. Como tu descreverias o interesse e aproveitamento dos alunos? Achas que está diferente? Atribui a mudança à utilização das mídias?

Professora: Eu acho que muito depende do aluno, porque às vezes a gente tem alunos que não têm nada, e que buscam no nada alguma coisa e procura se destacar em meio aos demais. Não é? Então eu já tive alunos há dez, há vinte anos atrás que eram alunos excelentes, assim, que tinham um conhecimento de mundo muito bom, um envolvimento com as coisas que aconteciam no mundo, muito bom, e tenho hoje alunos que são extremamente interessados. O que eu acho é que hoje é mais fácil para o aluno. Hoje em dia é mais fácil para o aluno, porque ele tem uma rapidez nas suas respostas, o que não se tinha. Tinha que correr até a Biblioteca Pública, biblioteca da Universidade Católica, da Universidade Federal, porque perto não havia informação suficiente para aquele problema que tu irias resolver. E agora tu sentas em casa, na frente da tua televisão ou na tua cama, não sei, liga o computador se tens internet, tu tens tudo ali na tua frente. Então eu acho que é mais fácil, mas eu acho que existe a questão do interesse e do desinteresse, eu acho que isso permanece. Então a gente tem alunos assim, que não querem trabalhar a

informação. Por que a informação em si, ela não é conhecimento, ela tem que ser trabalhada, não é? Então ele não quer trabalhar a informação e tem aquele que quer, que aproveita e que para ele, lógico, hoje é mais fácil. Só nesse sentido. Mas, não, assim... Eu não vejo diferença no aluno, eu vejo alunos diferentes. Não é? O aluno que é interessado ele tende a buscar, não é?

6. Quando tu pensas a aula e decides usar alguma mídia, tomas como pressuposto ou baseia-te em que? O recurso é útil para a explicação do tema proposto? Se for, em que sentido?

Professora: Sim. Eu acho assim, ó, ele tem que ter um fundamento. Eu não vou usar do nada. Vamos pegar esse trabalho das cartas Chilenas, não é? Muito bem, pensar nas cartas chilenas, em aula expositiva, é, seria mais ou menos o que a gente assistiu ali, que dá sono. Não é? É muito chato as cartas chilenas. Elas são, têm um fundamento histórico muito interessante, que a gente tem que entender, por que existe uma crítica, uma crítica irônica de uma determinada época, não é? Muitas vezes os alunos criticam a corrupção de hoje e eu digo “gente, sempre houve corrupção, vamos ver as obras a gente tem exemplos”, então cito as cartas chilenas como um exemplo. Então na verdade elas são muito chatas de trabalhar, assim, expositivamente. Por isso que eu lancei essa idéia. mas considero que é importante que eles tenham feito a leituras delas, pelo menos de uma parte, não é? Um pedaço pelo menos, de como elas são. Por que eles vão enfrentar, daqui a pouco, num exame, num vestibular, num Enem, num Pave, não sei, pegar um trequinho e se ele nunca viu aquilo vai ser muito mais difícil. Então se ele já teve a oportunidade de trabalhar aquilo vai facilitar um pouquinho a vida dele. Por que fazer no vídeo? Por que eu achei assim, toda aquela parte chata eles teriam que fazer em casa, sozinhos, em grupos e pensar a parte chata como uma coisa menos chata, mais interessante. Associar então com a música, associar com a imagem, enfim, fazer todas essas ligações. Então nesse sentido, no momento que ele está preparando... o vídeo é só um resultado, ele não vai aprender assistindo o vídeo, ele vai aprender até chegar lá. Não é? Então o vídeo na verdade, seria uma desculpa, se eu posso dizer essa palavra, é uma desculpa para forçar o aluno a estudar. Não é? E aí ele chega lá com o vídeo achando o vídeo a coisa mais importante, mas o mais importante de tudo ele já fez antes. Assim, dessa forma eu pensei, não é? Então na

verdade eu acho que é isso aí. É, é utilizar essa parte que a gente pensa que eles acham mais legal, mais interessante, mais motivador, para fazer eles realmente pensarem, fazerem a projeção, caminharem. É nesse sentido.

7. Tu achas que é possível utilizar as mídias em todo conteúdo com o qual trabalhas? Por quê? Em que ela te ajuda?

Professora: Assim, ó, eu acho que pode sim. Tu podes utilizar filme, por que assim, eu trabalho com literatura também, não é? Então existem filmes que retratam épocas e que são obras, que são extraídos ou baseados em uma obra de literatura. Então eles se prestam pra isso. Não é? Existem músicas, até músicas contemporâneas, mais recentes, que exploram, fazem aquela intertextualidade, exploram alguma coisa de um texto que foi trabalhado há quinhentos anos, há seiscentos anos atrás, então dá também para a gente trabalhar com a música para chegar lá naquele conteúdo de seiscentos anos atrás. Agora o português, especificamente, eu acho que daí ou é trabalhar a letra da música, e daí o recurso funciona só para despertar o interesse, seria ouvir a música primeiro, depois trabalhar com o significado a música, ou então uma apresentação assim, como fazem em Power Point, essa coisa do gênero utilizando projeção, assim. Porque torna mais, mais rápido do que aquela coisa de escreve no quadro, apaga e tal. Mais prático. E até assim, em termos de seqüência assim, uma coisa que tu elaboras, com calma, fazes na tua casa, tu pegas toda uma seqüência que leva a um determinado raciocínio, que às vezes na aula, até pelas próprias perguntas dos alunos, tendo que interromper, e aí perde um pouquinho aquele que a gente chama de “fio da meada”, não é? Então perde um pouquinho aquela seqüência lógica, às vezes atrapalha um pouquinho, para conduzir o pensamento para o aluno aprender. Então nesse sentido eu acho bom a utilização desse recurso. Mas assim, eu acho que se eu usar, eu te entendo... todo e qualquer conteúdo, então eu posso usar as mídias em todo e qualquer conteúdo, agora, utilizar sempre é cansativo até para o aluno. É bom quando é uma coisa assim, bah, hoje é uma aula diferente. É possível sim, posso tanta coisa. Na História também, em quanta coisa tu podes utilizar... Na história, na arte...

Entrevistadora: E tu achas que ele te ajuda em que, tu lançando mão assim, a qualquer momento que tu queiras?

Eu acho que torna um pouquinho mais atraente a aula, porque não é fácil também, ficar quatro horas sentado escutando uma pessoa só falando, então torna um pouquinho mais atraente a aula e ali muitas vezes também permite que o aluno também se concentre um pouco mais e entenda um pouco melhor. Então nesse sentido eu acho que é bom.

Professora “E”

1. Quais são os recursos mais utilizados por ti e por quê?

Professora: Eu tenho utilizado, quando eu comecei a trabalhar, que eu trabalho com projetos já há algum tempo, eu utilizava televisão, utilizava... por que a escola que eu trabalhava era muito pobre, assim de recursos, então eu trabalhava mais com a questão de olharem filme e a partir disso então, eles escreviam, resumiam, montavam uma história. Quando eu comecei a trabalhar aqui na escola e também depois, quando eu passei pelo IF Sul, eu passei a trabalhar muito com equipamento de mídia relacionado à informática, com criar páginas, não é? Data show, apresentações em Power Point, pesquisas, releituras de contos, que eles costumam fazer e a partir disso então eles gravam aquele vídeo apresentando a sua visão, não é? E eu costumo trabalhar bastante com gravação também, de voz, eu tenho um trabalho que é feito onde eles expõem um conteúdo somente gravando. Então eles explicam e trabalham só com a questão do áudio. Não montam um vídeo, mas trabalham também com a questão de áudio. E a partir disso a gente passou a fazer um trabalho inverso, eu digo a gente, nós, como escola, eu e alguns colegas, porque, na verdade, os alunos estão cada vez mais acessando esse tipo e dominando esse tipo de tecnologia, e certas tecnologias, certas ferramentas já estão ultrapassadas para eles. Por esse motivo nós começamos a fazer pequenas tentativas e diante disso a gente sempre parte de uma operação inversa: a gente parte do texto e a partir do texto eles vão construir alguma coisa e trabalhar com recurso midiático. Então nós mudamos, aquela parte que nós tínhamos antes, anteriormente, que era partir do vídeo, partir da pesquisa na Internet para depois os alunos escreverem. Então agora a gente primeiro entrega a parte escrita e a partir disso eles vão escrevendo, vão montando as apresentações em Power Point para trabalhar também a questão da argumentação e também da oratória, eles vão montando pequenos vídeos, trabalham bastante com a questão dos slides e inclusive eles têm gostado bastante por que a gente costuma deixar eles misturarem essa coisa do surreal. Então eles utilizam, eles têm muita facilidade pra isso. Eles têm facilidade de misturar a parte histórica com o futuro, ou com o presente. E para nós tem sido gratificante porque eles passam a construir o conhecimento e se envolvem também que foi o caso das Cartas Chilenas, que na verdade o que é que

acontece? Se tivessem trabalhado só com as Cartas Chilenas eles iriam, iria ser só uma mera decoreba para o momento da prova e acabou. No entanto eles têm que pesquisar, e a partir disso montar alguma coisa, discutir. Claro que como é o nosso primeiro documentário, não foi da maneira que nós gostaríamos, a gente deseja ampliar, mas partindo desse princípio a gente nota que eles se envolvem mais.

2. A escolha do recurso está baseada em que? O que tu levamos em conta quando escolhes um recurso para usar nas tuas aulas?

Professora: Primeiro porque alguns recursos estão ultrapassados e por que hoje a escola não é atrativa para alguns alunos, então nós passamos a concorrer hoje com muita coisa. Então a escola concorre com todos os recursos por que todos os alunos têm acesso à tecnologia, de diversas camadas sociais. São os celulares da última moda, a questão da informática, nós concorremos com tudo isso e em alguns lugares que se trabalha nós concorremos com outras coisas também, não é? Que é aquele desejo de sair da escola, então a gente concorre com coisas mais fáceis que acabam provocando a evasão escolar. Então, por esse motivo, aquilo que está mais próximo, que é mais acessível, a gente procura utilizar para que a escola se torne mais atrativa. Eu procuro utilizar e os meus colegas também.

Entrevistadora: Mas quando tu escolhes um recurso para trabalhar em sala de aula, o que tu levamos em conta na hora de escolher?

Professora: O importante é conhecer a turma, porque na verdade muitas vezes o professor prepara uma excelente aula, isso eu observei quando eu estava na faculdade, os professores se preparam, preparam uma excelente aula e aquilo é fantástico, exige todo um tempo, uma dedicação e quando entra em sala de aula não é nada atrativo. Não tem envolvimento. Então, o primeiro ponto é conhecer a turma. Tanto é que para lançar uma proposta dessas nunca é no primeiro dia de aula, nós procuramos conhecer para ver quais os recursos e também os assuntos que acabam interessando a esses alunos. Tem que ser alguma coisa que instigue, que faça com que o aluno por si só tenha vontade de aprender e também isso colabore para que ele possa verificar, eu sempre costumo dizer para os meus alunos em sala de aula que, num país onde não se tem, quando não se tem dinheiro, nós

temos que ter acesso à informação, para que nós não sejamos manipulados a cada momento, então nós precisamos ter domínio da linguagem, da escrita, não ser leitores ingênuos. Esse ler não é simplesmente ler um livro é ler o mundo que os cerca. Então eu procuro, sempre quando eu vou trazer um trabalho, que eles questionem, que eles busquem. Por exemplo, no caso das Cartas Chilenas, aquela crítica acontecia àquele governador, há séculos, mas, no entanto, hoje, nós não temos isso? Nós não temos desmandos por aí? Isso só acontecia no passado, agora não? Então eu procuro que seja algo provocativo, para que isso possa instigar o lado crítico sempre junto com o lado humano, claro que a gente procura trabalhar, mas que eles possam enxergar que as coisas não são tão simples assim, que por trás da informação e principalmente das tecnologias, que nós podemos usar ao nosso favor, mas têm muita coisa que é usada única e exclusivamente para nos manipular e massificar tudo, então é isso que eu procuro trabalhar com eles.

3. Como tu exploras o conteúdo nas condições oferecidas ou possíveis do recurso? Tu usas positivamente ou para pesquisa?

Professora: Eu procuro sempre..., a parte de exposição sempre acontece, por que, por mais que se busque nós ainda não chegamos àquele, aquele nível onde o aluno só ele vai... ele sempre tem aquela, digamos, essa cultura de que o professor tem que dizer alguma coisa, tem que falar...sempre existe isso. Então, o que é que eu faço? Por exemplo, se eu vou trabalhar com eles a narrativa, eu tenho que trabalhar narrativa, então eles vão a partir disso pesquisar e aí aquilo que eu te falei, a respeito do recurso de áudio, então eles vão a partir da narrativa, do conteúdo de narrativa identificar os pontos que eu vou solicitar, não é? Por exemplo, cenário, eles vão trabalhar isso, descrever isso, somente através da fala pelo áudio e depois, no momento da apresentação deles eu vou fazer essa exposição. Então, com o trabalho deles, utilizo o trabalho deles como material para exposição do conteúdo, normalmente procuro fazer isso.

4. Como os alunos respondem às tarefas ou solicitações, se tu comparares antes e depois que tu passastes a utilizar as mídias?

Professora: Eles respondem melhor. Por quê? Porque na verdade se volta à questão do que é atrativo, então eles respondem melhor, por que muitas vezes eles se envolvem de uma maneira que até surpreende. Claro, quando se chega no final de ano, última semana de aula a gente nota todo um desgaste, mas, no entanto, às vezes eles costumam fazer mais do que se espera e isso é extremamente importante. Nós fizemos um trabalho na semana, agora em 20 de setembro. Então a escola, inclusive aqui, nos anos anteriores que eu trabalhava, na Semana Farroupilha, o que acontecia? Um aluno vinha pegava uma folhinha e lia um poema, outro aluno vinha com um cartaz e segurava. Nossa, era depressivo. Para eles, para mim, para as pessoas mas, naquele momento, nós tínhamos algumas outras situações. Diante disso foi mudando a direção, a professora que assumiu sempre autorizou que a gente usasse tudo aquilo que estava disponível. Então, nesses últimos dois anos eu acho que eles não ouviam nem o Hino. Era muito cansativo. Neste último ano, então, foi liberado e um mês antes da Semana Farroupilha, lançamos uma espécie de concurso. E eles deveriam usar os recursos midiáticos para assim demonstrarem seu entendimento, seu amor pelo Rio Grande, todas essas coisas. E esse foi o melhor ano por que eles se envolveram, nós tivemos apresentação em slides, mas nós tivemos alunos que pesquisaram, que vieram com pessoas, com pessoas que eles consideravam que conheciam as tradições, vieram com essas pessoas, com seus depoimentos gravados em vídeo. Então eles fizeram coisas muito bonitas e eu sempre saliento que a turma da 4ª série, que são alunos menores, que foram os que eu mais ajudei, eles nunca se envolviam. Era o momento deles jogarem “stop”, fazer qualquer coisa menos isso e esse ano eles trouxeram a roupa, se caracterizaram, vieram para uma sala e eles mesmos escreveram os textos e os seus poemas, colocaram uma música de fundo e pediram para que eu os gravasse, fizeram um pequeno vídeo. Então, existiu um envolvimento maior e aquilo que era massante pra eles, porque, na verdade, não tem como ser atrativo onde o uso da tecnologia toma conta de tudo, alguém vir com um cartaz e ler uma folhinha. Aquilo se tornou um momento importante, interessante, tanto é que sempre tem um mais saliente que o outro e os pequenos pediam para que eles parassem. Então foi um momento muito interessante. Isso demonstra que a resposta deles quando se utiliza as tecnologias e se dá espaço para eles criarem, é bem melhor, a resposta deles é bem melhor e também o envolvimento é bem maior.

5. Como tu descreverias o interesse e aproveitamento dos alunos? Achas que está diferente? Atribui a mudança à utilização das mídias?

Professora: Aí existe, assim, nós oscilamos. Porque na verdade, quando se chega lá no começo do ano, é maravilhoso, quando estamos perto de julho, oscila aí seja o trabalho que for, e agora mesma coisa, eles estão loucos pra saírem de férias, mas quando eles estão em férias eles estão loucos pra voltar, voltam com todo gás, mas quando chega na metade de novembro eles estão loucos pra saírem de férias de novo. Então, oscila qualquer trabalho que se faça nesses dois períodos, assim. Na verdade eu acredito que o aproveitamento seja maior, por quê? Porque eles passam a, como eu falei, construir aquilo que eles têm que apresentar então eles fixam melhor, eles lembram mais dessas coisas. Por exemplo, esse vídeo que eu estou te falando foi feito há três anos atrás, e o aluno ainda lembra. Eu perguntei para ele e ele disse para mim: “Ah, o do boi velho? Ah, tá o do João Simões Lopes Neto”, eu perguntei para ele agora há pouco. Esse mesmo. Antes disso, se eu tivesse falado em aula para ele, ele ia lembrar do João Simões Lopes Neto? Nem saberia quem é, como tantas vezes já aconteceu, a gente termina um conteúdo e eles “Ah, mas isso foi trabalhado?”, quando se trabalha muitas vezes com algo em aula expositiva, que não pode, não pode ser só uma coisa, a gente precisa utilizar os recursos mas tem que manter essas questões ainda. Então eu acredito que o envolvimento, a resposta o aproveitamento seja maior, por tudo.

6. Quando tu pensas a aula e decides usar alguma mídia, tomas como pressuposto ou baseia-te em que? O recurso é útil para a explicação do tema proposto? Se for, em que sentido?

Professora: Na verdade eu não costumo observar a questão da utilidade pra eu aproveitar, por que assim, ... trabalhando com eles eu tive que aprender muita coisa, tem coisas que eles sabem mais, não é, do que nós? Então, o que é que eu procuro verificar? O que é interessante para eles, não é? Eu sou normalmente, eu costumo, eu sempre digo pra eles: não fizeram, então temos mais um discurso amanhã. Eu sempre procuro conversar bastante com eles, eu tenho uma relação muito boa, muito aberta com os alunos, então, dependendo da proposta eu

esclareço pra eles, olha, nós vamos ter que fazer isso, isso e isso e, no entanto, a professora ainda precisa pesquisar. Não é? Porque na verdade eu ainda não conheço, não domino todas as tecnologias, então eu não olho essa questão da utilidade, eu olho aquilo que vai ser atrativo para eles porque, na verdade, não adianta que eu me envolva e ache que eu fiz uma aula maravilhosa e que estava super engraçado e que aquilo vai ser muito útil para que eu ligue com o meu conteúdo, se eles estiverem pensando em qualquer outra coisa, ou olhando para o teto, coisas nesse sentido. Então, o ponto de conhecer a turma é muito importante, conhecer aquilo que é importante pra eles, não é? Também sempre envolvendo essas questões críticas, tanto no texto escrito quanto quando levo alguma coisa relacionada, ou até mesmo, neste ano eles não assistiram filme por que na verdade foi um ano assim, estou falando do médio, eu não tenho muito por hábito a questão de trazer filme para eles, então seria algo que, por exemplo, A Dona da História, uma aluna veio me dar um exemplo, que é um filme brasileiro, falando da narrativa, não é? Cada situação que a personagem escolhia mudava a história. Seria básico pra explicar pra eles, não é? Seria extremamente útil, mas eu julguei, eu assisti ao filme e julguei, gostei, mas para eles não seria atrativo. Então eu estaria falando, explicando, seria acessível para mim e para a matéria, no entanto, eles estariam fazendo qualquer outra coisa. Então eu procuro sempre partir do ponto daquilo que é interessante, daquilo que eles vão gostar.

7. Tu achas que é possível utilizar as mídias em todo conteúdo com o qual trabalhas? Por quê? Em que ela te ajuda?

Professora: Eu acredito que sim, por que eu vou te contar uma experiência bem interessante. Quando eu fui trabalhar no IF Sul, eu cheguei lá para trabalhar, inclusive este final de semana encontrei um menino que foi meu aluno, ele está fazendo faculdade, ele veio fazer uma prova aqui na escola mesmo, então ele, eu cheguei numa turma para dar aula e estava com a minha agenda na mão e um caderno e eu entrei na sala e só tinha equipamento tecnológico. Computadores, data show e qualquer coisa do gênero. E cada um tinha um laptop e quem não tinha utilizava... Então eu cheguei, eles tinham tudo relacionado a isso e eu cheguei com um caderno e eles começaram a rir. Riram muito, muito, muito no primeiro dia. “Ah professora, a senhora é que veio nos dar aula? Nossa que interessante!” Por que na

verdade eu concorria com tudo isso e ia trabalhar Língua Portuguesa num curso onde existiam todos os recursos. Existiam todos os recursos. Então a primeira aula foi um choque, né? Eu passei a simplesmente conversar com eles, verificar as necessidades e nós trabalhamos um semestre inteiro somente com equipamento, com esse tipo de equipamento. Então eles levavam filmes que tinha alguma coisa que eles queriam analisar, ou algum discurso. Eles levavam material de áudio que eles queriam preparar para uma aula que eles fossem apresentar, por que eles trabalhavam também com isso. As pesquisas, os temas todos eram feitos no computador de cada um. Nós não tínhamos, era uma aula muito interessante porque não tinha papel. Eu corrigia pela Internet, era algo assim, que para mim, num primeiro momento foi muito estranho, por que como eu gosto muito de falar de contato, os meus alunos estão sempre me ligando e me abraçando, aquilo foi muito estranho. Mas foi uma experiência assim, que eu tive que me adaptar e eu tinha que trabalhar com eles com os mesmos conteúdos que eu trabalho, não é? Eu tinha que trabalhar narrativa, texto argumentativo, crase, eu tinha que trabalhar essas coisas pra que eles pudessem desenvolver o TCC e eu tive que trabalhar só com isso. Então, talvez antes se tu me perguntasses, eu ia dizer que não tinha como, mas depois dessa experiência eu acredito que é possível.

OBSERVAÇÕES

Professora A – História

Observação 1

3° ano - 27 alunos em aula

Assunto: Astecas, Aztecas ou méxicas: povos pré-colombianos.

Recebe os alunos com a sala já organizada, cadeiras em semi-círculo o data show ligado. Me apresentou e explicou o motivo de estar ali. Leu para todos uma frase de reflexão e em seguida fez a chamada. A professora reitera o pedido de que os alunos tragam listagem de conteúdos que mais lhes interessa. Diz que o importante é trabalhar para o aluno e não para a instituição.

Começa a apresentação em power point. Aluno pede para apagar a luz.

A professora lê o título e começa o comentário. Fala sobre os povos que viviam no local antes da chegada dos colonizadores, que são segundo ela os exploradores, destruidores que saíram em busca de novas rotas para a construção de capital.

Durante a apresentação os alunos mantém o olhar fixo na professora. Há pouca, quase nenhuma conversa paralela. Um aluno chama a atenção da professora quando ela tenta avançar ao próximo slide e acaba retornando ao anterior, demonstrando estar atento à fala e aos slides mostrados.

Quando fala sobre a obrigatoriedade de trabalhar a cultura indígena e negra hoje, expressa revolta sobre o termo afrodescendente. A opinião é apoiada pelos alunos. Professora diz que todos têm sangue negro e devemos ter orgulho disso. Aluna pergunta por que não falam sobre os “pomeranos”.

Ao tentar avançar o slide a profª pergunta: é para cima ou para baixo, referindo-se às setas do teclado. Aluno questiona se há algum museu próximo que tenha artefatos destes povos. Profª diz que sim, em Porto Alegre, na URGs. Aluna sugere que visitem o museu. Profª diz que sim, mas que tinha vontade de levá-los à Argentina, ao Museu del Plata, para ficarem uma semana visitando o museu.

Poucos alunos anotam o conteúdo (apenas 3) Os demais não abriram a pasta.

Aluna questiona sobre pergunta passada anteriormente sobre a civilização asteca. Diz que está no caderno para responder e pergunta se a professora vai comentar depois. A professora diz que a resposta é pessoal.

Soa o sinal e os alunos saem.

Observação 2

2° ano - 5 alunos em aula

Filme: Jerusalém

A professora recebe os alunos e diz que dará início ao filme que já havia anunciado na semana anterior. Pede auxílio para um aluno pois não há legenda no filme. O aluno opera o computador e coloca a legenda no filme.

Outro aluno pede para a professora maximizar a tela. Ela não consegue e ele interfere.

Começa a exibição do filme.

A professora senta entre os alunos e faz pequenos comentários durante o filme.

“Vejam o que é a fé... eles acreditam no fogo sagrado”. “ A fé te deixa cego, surdo, mudo e sem olfato”. “Vejam que são só homens” (referindo-se à cena que mostra os templos e pessoas orando). Alunos perguntam sobre jejum, abordado no filme. “Não interessa a fé dos outro, interessa é a minha. É uma questão hegemônica, viram? Olha o que ela diz, prestem atenção”, comenta a professora. O filme é bastante monótono.

O final da aula chega, mas o filme ainda não acabou. A professora diz que continuará na próxima semana. Os alunos saem rapidamente.

Professora B - Matemática

1° ano - 18 alunos em aula

Assunto : Matrizes - Programa Winmat (Sala ambiente)

A professora entra juntamente com os alunos e pede que se acomodem em grupos, de acordo com a preferência. Há 13 computadores em aula, dos quais somente 7 funcionam e onde o programa foi instalado. Os alunos formam 5 duplas, 1 grupo de 5 pessoas e 1 grupo de 3 pessoas.

A professora fala sobre o programa e demonstra como usar. Diz que matrizes grandes são difíceis de somar e para ajudar existe um programa que faz isto por nós. Em seguida pede para que os alunos refaçam, utilizando o programa, alguns exercícios feitos anteriormente.

Um dos grupos chama a professora para esclarecer dúvida de como trabalhar no programa. Outro grupo questiona internamente o que é matriz inversa.

A professora vai de grupo em grupo verificando se há dificuldade em trabalhar. Avisa em alto e bom som: “pessoal, multiplicação é o asterisco”. Exemplifica: “Como vão digitar A ao quadrado? $A*A$ ”. Se fosse A ao cubo era $A*A*A$ ”.

Quinze minutos depois de iniciada a tarefa o grupo com 5 participantes ainda não consegue trabalhar. A professora vai até o grupo.

Ela avisa a todos que podem usar o programa para corrigir a folha de revisão que ela passou. Uma aluna encontra diferença. A professora vai verificar e vê que a aluna errou o sinal em uma multiplicação.

Há um casal de namorados no grupo de 5 alunos. Permanecem abraçados durante a realização da tarefa. Uma dupla, sentada ao fundo da sala, ao invés de realizar o trabalho proposto, brinca mexendo nas configurações de tela do computador (brilho, contraste, nitidez, tamanho)

A professora entrega a apostila sobre o programa.

Uma outra dupla trabalha no Graphmática, programa que utilizam em outras ocasiões. Ao acompanhar os grupos a professora diz que o programa é bem fácil, basta digitar os números e clicar em calcular. Outro grupo de 3 alunos abre o programa Graphmática. Antes olha um projeto sobre energia eólica, enquanto a prof^a permanece em outro grupo. Uma aluna chega atrasada (2º período). A aluna do casal de namorados senta no colo do menino. Os dois se beijam.

Alunos mudam a cor da caixa de diálogo do programa. Um grupo troca o mouse do computador. Uma dupla tenta abrir o navegador do internet explorer mas não consegue pois não é permitido.

A professora questiona sobre o que acharam do programa. Aluno diz que acha interessante por que ajuda a estudar. A professora confessa que nunca havia utilizado o programa, mas achou interessante porque permite calcular matrizes grandes. Diz que é de fácil utilização, não precisa ser nenhum gênio p utilizar.

Um outro grupo troca o papel de parede do micro.

Professora chama a atenção de todos para um grupo que conseguiu montar uma matriz grande. Um outro grupo joga paciência.

Alunos voltam para suas classes, deixando os micros de lado.

A professora inicia outro conteúdo (sistemas lineares), apresentando a matéria com o auxílio do Data Show. Diz para prestarem atenção e não se preocuparem em copiar pois deixará o material no xerox.

A professora diz que não sabe a importância da matriz na nossa vida.

Dois dos períodos foram com utilização de Data Show e outro para resolução de exercícios.

Alunos resolvem sozinhos os exercícios, outro em dupla. Aluna pergunta se alguém quer chimarrão e a professora aceita.

Aluna pergunta como se resolve o exercício 2. A professora diz como fazer, mas afirma que vai até a classe da aluna ajudá-la,

Diz que a prova vai até a página 14 da apostila.

Na explicação a professora diz que os sistemas são algo presente no dia-a-dia, ajudando a resolver problemas. Como exemplo cita 3 irmãos que usam linha telefônica para o mesmo fim e quer saber quanto custa o minuto de cada tipo de ligação. (internacional, fixo e celular)

Através de um sistema chega ao resultado que desejava saber.

Professora desliga o data show e vai ao quadro para aplicar o conteúdo anterior, que fará parte da prova, sobre o qual os alunos têm dúvida.

Alguns alunos ouvem rádio no celular, com fones de ouvido (grupo de 5 alunos)

Soa o sinal e os alunos se retiram.

Professora C - Biologia

3º ano - 15 alunos

Assunto : Mitose e meiose

Aula inicia com a entrega de folders sobre a escola. Alunos alvoroçados ao se verem no material (fotos). Professora fala a respeito de utilização da imagem (autorização) e em seguida pede atenção para a aula. Aluna pergunta sobre vestibular, se a professora viu uma questão a respeito do tema.

Dos quinze alunos, cerca de três, não prestam atenção, os demais estão atentos. Começa a exibir o material, slides no data show. Cita o exemplo da minha gravidez para ilustrar. Usa ilustrações relativas ao conteúdo nos slides. Alunos conseguem fazer ligação entre o que a professora fala e o que viram.

Usa imagens animadas para ilustrar o que está explicando. Algumas conversas paralelas, depois de 20 minutos de slides. Professora bate palmas chamando a atenção do grupo. Muitas imagens para ilustrar o conteúdo. Faz comparativo de mitose e meiose através de ilustrações.

Após 25 minutos 7 alunos já não prestam atenção à aula.

Usa mais exemplos de imagens animadas pra a ilustração. O celular da professora toca e ela sai para atender.

Aluna pergunta se homem não é igual à mulher (no que diz respeito à produção de óvulos e espermatozoides). Aluno pergunta se mulher também pode ser impotente. Professora diz que sim. Aluna pergunta sobre gravidez tubária. Ao fim da apresentação dos slides dois alunos dizem “ah, deu!” e professora também. Diz “acabou o calor, se referindo ao fato de ser possível abrir a porta e a janela.

Professora distribui testes revisionais sobre o conteúdo e diz que aproveitem que o conteúdo está fresquinho para verificarem o que aprenderam e quais as dúvidas. Explica que o 4º bimestre é revisão, então ela dá mapas esquemáticos e a partir dos mesmos os alunos produzem os textos sobre o conteúdo. Ela revisa com eles utilizando os slides. As provas aplicadas têm questões de vestibular.

Professora é chamada por diversos alunos nas classes e a atende a cada um. Como algumas dúvidas são semelhantes ela explica novamente para todos de forma oral. Todos os alunos fazem os testes que valem nota. Uma aluna disse que não sabia que valiam nota, pois se soubesse teria feito. A aula encerra e todos saem da sala

Professoras D e E - Português e Literatura

Observação 1

1º ano - 25 alunos

Assunto: Motivação para documentário sobre as Cartas Chilenas

Conversa com a convidada ex-aluna da escola, Natália Leal, formada em jornalismo pela UFRGS, que atua no setor de web jornalismo da ZH.com.

A conversa inicia com a apresentação da convidada, ex-aluna da escola, que fala um pouco a seu respeito. Ela motiva através da fala os alunos a exporem suas dúvidas. A maioria permanece em silêncio, observando, mas alguns lançam suas questões. Como fazer, o que e onde procurar?

A palestrante afirma que para a realização do trabalho é preciso ter domínio do assunto, pesquisar e fazer o planejamento daquilo que se deseja ter como resultado. Afirma que nenhum filme é feito sem que se respeite estes quesitos.

A professora “D” intervém, afirmando que eles precisam ler o material. Receberam dela as Cartas Chilenas no formão original, entretanto uma aluna encontrou a tradução na Internet. Assim, eles possuem ambas. Ela sugere que procurem os professores de história a fim de entenderem melhor o contexto histórico.

A convidada reitera a afirmação da professora dizendo que eles não precisam fazer isto sozinhos, podem contar com a ajuda de diversos professores, que já poderiam ter respondido a muitas perguntas que surgem naquele momento. Ela lembra que nos filmes tu estás contando uma história para outras pessoas.

Uma aluna intervém, questionando se um documentário é um pouco de entrevista misturado com outras coisas. Afirma estar se sentindo perdida em relação ao que colocar no trabalho.

A professora explica que eles deverão trabalhar utilizando imagens da Internet, já que não poderão ir pessoalmente até Minas Gerais.

A palestrante afirma que os alunos têm uma vantagem: como o documentário será exibido apenas na escola, podem utilizar qualquer imagem, ao contrário do que se fossem exibir o material fora, onde as imagens têm direitos autorais. Ela aconselha a procurarem na Internet, onde existem milhares de documentários.

Incentiva os alunos a pensarem na história que irão contar, escolher uma maneira de fazerem isto. Separa a turma nos grupos de trabalho e pede que separem uma folha onde irão anotar tema, objetivo, tipo de imagem, tipo de entrevista e como acham que farão para atingir o objetivo desejado.

Durante a reunião nos grupos uma aluna pergunta: “Sôra, o nosso trabalho é uma biografia ou bibliografia?” A professora responde.

A convidada passa nos grupos explicando novamente o que devem fazer.

A professora lembra que cada grupo é responsável por nove minutos do vídeo. Um líder de cada grupo deverá se reunir com os demais líderes e juntos deverão montar um único vídeo de 45 minutos.

A apresentação do trabalho fica marcada para o dia 9/12.

Uma aluna pergunta à palestrante qual programa podem usar para editar o material. Ela sugere o programa Movie Maker.

Como não há mais dúvidas, a reunião é encerrada e todos saem da sala.

Observação 2

1º ano - 18 alunos

Assunto: Apresentação do documentário sobre as Cartas Chilenas

Professora “D” pergunta aos alunos se todos os fragmentos estão reunidos em um único material, ao que eles respondem que não. Ela lembra que foi solicitado que todos os grupos reunissem o material em um único DVD. O não cumprimento do pedido será descontado da nota final.

Tem início a apresentação.

1º grupo: a narração é incompreensível. O material mostra alguns slides com imagens, outros com textos e música de fundo. Duas cartas foram comentadas, sendo que praticamente nada se entendia da narração. Algumas imagens, gravuras da época em que foram escritas as cartas, mas a maioria é atual. Alguns alunos

assistem ao vídeo, outros conversam e um casal namora no fundo da sala. A maioria das imagens não apresenta legenda.

O cabo de áudio apresenta problema, impedindo que em alguns momentos fosse ouvida a trilha sonora. Pausa na apresentação para que um aluno fosse em casa buscar um novo cabo de som.

A professora questiona os alunos sobre a conduta durante a realização do trabalho, se houve falta de informação ou problema na compreensão do que foi proposto. Explica que um documentário é um único filme e não vários fragmentos.

Chega o novo cabo de som e a apresentação recomeça.

2º grupo: Slides a maioria textuais, com trilha sonora. Alguns com imagens 3ª e 4ª cartas. No meio da apresentação o som desaparece, mas o problema é no arquivo e não no equipamento.

3º grupo: Slides com imagens ao fundo e texto sobrescritos. O texto muda mas a imagem permanece a mesma, durante a maioria dos slides. A mudança do texto ocorre sempre no mesmo sentido e direção. O grupo não cumpre o tempo mínimo exigido, fazendo uma apresentação de apenas 5 minutos.

4º grupo: material com narração, que explica através da fala qual o teor das cartas, enquanto no vídeo são exibidas algumas imagens. O cabo de áudio apresenta problemas novamente e é substituído. Uma nova narradora assume a narração do material. O material como um todo é um pouco mais bem elaborado.

O 5º grupo não apresentou o trabalho

A professora “E” afirma que só dará nota depois que todo o material estiver reunido em um único DVD.

A professora “D” diz que os trabalhos apresentados não eram um documentário, deixando a desejar. Faltaram legendas, músicas, imagens e gerando desconexão. Uma aluna concorda dizendo que houve falta de interesse por parte dos alunos, que não se procuraram nos grupos para falar sobre o trabalho. A apresentação encerra e todos deixam a sala.

FOTOS

Colégio Alfredo Simon – Aula de Biologia



Professora distribui material após a apresentação de slides sobre o conteúdo



Professora explica as atividades que deverão ser realizadas slides

Colégio Alfredo Simon – Aula de Português e Literatura



Conversa com a convidada ex-aluna da escola, Natália Leal, formada em jornalismo pela UFRGS, que atua no setor de web jornalismo da ZH.com.



Conversa com a convidada ex-aluna da escola



Alunos reunidos em grupo para a organização de assuntos relacionados ao documentário



A convidada percorrendo os grupos a fim de responder os questionamentos feitos pelos alunos



Preparativos para a apresentação do documentário realizado pelos alunos



Preparativos para a apresentação do documentário realizado pelos alunos



Professora organizando o início da apresentação dos trabalhos



Apresentação do trabalho de um dos grupos

Instituto Federal Sul Rio Grandense - IF Sul – Aula de Matemática



Equipamento disponível para utilização



Alunos reunidos para utilizar os computadores



Alunos reunidos para resolver os exercícios



Alunos reunidos para resolver os exercícios



Alunos reunidos para resolver os exercícios



Professora nos grupos respondendo as dúvidas

AUTORIZAÇÕES

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)